

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL.

DA ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL E DEMAIS PROGRAMAS DO MOBRL/
SUAS PUBLICAÇÕES

MOBRAL Central

RIO DE JANEIRO, 19 de março de 1981

O MOBRAL

HISTÓRICO

O MOBRAL foi criado pela Lei 5.379, de 15/12/67. Iniciou suas atividades, regularmente, a 8 de setembro de 1970, DIA INTERNACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO. Sua atuação foi precedida de uma avaliação das prioridades educacionais, sociais e econômicas da sociedade brasileira, que identificou como propício o momento para o lançamento de um vasto programa de Alfabetização, fornecendo ainda subsídios que permitiram estabelecer a estratégia do Movimento, de modo a assegurar-lhe pronta deflagração e viabilidade.

OBJETIVOS

A erradicação do analfabetismo e a educação continuada de adultos eram os principais objetivos do MOBRAL. Imperioso se tornava que ainda na década de 70, o analfabetismo fosse eliminado do quadro social brasileiro, já que, nas proporções em que se apresentava, era incompatível com os esforços e anseios da criação de uma sociedade moderna e desenvolvida. Igualmente imperioso era proporcionar, aos alfabetizados, oportunidades de educação a níveis mais elevados, numa perspectiva mais ampla de educação permanente.

PRIORIDADES

Ao iniciar suas atividades, o MOBRAL estabeleceu prioridades nas quais baseou sua ação:

Atendimento imediato à população urbana analfabeta

Esta população podia ser recrutada com maior rapidez, pois as facilidades da vida urbana permitiam a pronta instalação dos postos de alfabetização e a mobilização de professores.

Além disso, a população urbana é a que mais se ressentia das ca rê nc ias educacionais, tendo em vista a complexidade da vida mo de r na e o sentido altamente competitivo da sociedade industrial; e, ainda, porque os adultos alfabetizados são elementos importantes na produtividade do sistema econômico.

Embora o atendimento imediato fosse à zona urbana, to rn ou se logo expressivo o número de postos que atendiam à população rural.

Atendimento prioritário da faixa etária de 15 a 35 anos

Esta faixa etária apresenta maior probabilidade de de ve l ve r, em termos de acréscimo de produtividade, os recursos in ve st idos em sua formação. Além disso, há maior facilidade no ajustamento social desse grupo etário, por oferecer menor res is t ê nc ia às mudanças.

É importante consignar que não foram excluídos, pelo sistema MOBREAL, os grupos etários abaixo ou acima da faixa con s id er ada prioritária.

Ênfase no Programa de Alfabetização sobre os de Educa ção Continuada

Esta abordagem justificava-se pelo caráter mais democrático da alfabetização, que satisfaz às necessidades socioeco
nômico-culturais de maior número de pessoas, além de apresentar maior dimensão em termos de justiça social, uma vez que os anal f abetos constituíam o contingente populacional de menor renda no quadro da população total.

CARACTERÍSTICAS

Eleitas as prioridades, o Movimento necessitava ter ca

racterísticas ajustadas às dimensões do problema e que garantissem não só a viabilidade como o êxito do programa, respeitando as prioridades já estabelecidas. Estas características básicas eram:

a) Fontes de recursos financeiros próprios de natureza orçamentária, garantindo a plena execução do programa. Esses recursos constavam de 24% da receita líquida da Loteria Esportiva Federal; deduções voluntárias de 1% do imposto de renda devido pelas pessoas jurídicas e receita orçamentária que, somados, totalizavam, em 1972, cerca de 160 milhões de cruzeiros.

b) Criação das Comissões Municipais como célula básica de atuação do MOBREAL, realizando, em todo o País, inédito movimento comunitário, que viria apresentar e levado dinamismo, refletindo-se no recrutamento dos analfabetos e na mobilização dos recursos da comunidade (físicos, humanos e financeiros).

c) Apoio da iniciativa privada, que respondeu imediatamente à solicitação de grandes tiragens de material didático, a custos baixos e com colocação assegurada em qualquer ponto do território nacional.

Definidas as prioridades e estabelecidas as características básicas do MOBREAL, bastava acionar os mecanismos que deflagariam o movimento em âmbito nacional.

Uma vasta campanha publicitária despertou os primeiros movimentos comunitários que se alastraram por todo o País, aproveitando a enorme capacidade ociosa das instalações e o potencial de alfabetizadores recrutáveis e proporcionaram, assim, um sensível impacto político, permitindo a consolidação da "mistica da educação", necessária à implementação e à consolidação dos diversos projetos educacionais consubstanciados no Programa do Governo Federal.

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

Tendo em vista os objetivos e a estratégia propostos, a estrutura e o funcionamento do MOBREAL basearam-se nas linhas de orientação que se seguem:

- descentralização das ações;
- centralização do controle;
- relacionamento entre os diversos setores estabelecidos a partir de necessidades funcionais e não hierárquicas;
- fixação de objetivos como condição essencial para o funcionamento e a coerência entre os relacionamentos.

O PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Desde logo, estabeleceram-se os objetivos específicos do Programa de Alfabetização Funcional.

Eles visavam levar o alfabetizando:

- à aquisição de um vocabulário que permitisse um aumento de conhecimentos, à compreensão de orientações e ordens transmitidas por escrito e oralmente, à expressão clara de idéias e à comunicação escrita ou oral;
- ao desenvolvimento do raciocínio;
- à criação de hábitos de trabalho;
- ao desenvolvimento da criatividade, visando entre outros, ao aproveitamento de todos os recursos disponíveis a fim de melhorar as condições de vida;

- ao conhecimento de seus direitos e deveres;
- ao empenho na conservação da saúde, na melhoria das condições de higiene pessoal, da família e da comunidade;
- à compreensão da responsabilidade de cada um na manutenção e melhoria das condições de limpeza e dos bens e serviços públicos da comunidade;
- à descoberta das formas de vida e bem-estar social dos grupos que participam do Desenvolvimento, à motivação para ser CONSTRUTOR E BENEFICIÁRIO desse desenvolvimento.

MÉTODO E MATERIAL DIDÁTICO

O MOBREAL não elegeu, por antecipação, nenhum método específico de alfabetização.

Pretendia-se a utilização dos diversos métodos conhecidos para, em função dos resultados iniciais obtidos, selecionar-se os melhores, atendendo às particularidades de cada região e de cada grupo populacional envolvido.

Após esta fase, o MOBREAL elegeu sua própria metodologia que se caracteriza em dar ao adulto consciência de sua condição de Homem e de suas possibilidades para se realizar como Pessoa, orientado, portanto, numa perspectiva existencial.

Do ponto de vista psicológico, se fundamenta nas motivações internas do indivíduo (adulto) e no estudo de interesses, dificuldades e possibilidades do analfabeto.

Sob o enfoque social, a mola mestra é a inserção do indivíduo na comunidade como agente e sujeito da transformação do mundo em que vive.

Do ponto de vista pedagógico, todo o trabalho é orientado sob o enfoque de uma pedagogia existencial, o que significa colocar o homem diante do mundo e lhe propiciar os elementos necessários ao seu desenvolvimento pessoal; mais ainda, promover o desenvolvimento da comunidade a que pertence, construindo seu próprio mundo.

Atendendo a esta metodologia, o material didático utilizado pelo MOBRAL foi elaborado pelos Departamentos de Educação de várias editoras. A idéia básica que orientou sua elaboração foi a escolha de palavras-chave que são usuais em todo território nacional e que aparecem com elevada frequência na linguagem comum. É um método silábico fonético, sendo que as palavras geradoras se fundamentam nas necessidades básicas do Homem.

Tal material foi analisado pela equipe técnica do MOBRAL/Central, que se preocupou em selecioná-lo de acordo com sua adequação à realidade do educando, de modo a levá-lo a integrar-se no seu grupo e na sociedade, tornando-se um elemento participante no desenvolvimento do País.

(Extraído e adaptado de SISTEMA MOBRAL, 1973)

A ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL

Adélia Maria Nehme Simão e Koff

Ana Margarida de Mello Barreto Campello

A análise da evolução do Programa de Alfabetização Funcional basear-se-á na identificação das características tomadas por este Programa, em função de aspectos ou dados da própria realidade e dos objetivos a atingir, buscando-se sempre, nesta análise, ter uma visão global desse desenvolvimento em termos de Brasil.

A evolução do Programa de Alfabetização Funcional não pode ser isolada da evolução do MOBRAL como um todo. Muitas das características tomadas por esse Programa, em determinados momentos, nada mais são do que o reflexo de mudanças na estrutura e funcionamento dessa Fundação. O universo de estudo e análise neste caso, no entanto, limitar-se-á apenas ao Programa de Alfabetização Funcional.

Numa visão retrospectiva, pode-se identificar nessa evolução três períodos perfeitamente distintos e que têm características próprias. Esses períodos, entretanto, não são considerados estanques. Pelo contrário, o embrião das mudanças, que se concretizarão na etapa seguinte, quase sempre poderá ser encontrado no período anterior.

O Programa de Alfabetização Funcional apresenta-se, em 1970, como uma resposta às necessidades de uma população marginalizada, até então, pelo sistema regular de ensino. E esta resposta é dada de forma mais acessível do que aquelas oportunidades de escolarização existentes.

A linha de trabalho adotada foi, estrategicamente mais

informal do que aquela utilizada pelo sistema de ensino da época. Isto pode ser sentido em aspectos tais como:

- 1) formação de classes próximas às residências dos alunos e funcionando em qualquer local disponível da comunidade;
- 2) utilização de alfabetizadores recrutados entre os elementos dessa comunidade e sem ser, necessariamente, pessoas com formação específica para o magistério.

A mobilização, nesse período, foi orientada prioritariamente para os adultos analfabetos, residentes na zona urbana e pertencentes à faixa etária de 15 a 35 anos. Acreditou-se, naquele momento, que a população urbana analfabeta poderia ser recrutada num período de tempo mais curto, sendo também mais fácil a instalação de classes e a mobilização de professores. Estas pessoas estariam mais motivadas para a alfabetização pelas próprias condições de vida, numa sociedade urbana. Por outro lado, a faixa etária de 15 a 35 anos seria aquela em que haveria maiores probabilidades de retorno, no que concerne à sua produtividade, em relação ao investimento realizado.

A prioridade preestabelecida só foi confirmada no que se refere à faixa etária, uma vez que a zona rural, talvez pela sua carência em termos de educação elementar, mostrou ser muito receptiva ao Programa. A zona urbana mais desenvolvida apresentava algumas dificuldades, como:

- 1) resistência a mudanças, inclusive metodológicas;
- 2) resistência a trabalho voluntário;
- 3) falta de disponibilidade da clientela, submetida a horários, extremamente rígidos, de trabalho.

Assim, em 1973, o estudo da distribuição por zonas das classes de alfabetização funcional demonstrava que 67,6% dessas classes já estavam localizadas na zona rural.

O segundo período, que se estende de 1973 a 1976, pode ser caracterizado como uma fase de consolidação e sustentação do Programa.

Nessa fase, todos os municípios brasileiros são atingidos, como decorrência de uma expansão planejada. Já então o trabalho anual é definido em função de metas, marcando assim o período em termos de uma ação mais direcionada para o atingimento do objetivo quantitativo, ou seja, a erradicação do analfabetismo em 1980.

À medida em que o índice de analfabetismo no Brasil foi se reduzindo, verificou-se maior dificuldade de atingimento dessas metas, pois a parcela da população adulta analfabeta, que deveria ainda ser atendida, apresentava cada vez mais peculiaridades negativas tais como: deficiências visuais, subnutrição, falta de motivação e características sócio-econômicas que prejudicavam seu atendimento.

Em outras palavras, à medida que parte da população adulta vai sendo alfabetizada, o resíduo resultante apresenta dificuldades crescentes.

Grupos populacionais com características específicas, pescadores, operários da construção civil, por exemplo, para cujo atendimento é necessária uma forma especial de atuação, passam a ter maior significância em função da meta a ser atingida. Dessa forma, o final do período, que ora analisamos, caracteriza-se por uma pressão das Coordenações Estaduais, para que estratégias especiais de implantação e desenvolvimento do Programa sejam elaboradas, visando o atingimento da clientela que passa a se mostrar refratária à forma de desenvolvimento do Programa, até então utilizada.

Essa diversificação do PAF é a característica principal do período que se inicia em 1977, diversificação realizada em função da clientela a ser atendida. Começa-se, assim, a

dar ênfase à utilização de recursos tecnológicos, como o rádio e a televisão, e à necessidade de um diagnóstico mais profundo da situação, para embasar a elaboração das diferentes estratégias de desenvolvimento do Programa.

Também em 1977, é definida pelo MOBRAL Central uma estratégia de ação diversificada, em função de blocos de estudos, organizados de acordo com a concentração de adultos analfabetos, o que define um atendimento específico, uma concentração de recursos ou uma ênfase maior ao Programa de Alfabetização Funcional naquelas unidades da Federação onde a situação assim o exige.

Tendo em vista a caracterização dos períodos acima evidenciada, serão enfocados a seguir alguns aspectos que devem nortear a análise do desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional.

A abordagem desses aspectos tomará como base os períodos acima caracterizados, buscando-se mostrar a evolução do Programa de Alfabetização Funcional de forma dinâmica e não simplesmente cronológica.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O Programa de Alfabetização Funcional visa conduzir a pessoa humana a adquirir as técnicas de leitura, escrita e cálculo, como meio para integrá-la à sua comunidade, permitindo a obtenção de melhores condições de vida.

Esse Programa tem os seguintes objetivos específicos:

- 1) desenvolver nos alunos as habilidades de leitura, escrita e contagem;
- 2) desenvolver um vocabulário que permita o enriquecimento de seus alunos;

- 3) desenvolver o raciocínio, visando facilitar a resolução de seus problemas e os de sua comunidade;
- 4) formar hábitos e atitudes positivas, em relação ao trabalho;
- 5) desenvolver a criatividade, a fim de melhorar as condições de vida, aproveitando os recursos disponíveis;
- 6) levar os alunos:
 - a conhecerem seus direitos e deveres e as melhores formas de participação comunitária;
 - a se empenharem na conservação da saúde e melhoria das condições de higiene pessoal, familiar e da comunidade;
 - a se certificarem da responsabilidade de cada um, na manutenção e melhoria dos serviços públicos de sua comunidade e na conservação dos bens e instituições;
 - a participarem do desenvolvimento da comunidade, tendo em vista o bem-estar das pessoas.

Espera-se, assim, oferecer, através de uma metodologia específica, oportunidades de desenvolvimento não só da escrita, da leitura e do cálculo, mas também da formação para a responsabilidade, para a liberdade, capacitando o homem para sua inserção e ação na sociedade a que pertence, respondendo às necessidades da comunidade.

Todo o trabalho metodológico do Programa de Alfabetização Funcional está baseado em técnicas de trabalho em grupo, em ajuda mútua e inserção comunitária. Desenvolvimento pessoal e desenvolvimento comunitário estão intimamente relacionados, um não se fazendo sem o outro.

Pode-se dizer, ainda, que o conteúdo da atividade edu

cativa tem origem da vida do homem. Este conteúdo, que é parte da vivência do educando, é enriquecido durante o processo educativo e vivenciado mais uma vez pelo sujeito do processo.

O método utilizado se fundamenta no aproveitamento das experiências significativas da clientela. Usa palavras geradoras que se apóiam nas necessidades básicas do homem, o que garante o interesse e envolvimento dos alunos. Essas palavras têm uso universal nas várias regiões brasileiras.

No ensino de cada uma das palavras geradoras, se recomenda obedecer a uma série de procedimentos, a seguir enumerados, que conduzirão ao desenvolvimento adequado do processo de alfabetização funcional:

- 1) apresentação e exploração do cartaz gerador;
- 2) estudo da palavra geradora, depreendida do cartaz;
- 3) decomposição silábica da palavra geradora;
- 4) estudo das famílias silábicas, com base nas palavras geradoras;
- 5) formação e estudo de palavras novas;
- 6) formação e estudo de frases e textos.

Veremos, agora, de modo mais pormenorizado, as fases ou passos do processo de ensino-aprendizagem.

- 1) Apresentação e exploração do cartaz gerador

De início, o aluno não lê ou sequer vê escrita a palavra que já está presente, em imagem, no cartaz apresentado pelo professor.

Desinibindo os alunos nas primeiras aulas de cada palavra geradora e estimulando-lhes motivações internas, o debate sobre o cartaz gerador desperta-lhes o interesse, levando-os a descobrir, concluir e fixar. Enfim, a participar integralmente do processo.

O papel do alfabetizador, nesta fase, é o de estimular, através de perguntas e depoimentos — surgidos de técnicas adequadas de grupo —, a reflexão, auxiliando os alunos na comunicação e expressão com clareza de seus pensamentos, experiências e conclusões.

A sistematização e síntese das conclusões e idéias principais apresentadas, durante o debate, constituem a etapa de fixação dos conhecimentos obtidos. (Ver Anexo 1)

2) Estudo da palavra geradora

As palavras geradoras, como se citou anteriormente, são selecionadas a partir das necessidades humanas básicas, tendo, assim, pertinência semântica em relação ao mundo físico ou psíquico do aluno, ao seu contexto social e profissional.

Aproveitando as palavras geradoras, dos diversos conjuntos didáticos, em uso no Programa de Alfabetização Funcional, assim exemplificaríamos:

NECESSIDADES BÁSICAS (campos semânticos: exploração do cartaz e do significado da palavra)	PALAVRAS GERADORAS (forma significante: aprendizagem da leitura e escrita)
EDUCAÇÃO SAÚDE ALIMENTAÇÃO HABITAÇÃO LAZER TRABALHO PREVIDÊNCIA SOCIAL VESTUÁRIO LIBERDADES HUMANAS	ESCOLA/PROFESSORA REMÉDIO/VACINA COMIDA/PANELA/COZINHA TIJOLO/CASA RÁDIO/FUTEBOL/VIAGEM TRABALHO/MÁQUINA HOSPITAL/TRABALHO/UNIÃO SAPATO/PLÁSTICO VIDA/FAMÍLIA/FÉ/AMOR

À medida que o aluno vai desenvolvendo sua capacidade de leitura, as séries de palavras com denominador semântico comum vão sendo melhor aproveitadas, através de leituras contex -

tuais. (Ver Anexo 2)

3) Decomposição silábica da palavra geradora

Do todo expressional (a palavra como forma sonora) se chega às partes componentes (sílabas).

Além disso, a decomposição silábica, com valorização fonêmica, permite que o aluno fixe, de imediato, as estruturas silábicas, partindo de esquemas simples e possibilitando chegar a esquemas complexos.

4) Estudo das famílias silábicas

Decomposta a palavra geradora em sílabas, leva-se o aluno a conhecer as famílias silábicas correspondentes. Várias atividades de fixação devem ser realizadas nessa etapa.

5) Formação e estudo de novas palavras

Conhecidas as famílias silábicas, torna-se necessário fazer o aluno perceber a função dessas sílabas, senti-las vivas e atuantes na língua, formando novas palavras. Assim, a sílaba (por ex: ba) será não só reconhecida como manipulada pelo aluno, na formação da unidade lingüística superior: a palavra (batuque, banana, trabalho, goiaba). Prevê-se, também, a discussão sobre o significado de cada palavra descoberta.

6) Formação e estudo de frases e textos

A partir do estudo de palavras, o aluno forma frases e textos. Essa etapa é importante. Enquanto os alunos estão fixando as palavras estudadas, também aprendem a expressar as idéias, oralmente e por escrito. (Ver Anexo 3)

O progresso do aluno é gradual, aos poucos vão surgindo frases e pequenos textos suplementares. Durante o curso o aluno

no recebe livros de leitura continuada para exercitar e ganhar velocidade na leitura. (Ver Anexo 4)

O ensino da escrita é paralelo ao da leitura. Quando na palavra geradora aparece um fonema que pode ser registrado de formas diferentes, todas essas formas são ensinadas, evitando-se, assim, a redundância fonêmica de uma nova palavra geradora e enfatizando-se um fonema já estudado.

A ortografia é objeto de cuidados, sem que lhe seja dada uma ênfase capaz de transformá-la em obstáculo ao processo de alfabetização.

O ensino da matemática é paralelo ao da leitura e escrita. O alfabetizador parte da verificação dos conhecimentos que os alunos já possuem, sistematizando-os e ampliando-os. O processo se completa com a aplicação dos conhecimentos adquiridos em situações práticas. (Ver Anexo 5)

A metodologia adotada pelo MOBRAL representa, dessa forma, um esforço no sentido de atender as características individuais do alfabetizando, cuidando não apenas das suas necessidades, limitações e possibilidades, mas também dos interesses da comunidade.

A seguir será enfocado o desenvolvimento de alguns aspectos que, ao nosso ver, fazem parte da metodologia do Programa de Alfabetização Funcional, e cuja análise é imprescindível quando se busca traçar sua evolução.

MÉTODO

Na fase de implantação do Programa de Alfabetização Funcional foram adotados métodos conhecidos para, em função dos resultados iniciais obtidos, selecionar-se o que melhor pudes se atender as necessidades de um programa de massa, sendo flexível o suficiente para atender as particularidades de cada re-

gião e de cada grupo populacional envolvido.

Pode-se afirmar que, após a fase de implantação, o mê todo permaneceu constante. Na realidade, a variação que ocorreu diz respeito, apenas, às orientações para sua aplicação. Por outro lado, tais alterações ocorreram com maior ênfase a partir de 1977, ou seja, durante a fase de diversificação do programa.

Citaremos algumas dessas modificações, pois, por seu caráter específico e particular, não dão lugar a uma análise mais profunda. São elas:

- 1) menor ou maior ênfase ao uso do cartaz gerador, no momento da exploração da palavra;
- 2) uso de outros materiais ou recursos para decodificação da palavra, usando o cartaz gerador, para enriquecimento de aspectos gerais;
- 3) ênfase maior às técnicas de ler, escrever e contar, nos três primeiros meses. Nos dois meses restantes é dada continuidade à aprendizagem da leitura, escrita e cálculo, abordando-se também assuntos gerais, ligados às demais necessidades do aluno, que vêm garantir a funcionalidade global. Nesse momento, mais que no primeiro, é enfatizada a realização de atividades extraclasse, tais como a participação dos alunos em outros programas do MOBREAL.

É importante frisar que essas mudanças nas orientações partiram do MOBREAL Central, numa linha não diretiva, ou seja, as Coordenações têm autonomia para optarem pela forma que lhes parece mais adequada, para o desenvolvimento do processo de alfabetização.

RECURSOS

Desde o momento de implantação que, para o desenvolvi

mento do Programa, é distribuído, tanto para os alfabetizados quanto para os alunos, o material didático necessário.

O conjunto didático básico do PAF é constituído de livro de leitura, livro de exercícios de linguagem e livro de matemática para o aluno, do livro do alfabetizador e, ainda, de um conjunto de cartazes geradores. (Ver Anexo 6)

É importante mencionar que o material didático básico em uso foi elaborado por diferentes editoras. A unidade dos diferentes materiais é garantida pela metodologia adotada e pelo controle qualitativo realizado pelo MOBRAL. Em termos globais, a concepção desse material permaneceu constante, durante o desenvolvimento do Programa e desde sua implantação.

No final de 1977, o conjunto didático do alfabetizador sofreu uma reformulação bastante importante, pois passou a fazer parte do mesmo o "Roteiro de Orientações ao Alfabetizador", elaborado pelo MOBRAL, no qual são abordados os diversos aspectos metodológicos do Programa de Alfabetização Funcional. Pretendeu-se, assim, aprimorar a capacitação dos alfabetizadores e dos diversos elementos envolvidos no desenvolvimento desse Programa. Por outro lado, o "Manual do Alfabetizador" — específico de cada editora — passou a dar apenas orientações, tendo em vista as características do material elaborado pelas mesmas. (Ver Anexo 7)

Além desse material, os alunos e alfabetizadores recebem o material didático complementar constituído de livros de leitura continuada e jornais que servem de apoio e enriquecimento ao processo de alfabetização.

Em relação aos jornais, ressaltamos que cada período é marcado pelo lançamento de um novo título. "Jornal do MOBRAL", no primeiro período; no segundo, o "Jornal Mural do MOBRAL" e, no terceiro, o "Jornal Rural", editado sob o patrocínio do Banco do Brasil.

Quanto ao uso de outros recursos, o terceiro período distingue-se dos demais pela utilização de meios tecnológicos— rádio e televisão — para a veiculação do Programa de Alfabetização Funcional. Em 1977, foi implantado o PAF - via Rádio, em recepção organizada.

AVALIAÇÃO DO ALUNO

Outro aspecto importante do contexto metodológico é o de avaliação.

O MOBREAL elaborou uma série de itens para orientar e auxiliar o alfabetizador, na tarefa de identificar se o aluno pode ou não ser considerado como alfabetizado e, mais ainda, se está ou não pronto para prosseguir em estudo mais avançado.

Durante os dois primeiros períodos, esses itens eram apresentados em forma de lista, chamada decálogo, e no qual se fixava que, para ser considerado alfabetizado, o aluno adulto devia:

- 1) saber ler e escrever seu próprio nome, endereço e de toda a sua família;
- 2) saber ler e escrever ordens escritas;
- 3) ser capaz de escrever pequenos bilhetes, passar telegramas e recibos, bem como redigir requerimentos, se for orientado para isso;
- 4) saber resolver pequenos problemas, simples, sobre os acontecimentos do dia-a-dia;
- 5) saber somar e conferir notas de compra;
- 6) saber calcular os gêneros alimentícios que precisa comprar para a família;
- 7) saber fazer troco com o dinheiro em circulação (notas e moedas);
- 8) fazer o cálculo do tempo necessário, para viagens e deslocamento em condução;

- 9) saber expressar-se oralmente e por escrito de maneira simples e compreensível;
- 10) saber ler e interpretar pequenos trechos (jornais, revistas, cartas etc.)

No decorrer desses dois primeiros períodos, no entanto, sentiu-se a necessidade de operacionalizar esse decálogo, para que se tornasse de mais fácil utilização pelo alfabetizador.

Foram, então, repensados esses requisitos, para que se pudesse considerar o aluno como alfabetizado, sendo os mesmos reformulados em termos de objetivos terminais e intermediários.

Dessa forma, foi estabelecido que, para ser considerado alfabetizado, o aluno deve ser capaz de:

- 1) identificar o conteúdo dos textos e das frases que lê;
- 2) escrever textos e frases com sentido completo;
- 3) resolver situações-problema, envolvendo as quatro operações com números de 1 e 2 algarismos, com e sem agrupamento;
- 4) resolver situações-problema que envolvam medidas de comprimento (m, cm, km), cálculo de perímetro, medida de capacidade (ℓ), medidas de massa (g e kg), medidas de valor (cruzeiro e centavos), medidas de tempo (dia, mês, hora etc.), utilizando quantidades inteiras e frações.

Esses objetivos, acima expostos, são considerados terminais e, para serem alcançados, é necessário que o aluno atinja objetivos intermediários, que são:

- 1) dar, oralmente, o significado da palavra geradora;

- 2) identificar a palavra geradora;
- 3) relacionar a palavra geradora escrita com o seu significado;
- 4) escrever a palavra geradora;
- 5) separar as sílabas da palavra geradora;
- 6) discriminar as sílabas da palavra geradora;
- 7) distinguir as famílias silábicas da palavra geradora;
- 8) formar, oralmente, novas palavras com as famílias silábicas da palavra geradora;
- 9) dar, oralmente, o significado da nova palavra formada;
- 10) ler as palavras formadas com as famílias silábicas estudadas;
- 11) escrever novas palavras com as famílias silábicas estudadas;
- 12) ler qualquer palavra;
- 13) escrever qualquer palavra;
- 14) formar frases oralmente;
- 15) ler frases;
- 16) escrever frases;
- 17) ler textos;
- 18) reproduzir, oralmente, um texto lido, usando as próprias palavras;
- 19) escrever textos.

Em matemática, são os seguintes os objetivos intermediários:

- 1) ler e escrever números de um algarismo;
- 2) adicionar e subtrair números de um algarismo;
- 3) multiplicar e dividir com números de um algarismo;

- 4) ler e escrever números de dois algarismos;
- 5) adicionar e subtrair, sem agrupamento, usando números de dois algarismos;
- 6) multiplicar e dividir números de dois algarismos por números de um algarismo, sem agrupamento;
- 7) somar e subtrair com agrupamento, usando números de dois algarismos;
- 8) identificar as unidades de medida de comprimento (m, cm, km);
- 9) ler e escrever medidas de comprimento (m, cm, km), envolvendo somente números inteiros;
- 10) ler e escrever medidas de comprimento (m, cm, km), envolvendo os números fracionários $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$;
- 11) operar com medida de comprimento (m, cm, km);
- 12) identificar as medidas de valor (cruzeiro e centavo);
- 13) ler e escrever medidas de valor, envolvendo só cruzeiros;
- 14) ler e escrever medidas de valor, envolvendo cruzeiros e centavos;
- 15) operar com medidas de valor, envolvendo cruzeiros e centavos;
- 16) identificar unidades de medida de tempo (hora, dia, semana, mês etc);
- 17) ler e escrever medidas de tempo, envolvendo números inteiros;
- 18) ler e escrever medidas de tempo, envolvendo números fracionários;
- 19) operar com medidas de tempo;
- 20) identificar as figuras geométricas planas - quadrado, retângulo, triângulo;

21) calcular o perímetro de figuras planas.

O alfabetizador, devidamente orientado, tem toda a autonomia para considerar seu aluno como alfabetizado ou não. A avaliação é realizada durante o próprio processo de alfabetização, permitindo, através do conhecimento do ritmo de aprendizagem de cada um dos alunos, um trabalho que leve em consideração as diferenças individuais.

Além desses objetivos, que dizem respeito especificamente à área cognitiva, devem também ser levados em conta os objetivos geral e específicos do Programa de Alfabetização Funcional, explicitados no início desse estudo.

Em síntese, pode-se dizer que, no tocante à metodologia do Programa de Alfabetização Funcional, as modificações que ocorreram durante esses sete anos traduzem uma busca de aprimoramento de seus diversos aspectos, e, também, uma necessidade de flexibilidade das orientações dadas. Por outro lado, buscou-se, ainda, dar ao alfabetizador mais e melhores recursos que possibilitassem uma aplicação mais produtiva da metodologia.

ESTRATÉGIA

Por estratégia de desenvolvimento do Programa entendem-se as características de seu funcionamento, a sua estrutura.

Para a implantação do Programa em cada município, uma série de etapas de trabalho devem ser realizadas. Nesse estudo não temos condições de descrever, exatamente, como essa implantação acontece, pois as variáveis que interferem são múltiplas. Será feito, apenas, um resumo do que, em linhas gerais, deve ocorrer.

A primeira etapa desse trabalho pressupõe um diagnóstico do desenvolvimento do Programa, no ano anterior, assim como um diagnóstico da situação do município. De posse desses dados realiza-se, então, a etapa seguinte que consiste na mobilização de alunos, alfabetizadores e recursos físicos, materiais e financeiros para o PAF. O êxito do trabalho desenvolvido está ligado, portanto, a um envolvimento imprescindível da comunidade. Após a mobilização de alunos e alfabetizadores, assim como dos recursos necessários, é assinado um convênio com a Comissão Municipal, para o desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional. Em seguida à assinatura do convênio, os alfabetizadores participam do treinamento básico, cujo principal objetivo é garantir a utilização da metodologia do Programa e o alcance de uma boa produtividade no decorrer do mesmo.

Eis alguns aspectos da estratégia de desenvolvimento do Programa que devem ser analisados.

Duração:

Na fase de implantação, foi fixada uma duração de cinco meses com duas horas diárias de aula, considerando-se de forma empírica que esse tempo era suficiente para que a maioria dos alunos se alfabetizasse. Os resultados obtidos, nos primeiros momentos da implantação, foram considerados satisfatórios, confirmando, portanto, a hipótese e validando a duração. De modo geral, essa duração manteve-se constante até hoje.

É importante dizer que o aluno não é obrigado a permanecer durante os cinco meses em classe: tendo ele um ritmo de aprendizagem mais rápido, permanece, apenas, o tempo que lhe é necessário para se alfabetizar; tendo ritmo mais lento, inscrever-se-á no convênio seguinte.

No início da fase de sustentação do PAF (1973), foi realizada uma experiência para ampliar em mais um mês a duração do Programa, mediante a assinatura de um termo aditivo ao convênio normal. A produtividade apresentada pelo Programa, ao final do 5º mês de aula, era considerada satisfatória; no entanto, pensou-se que agrupando os alunos de várias classes, que não tinham sido alfabetizados no final do convênio, e havendo um reforço da aprendizagem durante mais um mês, se poderiam alcançar índices de produtividade ainda mais elevados. Vários fatores contribuíram para que essa experiência não obtivesse os resultados esperados e, portanto, não fosse mantida — por exemplo, o fato de que os alfabetizadores deixavam de considerar os alunos como alfabetizados ao final do 5º mês, fazendo com que os mesmos frequentassem mais um mês de aula, e ainda a dificuldade de acesso às novas classes organizadas.

No final do 2º período (1976), começa a duração do Programa a ser diversificada, em função de características específicas da população a ser atendida. Têm, então, início as chamadas "iniciativas locais", ou seja, projetos especiais elaborados pelas Coordenações Estaduais/Territoriais e que visam o atendimento de clientela especiais. É o caso, por exemplo, dos pescadores no Rio Grande do Norte ou dos operários na construção civil em Brasília. No primeiro caso, o programa tem uma duração de oito meses e as classes funcionam no período em que os pescadores estão em terra firme. No segundo caso, o programa tem a duração de 10 meses e é assegurada ao aluno a possibilidade de mudança de classe, sempre que, por motivos de trabalho, ele seja transferido de uma localidade para outra, nas proximidades de Brasília.

No terceiro período, a maioria dos adultos continua a frequentar classes de duas horas diárias, durante cinco meses; no entanto, há uma grande ênfase na diversificação, em função das características da clientela e/ou programas. Pode-se citar,

como exemplo, o Projeto de Atendimento Diferenciado de Belo Horizonte, com uma duração de 10 meses; a Campanha "Leitor Faz Leitor", cujo tempo de duração não é prefixado, dependendo apenas do ritmo de aprendizagem do aluno; os projetos para atendimento a pescadores em Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba etc., com uma duração de 8 meses; o Programa de Alfabetização Funcional e Educação para o Trabalho (PAFET) que, em sua fase experimental, apresentava uma duração de 6 meses, uma vez que esse projeto tem também como objetivo despertar os alunos para a necessidade de maior qualificação profissional.

Em linhas gerais, portanto, foi possível uma flexibilidade na duração do Programa de Alfabetização Funcional, desde o momento de sua implantação até o final de 1977.

Grupamento de classes

Quanto ao grupamento de classes, no início a orientação dada foi de que as classes fossem formadas com um mínimo de 20 alunos e um máximo de 35, sem entretanto haver uma rigidez no que diz respeito a essas formas.

Durante a fase de sustentação, permanece a orientação dada no período anterior. Sente-se, no entanto, no final dessa fase uma certa dificuldade na operacionalização dessa diretiva. Começam a surgir projetos especiais, também no que diz respeito à formação de classes. É o que acontece, por exemplo, em Roraima, para atendimento a pessoas residentes em áreas de população rarefeita; nesse caso, o mínimo foi fixado em cinco alunos.

No terceiro período, a dificuldade de formação de classes, com um mínimo de 20 alunos, passa a ser sentida por um número bem maior de Coordenações, e por isso vários outros projetos especiais começam a surgir. É o caso, por exemplo, do

Rio Grande do Sul, que implantou o Projeto de Alfabetização a Domicílio e, também, projetos especiais propostos pelo **MOBRAL** Central como a Campanha "Leitor Faz Leitor", onde a estratégia de atendimento é individual, ou o PAFET, que supõe um mínimo de 15 alunos em classe.

Também em relação ao grupamento dos alunos, portanto, a estratégia de desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional variou ao longo desses sete anos, em função das características locais que, de certa forma, impuseram ao Programa condições de funcionamento. Assim, a partir de 1977, convivem formas totalmente diversas de grupamento dos alunos, que vão desde o atendimento individual até a formação de classes com 25 alunos em média. (...)

Integração com outros programas

Durante o que para o Programa de Alfabetização Funcional caracteriza-se como uma segunda etapa de desenvolvimento, ou seja, o período que se estende de 1973 a 1976, são implantados pelo **MOBRAL** diversos outros programas que, na área de profissionalização, cultural, de saúde e ação comunitária, fa rão parte de um todo — o Sistema de Educação Permanente — nu ma visão mais ampla do processo educativo.

Na análise da integração do PAF com os demais programas do **MOBRAL** pode-se utilizar dois enfoques distintos. No primeiro deles, parte-se do ponto de vista da comunidade, cada um dos programas tendo seu próprio objetivo e atuando, especificamente, na dinamização de aspectos determinados da vida comunitária, havendo, no entanto, uma convergência tanto de seus objetivos como de suas atividades para a estruturação do Sistema de Educação Permanente. No segundo enfoque, ao qual limitaremos o presente estudo, a análise toma como ponto de partida o próprio Programa de Alfabetização Funcional, tendo

em vista sua prioridade, no tempo, em relação aos demais programas do **MOBRAL**. Ainda dentro deste último enfoque pode-se distinguir a integração em termos de estratégias de desenvolvimento dos programas, direcionando-os para maior dinamização do PAF, e a integração em termos de conteúdos e atividades a serem desenvolvidos dentro da própria sala de alfabetização. (Ver Anexo 8)

Conteúdos das diversas áreas do conhecimento estão presentes no Programa de Alfabetização Funcional, uma vez que o mesmo toma como base palavras geradoras ligadas às necessidades básicas do homem e preconiza, em sua metodologia, o aproveitamento em classe das experiências vividas pelos alunos.

Dessa forma, desde o princípio, conteúdos de outros programas sempre estiveram presentes no PAF, ainda que de forma embrionária. Durante os dois primeiros períodos da evolução desse programa, esses conteúdos foram desenvolvidos, sempre que a metodologia, adequadamente aplicada, aproveitava-se do momento da exploração do cartaz gerador, por exemplo, para enriquecer os conhecimentos dos alunos sobre determinados assuntos.

A pouca qualificação dos alfabetizadores — um dado quase sempre constante — levou, no entanto, à criação de mecanismos que facilitassem a operacionalização de uma das características básicas da metodologia do PAF, que é a funcionalidade.

Isto ocorre, quase que exclusivamente, no último período da evolução do Programa. Surgem, assim, os projetos especiais de desenvolvimento do PAF acoplados a conteúdos específicos, os quais vão ser procurados em outros programas do **MOBRAL**. É o caso, por exemplo, do PAFET, já anteriormente citado, e que consiste no desenvolvimento de conteúdos de educação para o trabalho, ao longo do processo de alfabetização. Ou

tro exemplo é o Projeto de Integração PAF/PES, que consiste no desenvolvimento integrado do Programa de Alfabetização Funcional e do Programa de Educação Comunitária para a Saúde.

Esses projetos de integração são propostos pelo MOBRAL Central às Coordenações Estaduais/Territoriais que, para sua adoção, devem considerar os alunos, seus interesses e necessidades.

Na verdade, as mudanças ocorridas, no que diz respeito a esse aspecto, são relativas ao fato de que ao alfabetizador são dadas condições de melhor desenvolvimento do PAF, na medida em que são colocados à sua disposição recursos que possibilitam maior funcionalidade, no desenvolvimento do processo de alfabetização.

Nota-se que, em todos os aspectos da estratégia do Programa de Alfabetização Funcional, acima analisados, ocorreram mudanças com vistas a tornar esse Programa mais adequado às características locais de sua implantação e desenvolvimento. (...)

(Extraído de EDUCAÇÃO DE MASSA E AÇÃO COMUNITÁRIA - Arlindo Lopes Corrêa, editor. Rio de Janeiro, AGGS/MOBRAL, 1979).

PROJETOS DE DIVERSIFICAÇÃO DO PAF

Ana Margarida de Mello Barreto Campello
Christina Maria Nehme Simão Jorge

1. RALP - Projeto de recuperação dos alunos do PAF, ao longo do processo.

Nem sempre, no período normal de aula, é possível oferecer um atendimento especial aos alunos com dificuldades de aprendizagem, por carência de tempo ou falta de habilidade do alfabetizador para trabalhar com grupos heterogêneos.

Por outro lado, nem todos os alunos têm o mesmo ritmo de aprendizagem e, conseqüentemente, não acompanhando a turma, poderão se desmotivar para o programa, o que contribuirá até mesmo para a sua evasão.

O atendimento diversificado aos alunos pode, assim, minimizar muitos dos fatores que interferem, negativamente, na produtividade do PAF.

Nesse sentido, esse projeto prevê um atendimento especial, através de um trabalho de recuperação dos alunos, que apresentam um nível de rendimento da aprendizagem baixo, em relação à turma.

O atendimento especial à clientela desse projeto é realizado ao longo do processo de alfabetização e apresenta as seguintes características:

— o trabalho de recuperação tem início a partir do 2º mês de aula, sendo o 1º mês utilizado para uma sondagem do professor em relação às principais dificuldades

dades apresentadas pelos alunos;

— a partir do 2º mês, a carga horária semanal do PAF , é acrescida de 2 horas, as quais são distribuídas de acordo com a disponibilidade de alfabetizadores e alunos e também de acordo com as características do município;

— durante esse horário complementar, o alfabetizador desenvolve, com os alunos que apresentam maiores dificuldades, atividades de reforço às técnicas de leitura, escrita e cálculo. É importante que, para o trabalho a ser realizado nesse período, o alfabetizador crie atividades diferentes daquelas propostas aos alunos, durante o horário normal das aulas, para que novas oportunidades sejam oferecidas à clientela e para manter, sempre vivo, o seu interesse pelo programa;

— a capacitação dos alfabetizadores para o trabalho a ser realizado no horário complementar é de grande importância e, por esse motivo, no treinamento básico é dada uma ênfase especial ao trabalho diversificado e a sugestões de atividades para serem realizadas no horário complementar.

2. PAF/VR - Programa de Alfabetização Funcional, via rádio

A opção por um uso mais sistemático da tecnologia tem, geralmente, como base a busca de maior eficiência ou efetividade no alcance de determinado objetivo. Uma vez que a tecnologia adotada é largamente utilizada, novas opções são criadas, oferecendo-se novas oportunidades, previamente inatingíveis.

O MOBREAL, através da utilização de tecnologias educacionais, busca condições para o aprimoramento de suas estratégias

de atuação. A introdução do rádio no Programa de Alfabetização Funcional representa uma delas: além de garantir, preservar a metodologia do Programa, possibilita um constante treinamento ao alfabetizador, e fornece, também, informações a que ele dificilmente teria acesso.

Acresce-se, ainda, que sendo a transmissão em circuito aberto, a comunidade beneficiada pelo Programa é, também, mobilizada para as diversas atividades desenvolvidas pelo **MOBRAL**.

São as seguintes as características básicas deste projeto:

- duração de 100 dias úteis, com carga horária total de 200 horas;
- distribuição das aulas:
 - . os cinco primeiros dias constituem o período preparatório, e não há transmissão de aulas radiofonizadas;
 - . as noventa aulas seguintes constam de encontros radiofonizados (20 min de duração) e desenvolvimento de atividades de classe (1h 40 min);
 - . os cinco últimos dias são destinados à revisão final; nesse período também não são transmitidas aulas radiofonizadas.
- o programa se desenvolve em recepção organizada, com monitoria diária, treinada especialmente;
- utiliza-se o Material Didático da Editora Abril, acrescido de um Manual do Monitor;
- os horários de funcionamento das classes são compatibilizados com os horários cedidos ao **MOBRAL**, pelas emissoras para veiculação do Programa.

3. PAFET - Programa de Alfabetização Funcional e Educação para o Trabalho

Os resultados do projeto DERP - Diagnóstico de Evasão e Reprovação Potencial - apontaram como uma das principais motivações para o ingresso na alfabetização, a expectativa de ascensão profissional e conseqüente melhoria de nível social.

Por outro lado, pesquisas, relatórios e dados enviados do campo, mostraram uma certa queda no rendimento do PAF. Assim, além de maiores dificuldades no recrutamento de analfabetos, verificava-se, também, um aumento nos índices de evasão e reprovação.

Considerando a necessidade de revitalização do PAF e o interesse da clientela por temas profissionalizantes, foi criado o programa especial de Alfabetização Funcional e Educação para o Trabalho, com as seguintes qualidades:

— aumento da produtividade do PAF (aspecto quantitativo);

— melhoria do produto final - o alfabetizado (aspecto qualitativo);

— uma primeira qualificação para o trabalho - iniciação profissional - da clientela mობralense, através de um atendimento rápido, em larga escala e a custos reduzidos;

São as seguintes as características básicas do PAFET:

— introdução no PAF de conteúdos de educação para o trabalho, através de um material didático específico - Eu faço, tu fazes;

— a duração desse projeto é de 5 meses, e as atividades

des específicas ligadas à Educação para o Trabalho são realizadas ao longo do Programa, a partir do momento em que o aluno está apto a realizar leitura e escrita de pequenos textos;

— o conjunto didático complementar - Eu faço, tu fazes - tem como objetivo levar o aluno à compreensão da importância e amplitude do mundo do trabalho e ainda à descoberta das oportunidades de aperfeiçoamento profissional. O Livro do Alfabetizador contém orientações para o desenvolvimento das atividades de Educação para o Trabalho e à utilização adequada deste material didático como parte integrante do processo de alfabetização;

— os alfabetizadores são selecionados entre aqueles que têm melhor qualificação, tendo em vista as características do Programa;

— no treinamento básico é abordada também a metodologia do PAF, como é feito um estudo do material específico do PAFET.

4. PAF/PES - Projeto de integração do PAF com o PES

A saúde é, talvez, a mais evidente das necessidades da clientela do PAF, o que torna clara a importância e validade de se enfatizar, especialmente, o aspecto saúde durante o processo de alfabetização, reforçando sua funcionalidade.

Por outro lado, o trabalho educativo na área de saúde tem condições de se constituir em importante fator de motivação e sustentação de alunos em classe, podendo ainda contribuir para a continuidade e permanência dos grupos constituídos em sala de aula.

Compreende-se, também, o importante papel da educação para a saúde, uma vez que o indivíduo e seu comportamento são fatores fundamentais na transformação do ambiente e na melhoria das condições sanitárias.

Tendo em vista a operacionalização deste projeto, foram estabelecidas duas linhas de ação.

1.^a Alternativa

O PAF se desenvolve paralelamente ao PES, sendo os alfabetizadores, ao mesmo tempo, monitores do Programa de Educação Comunitária para a Saúde. Nesse caso, é importante que os programas terminem, mais ou menos, na mesma época.

2.^a Alternativa

O PAF e o PES processam-se, normalmente, e os alfabetizadores não são monitores de PES, no entanto, alunos e alfabetizadores são mobilizados para participar do PES.

A seguir algumas características, nesse projeto, comuns às duas alternativas:

- . desenvolvimento, em classe, de atividades de leitura, escrita e cálculo, relacionadas com conteúdos de saúde, aproveitando problemas de interesse dos alunos e da comunidade a que pertencem;
- . participação, dos alunos de AF, nas atividades promovidas pelo grupo do PES, na comunidade;
- . utilização de apostila, específica para o alfabetizador, com sugestões de atividades de leitura, escrita e cálculo relacionadas a conteúdos de saúde.

Os demais materiais didáticos são os mesmos, normalmente, utilizados no PAF;

- . promoção de atividades que visem à melhoria das condições de saúde;
- . discussão, pelo grupo participante do PES, de problemas surgidos nas classes de AF;
- . discussão, em classe, dos problemas de saúde surgidos na reunião de PES, visando buscar soluções adequadas para os mesmos.

5. PAF/TV - Programa de Alfabetização Funcional, via TV

Desde o início do seu trabalho, o MOBREAL encontrou dificuldades no desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional nos grandes centros urbanos. Embora fosse uma expectativa lógica um maior rendimento do trabalho de alfabetização nas grandes concentrações populacionais, a experiência tem demonstrado que o MOBREAL conseguiu resultados relativamente muito mais efetivos no interior, e nas pequenas e médias comunidades.

Esta constatação tornou clara a necessidade de atendimento especial à clientela dos grandes centros urbanos, através de meios tais, que sensibilizem essa clientela, estruturando uma programação educativa que possa ser tão abrangente quanto motivadora, capaz de atender a uma clientela resistente, sem se descuidar das pequenas e médias comunidades.

A proposição contida neste projeto é determinada pelo desejo do MOBREAL de continuar encontrando sempre novos caminhos que o levem ao encontro do homem em seu meio. Assim, o MOBREAL se propôs à incorporação da tecnologia -TV - como meio para otimizar seu trabalho de Alfabetização Funcional.

(Extraído de DIVERSIFICAÇÃO NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INTEGRADA).

A EDUCAÇÃO PERMANENTE E A PRÁTICA EDUCATIVA DO MOBREAL

O MOBREAL, enquanto agência governamental responsável por força da lei pela erradicação do analfabetismo e, principalmente, pela educação continuada de adolescentes e adultos, vem, desde o início de suas atividades, em 1970, buscando implantar um sistema de educação permanente.

Surgiu com a finalidade de incorporar à sociedade brasileira o grande potencial humano marginalizado pela falta de uma educação adequada. O Plano Setorial de Educação e Cultura (1972-1974) definia como objetivo a ser atingido, "eliminar, possivelmente no decorrer da década de 70, o analfabetismo de adolescentes e adultos, com o esforço concentrado na faixa dos 15 aos 35 anos de idade".

No entanto, deve-se observar que o MOBREAL, apesar da prioridade conjuntural dada à alfabetização, já perseguia a consecução de outros objetivos que lhe eram atribuídos pelo Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescentes e Adultos, inserido na lei de sua criação: "Integração em todas as promoções de alfabetismo e educação, de noções de conhecimentos gerais, técnicas básicas, práticas educativas e profissionais, em atendimento aos problemas fundamentais de saúde, do trabalho, do lar, da religião, do civismo e da recreação.

O MOBREAL tinha, pois, presentes esses outros objetivos. Apenas a prioridade, naquele momento histórico, havia de ser dada à alfabetização.

A crença de que o homem, mesmo analfabeto e submetido a situações de marginalização econômica e social, é capaz de administrar o seu próprio processo de aprendizagem, levou o MOBREAL a definir como premissas básicas de sua prática educativa:

- . admitir que nem sempre é a alfabetização que responde às necessidades prioritárias de educação do homem;
- . conhecer o universo da comunidade e os instrumentos de que ela dispõe para criar e conviver com esse universo: linguagem, atividades, formas de participação social e o seu saber próprio ;
- . que os responsáveis pelas decisões, planejamento, administração e execução do setor educacional também se adequem, adotando filosofias e metodologias que lhes permitam conhecer o universo da comunidade e suas aspirações, recursos, limitações e objetivos;
- . que o processo educativo, mesmo a partir da alfabetização, deve se iniciar centrado nas situações de vida da comunidade e considerar essas situações como espaços educativos.

Esses pressupostos levaram a organização a ver como componentes de sua proposta para a educação de Adolescentes e Adultos, a criação de oportunidades efetivas de:

- . desenvolver mecanismos de participação social, voltados para soluções de mediação dos problemas concretos dos educandos;
- . transferir para a vida prática do aluno conhecimentos, percepções e habilidades adquiridos e/ou enriquecidos no processo educativo;
- . salvaguardar, tanto quanto possível, a identidade cultural da comunidade, contribuindo assim para que ela não seja campo de invasão, mas se prepare, consolidada na sua própria cultura e nos seus conhecimentos, para assimilar, selecionar e enriquecer os conhecimentos úteis que lhe chegarem através das tecnologias veiculadas pela sociedade industrial.

Considerada dentro do referencial maior de educação para o desenvolvimento, mas comprometida também com o processo de promoção humana, a educação de adultos, tal como é concebida pelo **MOBRAL**, rejeita princípios e metodologias que confinem a sua prática educativa dentro dos limites de adestramento de mão-de-obra, seja em que nível for.

Dessa forma, o **MOBRAL** vem desenvolvendo, a partir de 1971, programas diversificados que procuram atender aos reclames naturais dos neo-alfabetizados e didaticamente complementam a tarefa dos programas pedagógicos propriamente ditos, isto é, a Alfabetização Funcional e a Educação Integrada. Tais programas - o cultural, o de profissionalização, o de saúde, o da tecnologia da escassez, o do autodidatismo, o do esporte para todos, a educação do consumidor e outros - visam aproveitar ao máximo a cultura popular e o processo de desenvolvimento comunitário. Na verdade, desde o início, já constituíam mecanismos de participação das comunidades nos programas sócio-educativo-culturais e se dirigiam tanto para as populações carentes do meio rural, onde o contingente de analfabetos era maior, como das áreas urbanas.

Esses programas, guardadas as suas especificidades, jamais foram considerados isoladamente, mas como parte integrante de um sistema de Educação Permanente que se encontra ainda em estruturação, pois não atende igualmente, em termos de oferta, toda a clientela.

Ao implantá-lo, o **MOBRAL** teve por objetivo oferecer à camada menos favorecida da sociedade brasileira novas modalidades de educação básica, em nível local, e comunitária, com vistas a melhorar seu modo de vida, as condições de emprego, ampliando assim suas perspectivas de integração e participação social.

CARACTERIZAÇÃO DOS PROGRAMAS, MEIOS E MATERIAIS UTILIZADOS NA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES E ADULTOS

Programa de Educação Integrada - Em 1971, o **MOBRAL** criou o Programa de Educação Integrada - PEI - com o objetivo de atendimento prioritário aos ex-alunos da Alfabetização Funcional, bem como aqueles que não puderam frequentar a escola, na idade própria.

Consiste, basicamente, num curso de 12 meses, equivalente aos quatro primeiros anos de ensino de primeiro grau.

O ensino ministrado visa igualmente a estimular os alunos para a necessidade de continuarem sempre estudando, dentro ou fora do sistema formal.

Dentre os objetivos do Programa de Educação Integrada destaca-se a preocupação em possibilitar o crescimento profissional do aluno. Assim, as noções básicas de Educação para o Trabalho, iniciadas no Programa de Alfabetização Funcional, podem ser complementadas no Programa de Educação Integrada, na linha de informações sobre ocupações, mercado de trabalho e capacitação de mão-de-obra, visando possibilitar uma efetiva formação profissional da clientela.

As atividades globalizadas do PEI se organizam a partir de 13 temas de estudo relacionados às necessidades e interesses dos adultos: trabalho, educação, comunicação, natureza, higiene e saúde, produção, civismo, transporte, esporte, diversão e turismo, habitação, alimentação e cultura.

O material didático do Programa consta de:

- . cartazes geradores e de apoio;
- . livro de textos geradores;
- . livro de Integração Social e Ciências Físicas e Biológicas;
- . livro de Matemática;
- . livro de Educação para o Trabalho.

Além desse material, fazem parte do conjunto didático os livros "Objetivos Terminais" e o "Guia do Professor" - livro de informações e sugestões para o professor saber como atuar no Programa.

O PEI também dá espaço para a participação do aluno no desenvolvimento do Programa, ensejando o respeito às diversidades e realidades locais. Assim é que o interesse do aluno ou as situações do momento é que levarão à escolha deste ou daquele tema para estudo.

O estudo dos temas é aprofundado com recursos complementares: jornais, revistas, livros dos postos culturais e de outros programas do **MOBRAL**.

Programa Cultural - Em 1973, lançou-se o Programa Cultural do **MOBRAL**, que passou a operar nacionalmente em 1974, contendo vários subprogramas (literatura; teatro; artesanato; artes plásticas; rádio; cinema; publicações; música; patrimônio histórico, artístico, cultural e ecológico; arte popular e folclore; e jogos).

O Programa Cultural, dentro da proposta de Educação Permanente, procura envolver o mobralense e a comunidade em que ele vive na tentativa de integrá-lo nessa mesma comunidade com sua bagagem de cultura oral, acrescida de técnicas recém-adquiridas para ler, escrever e contar.

Os princípios que norteiam este Programa são:

- a) democratização da cultura;
- b) dinamização da criatividade e intercâmbio cultural;
- c) valorização do homem e da cultura local;
- d) preservação da cultura.

O Programa Cultural criou os Postos Culturais/Comunitários, hoje em número de 3.151, para serem um centro aglutinador e irradiador dos programas do MOBREAL. São uma espécie de clube, um ponto de encontro do mobrealense e da comunidade. O Posto possui, basicamente, material didático complementar ou cultural e, eventualmente, equipamento técnico, além de um centro de leitura, informação e consulta. "A Bíblia" é um dos livros mais procurados pelos leitores.

Além dos Postos Culturais, foram criadas as Mobraltecas, unidades operacionais móveis, construídas num caminhão e contendo todo o material previsto para a atividade do Programa Cultural.

Hoje, o MOBREAL dispõe de 6 Mobraltecas administradas a nível regional. Esta descentralização levou os níveis locais do MOBREAL a encontrarem novas formas de atuação, com as Mini-mobraltecas, que pelo seu porte menor permitem uma maior interiorização. Hoje existem 22 Mini-mobraltecas em atuação, sendo que 2 delas são fluviais, para atender a região Amazônica.

Para o atingimento de populações rurais e rarefeitas, foram criadas 4 Tendas Culturais, um "Kit" que pode ser transportado por qualquer tipo de veículo, até mesmo carregado nas costas do próprio homem.

No Programa Cultural, a ênfase dada ao livro, bem como às publicações em geral, impõe-se até porque a leitura é

uma das metas mais óbvias do processo de alfabetização. A proposta básica do subprograma de literatura foi a de tornar possível o acesso da clientela mobrálense a obras literárias adequadas às suas características. O Programa Cultural efetuou campanhas junto a editores e autores, faculdades de letras e de comunicação, convênios com instituições ligadas à área de literatura e, ainda, concursos nacionais com distribuição de prêmios aos vencedores, acreditando que os concursos constituem o meio mais indicado para estimular o surgimento de uma literatura, mais imediatamente apreensível pelos neo-leitores.

Nesse sentido, destacam-se algumas das atividades realizadas a partir de 1973:

1. Concurso MOBRAL/INL de literatura - obras inéditas para o neo-leitor, 5 títulos premiados.
2. Co-edição MOBRAL/INL de obras selecionadas, 5 títulos, com 1.000.000 exemplares de cada.
3. Adaptação de romances existentes (pelos próprios autores).
4. Antologias - incluindo poemas, crônicas e contos.
5. Realização do concurso Nacional Literatura/Patrimônio - Crônica Minha Cidade.
6. Seleção de títulos de Cordel para aquisição e distribuição às unidades operacionais.
7. Deflagração da coleção "Poetas do MOBRAL", numa linha de valorização através de publicações de poemas escritos por ex-alunos do MOBRAL.
8. A realização de uma pequena Antologia da Literatura Oral com coleção de 4 fitas, narrando as histórias de assombração e mesmo relatos fantásticos colhidos em todas as regiões do Brasil.

9. A publicação das Antologias I, II e III (contos, crônicas e poemas), de diversos autores nacionais, visando com que o neo-leitor tome conhecimento das várias formas de literatura, as fases da vida literária de um escritor ou as diferentes formas que os escritores encontram para expressar sua criatividade.

10. A realização do concurso Crônica Ilustrada "Recanto Pitoresco de Minha Cidade", onde o neo-alfabetizado, ao valorizar o patrimônio existente na sua cidade, exprime na forma literária tudo aquilo que aprendeu, quando se trata de aluno do **MOBRAL**.

11. O início de publicação da série "Prosadores do MOBRAL", com o lançamento do livro "Chico Boi" de Francisco Augusto Vieira, do Estado do Acre, também mobralense.

Através do subprograma literatura se tem contribuído para a ampliação do repertório cultural de toda uma faixa da população carente, até então, de uma literatura adequada às suas possibilidades.

Atuando através de uma dinamização no Posto Cultural, Mobralteca, Mini-mobralteca e Tenda da Cultura, esse subprograma vem dando seqüência e estímulo à aprendizagem dos neo-leitores.

Através do subprograma de rádio, é veiculado de 2ª feira a sábado o programa "Conversando com o MOBRAL", que divulga atividades do MOBRAL e estimula a sua clientela a escrever cartas com pedidos diversos. Está no ar desde 1978 para a Amazônia legal, através do convênio MOBRAL/RADIOBRÁS.

O Programa "Domingo MOBRAL", transmitido aos domingos, em todas as Unidades da Federação, por 141 emissoras, em

convênio com o serviço de Rádio Difusão Educativa e Programação Nacional de Telecomunicação, está no ar desde 1974, tendo sido a ele dirigidas milhares de cartas.

Este subprograma vem desenvolvendo um projeto de atendimento às emissoras de rádio de todo o País, que consiste na produção de programas radiofônicos específicos para essas emissoras.

A Fundação está sempre atenta aos grandes acontecimentos nacionais, visando à sua clientela e a buscar ampla participação de todos. Como exemplo, citamos a visita de Sua Santidade o Papa João Paulo II ao Brasil, o que motivou a realização de um concurso entre todos os alunos e ex-alunos, sob o título "Mensagem ao Papa". Milhares de pessoas participaram do evento. A vencedora do concurso, Maria Alice Cardoso, de Tubarão/SC, obteve como prêmio a possibilidade de entregar pessoalmente sua Mensagem ao Santo Papa.

Programa de Autodidatismo - O Programa de Autodidatismo objetiva proporcionar uma alternativa educacional, através de atendimento numa linha de autodidaxia. O material desse programa toma como base a Educação Integrada, colocando ao alcance da clientela materiais que despertam e favorecem o desenvolvimento de mecanismos necessários a uma educação permanente. O Posto Cultural/Comunitário é também a unidade operacional do referido programa. Os livros contêm textos e ilustrações relativas ao tema central, perguntas ao longo e final do texto, e ficha de avaliação a ser preenchida pelo próprio aluno. Os participantes utilizam dois tipos de material didático:

1. o material didático básico - para uso individual, não sendo devolvido ao Posto Cultural/Comunitário. São os "Roteiros de Atividades"; os "Roteiros de Matemática" e o "Roteiro de

Exercícios de Matemática".

2. o material didático de referência - material que fica no Posto Cultural/Comunitário para uso em sistema de empréstimo. Compreende o material dos Programas de Educação Integrada, Alfabetização Funcional, Educação Comunitária para a Saúde e ou tros existentes no Posto Cultural/Comunitário, que complementam os assuntos abordados nos roteiros de atividades e de matemática.

O Programa de Autodidatismo já conta com roteiros relativos a 15 temas para estudo. Não existe ordem determinada para o estudo dos diferentes temas. O tema é sempre escolhido pelo próprio aluno, tendo em vista seus interesses e ne cessidades. O aluno recebe um manual de orientação - "Você po de aprender sem ir à escola" -, contendo informações gerais so bre todos os roteiros e temas à sua disposição no Programa, bem como orientações para a autodidaxia. O material desse Programa de muito tem servido ao enriquecimento dos alfabetizadores do MOBREAL.

Programa de Profissionalização - Para o MOBREAL, a profissionalização é entendida como parte integrante do sistema de Educação Permanente. O Programa de Profissionalização visa criar condições de melhoria no campo profissional, oferecendo ao mobrealense maiores possibilidades de integração no mercado de trabalho, através de um processo que tem início com a informação profissional, prossegue com o treinamento e chega a colocá-lo no mercado de trabalho.

O Programa de Profissionalização utiliza-se de publicações didáticas para atendimento ao subprograma de treinamento profissional. Para cada curso desenvolvido, existem, em geral, dois tipos de material: o livro/folheto que orienta os responsáveis pelo treinamento e um material específico para os participantes, que veiculam as informações necessárias de acordo com o assunto tratado.

Estes materiais estão relacionados aos diversos setores da economia. Alguns deles destinam-se a programas convencionados com outras entidades públicas ou privadas. Assim, por exemplo, o material didático elaborado para o Programa de Treinamento de Tratoristas, levado a efeito pelo MOBREAL em convênio com a empresa Massey-Ferguson, ou ainda o material para o curso de empregadas domésticas resultante de um convênio firmado entre o MOBREAL, o Ministério do Trabalho e a empresa ARNO (eletrodomésticos).

Outro material de grande utilidade para o Programa de Profissionalização consiste em folhetos distribuídos nas classes, Postos Culturais/Comunitários, balcões de emprego e outros, contendo informações sobre as diversas profissões.

Além desses, o MOBREAL elaborou uma série de publicações destinadas a apoiar a execução dos treinamentos por famílias ocupacionais, nos 3 setores da economia.

Finalmente, existe o material específico para o Programa de Educação Comunitária para o Trabalho - PETRA, cujo lema é "quem sabe mais ensina a quem sabe menos", e que tem se revelado um importante instrumento de resposta aos anseios profissionais das populações mais carentes e, em particular, das áreas rurais.

Programa de Educação Comunitária para a Saúde - Em 1976, foi lançado o Programa de Educação Comunitária para a Saúde (PES), abordando, com participação da comunidade, temas ligados à saúde e saneamento, através de um trabalho que motive e oriente as populações em atividades e procedimentos voltados para a melhoria de suas condições de vida, de acordo com as possibilidades do meio em que vivem.

A elaboração do material do PES teve por base conteúdos definidos pelo Ministério da Saúde no "Documento sobre o conteúdo básico de Educação Sanitária para o MOBREAL", tendo sido ainda submetido àquele Ministério para avaliação, visando

do a garantia do seu conteúdo técnico.

O material utilizado nesse Programa consiste basicamente em:

1. cinco livros de conteúdo ligado à área de saúde: "Doenças", "Saúde da Mãe e da Criança", "Alimentação", "Higiene" e "A Transmissão da Vida". Este último, recentemente acrescentado ao Programa, por força de convênio entre o MOBRAL e a CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, traz conteúdos ligados à orientação sexual, planejamento familiar e outros;
2. um roteiro contendo instruções sobre os fundamentos da metodologia e a dinâmica do Programa - "Roteiro de Ação para o Monitor";
3. um conjunto de cartazes, que fornecem o apoio visual no levantamento e discussão dos problemas;
4. folhetos sobre assuntos específicos, tais como: "Queimaduras", "Fraturas", "O Mal do Barbeiro", "O Mal do Caramujo", "Como Cultivar Hortaliças", "Picadas de Animais Venenosos", "Criando Coelhoos", "Criar Porcos Um Bom Negócio", "Combata a Verminose", "Proteção de Nascentes", "Calendário de Vacinas" e "Maria e Carlos Planejam Sua Família".

Os folhetos, que são elaborados em função de necessidades detectadas no campo, têm caráter complementar, de enriquecimento aos assuntos básicos, focalizando aspectos de interesse específico de certos grupos ou de interesse geral para a região. Eles são distribuídos para utilização da clientela do Programa.

O material de apoio do PES não esgota todas as informações necessárias ao desenvolvimento do Programa, em cada localidade, cabendo ao monitor recorrer a outras fontes de informações complementares (material de entidades de saúde e outros, profissionais da área de saúde, etc.)

Em outubro de 1976, tinha início o PES - via rádio, como um apoio à sua ação e uma forma de preparar as comunidades para receberem o PES, despertando seu interesse para os problemas de saúde.

O PES - via rádio era apresentado em forma de esquetes humorísticos de curta duração que traziam informações sobre saúde, e de programas em que se respondia a perguntas formuladas em cartas de ouvintes. Os esquetes deviam ir ao ar de segunda a sábado, se possível três vezes ao dia, e os programas de perguntas e respostas deviam ser transmitidos aos domingos. A transmissão era gratuita junto às emissoras. A partir de 1978, o PES - via rádio tomou nova feição e consiste numa estória do dia-a-dia dos moradores de uma pequena comunidade rural, a Vila da Boa Saúde, que dá nome ao programa. Cada episódio tem a duração de 3 minutos e encerra em si mesmo uma situação e uma mensagem, não havendo necessidade de um acompanhante diário para a compreensão do conteúdo. Produzidos pelo MOBREAL Central, esses programas são gravados em fita cassete ou fita de rolos, e enviados às Coordenações Estaduais, que por sua vez os remetem às 300 emissoras interessadas.

Programa de Tecnologia da Escassez - Em 1978, foi lançado o Programa Tecnologia da Escassez (chamado de Tecnologia Apropriada ao Nível Internacional), visando recolher exemplos da cultura técnica do povo brasileiro, analisá-los, avaliá-los e disseminá-los em materiais impressos, visuais ou audiovisuais.

O material didático deste Programa compõe a coleção intitulada "Cada Cabeça é Um Mundo".

Essa coleção contém:

- métodos e técnicas da cultura popular brasileira;
- métodos e técnicas da cultura popular de outros países que, pelas suas condições de uso, se apliquem

às condições brasileiras;
- procedimentos simplificados da tecnologia sofisticada que possam ser aplicados pela clientela do **MOBRAL**.

Os fascículos iniciais têm conteúdos selecionados pela Equipe Técnica do **MOBRAL** Central, responsável pelo Programa. Prevê-se que, uma vez implantadas as atividades da Tecnologia, os fascículos futuros sejam orientados para atender às necessidades específicas das várias regiões do país. Por esse motivo, os participantes do Movimento, em qualquer nível, devem apontar temas, métodos e técnicas que comporão outros fascículos.

Os textos deverão remeter o leitor de um fascículo para outro, sempre que necessário, visando à integração de conhecimentos e a provocação de um processo.

Programa de Educação do Consumidor - Em 1979, o **MOBRAL** lançou o Programa de Educação do Consumidor, com ênfase em energia, inicialmente incluindo conteúdos sobre o tema nos vários Programas de Educação Geral e Programas de Comunicação Social do Órgão, bem como estimulando eventos (como grandes passeios ciclísticos) e atividades comunitárias dirigidas no sentido da economia de formas de energia mais escassas no Brasil.

Programa Pré-escolar - Em 1980, o **MOBRAL** lançou seu Programa Pré-Escolar cujo lema é "Pela Educação dos Pais Conquistada-se o Futuro dos Filhos". Este Programa apresenta, inicialmente, apenas material de apoio para o monitor e visa um trabalho junto aos ex-alunos do **MOBRAL** e pessoas da comunidade no sentido de organizar grupos sistematizados ou não, com vistas ao atendimento das crianças de 4 a 6 anos.

Programa Diversificado de Ação Comunitária - O Programa Diversificado de Ação Comunitária - **PRODAC** - é um programa de conscientização da comunidade, que transforma o homem em agente de seu próprio desenvolvimento. Neste programa são constituídos grupos comunitários voluntários, que elaboraram um diagnóstico de necessidades e um plano de ação, posteriormente desenvolvido pelos participantes do Programa, com ou sem auxílio de entidades públicas e privadas. A participação é aberta a todos os habitantes do município em que o programa é implantado e abrange todas as áreas pelas quais os grupos se definem.

O material do **PRODAC** consiste basicamente em folhetos contendo esclarecimentos sobre o Programa e Guias de Orientação para os grupos comunitários. O **PRODAC** divulga igualmente um Jornal "Ação COMUN", cujo objetivo é relatar as experiências mais significativas realizadas pelas comunidades, bem como incentivar e estimular o trabalho dos grupos comunitários. Convém ressaltar que este é um dos meios de comunicação e troca de experiências dos grupos comunitários de diferentes regiões do País.

Programa de Alfabetização Funcional - Quanto este Programa foi lançado em 1970, sua metodologia já previa a utilização das técnicas de ler e escrever dentro da própria sala de aula, através de outros instrumentos além das cartilhas. Estes instrumentos são basicamente dois e servem de apoio e enriquecimento ao processo de alfabetização:

1) O Jornal Mural - tal jornal é uma publicação trimestral, produzida pelo JORNAL DO BRASIL e avaliada pelo **MOBRAL**. Ele é distribuído às classes de alfabetização e de Educação Integrada como uma oportunidade de leitura suplementar e mesmo incentivo à leitura.

Nesse jornal, reserva-se um espaço em branco para

que a classe possa inserir sua própria contribuição.

Deve ser lembrado que grande parte dos alfabetizados do MOBREAL se constitui de pessoas que não tem formação de magistério. Muitas vezes são pessoas apenas alfabetizadas que ensinarão àqueles que ainda não sabem ler.

Por essa razão, o MOBREAL dá uma grande importância ao treinamento dos alfabetizadores, oferecendo-lhes um atendimento direto e todo um material especialmente preparado para esse fim. É o caso não só do Roteiro de Orientações ao Alfabetizador - ROA, produzido pela Instituição, como dos encartes que acompanham o Jornal Mural, encartes estes especialmente destinados ao alfabetizador, desenvolvendo com maior profundidade a matéria constante da publicação, bem como oferecendo orientações metodológicas para o ensino da leitura e da escrita.

2) Os livros de leitura continuada: Quem Lê Vai Longe e Leia e Faça Você Mesmo, que através de uma linguagem direta, passam informações sobre documentação, direitos e deveres trabalhistas e artesanato, para motivarem os alunos a utilizarem imediatamente a leitura.

Hoje, o livro Leia e Faça Você Mesmo vem sendo substituído, gradativamente, pelos volumes da coleção Cada Cabeça é um Mundo, do Programa de Tecnologia da Escassez.

No que se refere aos projetos especiais de Alfabetização Funcional, o material didático a eles destinado foi ganhando especificidade, embora não abandonando a metodologia inicial.

Observe-se, por exemplo, a Alfabetização pela TV. Foi necessário criar um livro-caderno para que o aluno pudesse acompanhar a transmissão da aula, onde esse material já é

apresentado e utilizado. A equipe do MOBRAL Central produziu esse livro-caderno e um manual também específico para o Monitor.

FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS PARA A PRODUÇÃO, A DIFUSÃO E O USO DOS MATERIAIS

Na elaboração dos materiais e protótipos educativos do MOBRAL, são observados os mesmos princípios, características e filosofia da Organização.

O material não é uma obra acabada. O conteúdo não é uma verdade absoluta. Possibilita ao aluno refletir, criar novas coisas. Ele é um referencial que busca o aproveitamento de um conteúdo local e a ampliação do universo cultural do mobralense. A motivação é fundamental no processo educativo. E todos os recursos gráficos e conteúdos visam primordialmente motivar o aluno para a aprendizagem. (...)

Os princípios metodológicos para a produção, definição e uso dos materiais são os mesmos que embasam a ação do MOBRAL: a funcionalidade, aceleração, globalização e participação.

- . Funcionalidade é o princípio metodológico segundo o qual o conteúdo da atividade educativa tem sua origem na experiência de vida do homem. Enriquecido no processo educativo, este conteúdo é vivido pelo sujeito do processo. A funcionalidade é, pois, condição mínima para qualquer nível do processo educativo e estará diretamente ligada aos objetivos propostos. Os objetivos não visam setores da individualidade ou dos grupos, mas o homem total.
- . Aceleração é o "processo didático-pedagógico, segundo o qual os objetivos educacionais são atingi

dos, mais rapidamente, pelo aproveitamento das potencialidades biopsicológicas dos indivíduos e dos grupos, desenvolvidos na vivência das etapas de maturação e enculturação".

Aproveitar as experiências de vida de sua clientela foi para o MOBRAL premissa básica, condição para acelerar o processo educativo e assim atender de modo mais "eficiente" a sua clientela. Isto supõe aproveitamento do que já aconteceu, permitindo atingir objetivos, mediante programa que evite perda de tempo em atividades que a vida desenvolveu. As diversas experiências, as diferenças individuais e grupais só enriquecem este processo e permitem avançar mais rápida e profundamente.

- . Globalização: Considerando o MOBRAL a educação como um processo cujo objetivo último é o homem total, todas as suas perspectivas deviam ser passíveis de encontrar, no processo educativo, um eco, uma possibilidade de crescimento. Assim, o homem social, o homem biológico, o homem cultural, o homem em sua relação com o trabalho etc., deveria encontrar, na sala de aula, a resposta aos seus anseios, o instrumento que lhe permitisse ter condições de se transformar e de se tornar um transformador do mundo que o cerca. Para que não só uma dimensão do homem ou algumas delas fossem satisfatoriamente atingidas, o MOBRAL adotou - como um procedimento metodológico - a globalização. Partindo do princípio de que o homem é um todo, cuja experiência de vida não pode ser vista de um prisma fragmentado, o MOBRAL entendeu, desde logo, que a globalização era um dos meios mais eficazes para a funcionalidade de seus programas fosse alcançada.

. Participação - dentro das perspectivas de inserção do homem na comunidade e de sua participação como força ativa dessa comunidade, o envolvimento comunitário foi desde o início da ação do **MOBRAL** considerado imprescindível, não só como meio para viabilizar essa ação, mas também e principalmente como princípio segundo o qual a tarefa de educar não era uma responsabilidade unicamente governamental, mas missão de todos.

Graças, de um lado, à metodologia de base adotada e ao intenso envolvimento comunitário na execução de seus programas, pôde o **MOBRAL** optar pelo estabelecimento, a nível nacional, de publicações e material didático uniformes para todo o país. Isso permitiu uma produção, em termos industriais, de publicações de nível gráfico qualitativamente elevado e a preços reduzidos. Isso também só foi possível graças à unidade de língua encontrada no país. Os aspectos relativos à regionalização e adaptação a nível local foram deixados por conta dos encarregados locais que executam os programas (alfabetizadores, professores, monitores, etc).

Recrutados no seio das comunidades a que pertencem os alunos, esses encarregados locais desenvolvem seu trabalho dentro do código lingüístico local.

CARACTERIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO, APLICAÇÃO E AVANÇAMENTO DOS MATERIAIS

As publicações do **MOBRAL** servem de apoio aos participantes dos Programas, assegurando um caráter funcional à educação de adultos. Guardando unidade quanto à transmissão da mensagem da Organização, essas publicações objetivam:

- impregnar a educação de adultos de um caráter funcional;

- ampliar o horizonte cultural do homem brasileiro;
- assegurar a eficiência dos programas do MOBRAL;
- evitar a regressão ao analfabetismo;
- estreitar as relações entre os diferentes setores do MOBRAL;
- divulgar a imagem, realização e projetos do MOBRAL.

Estas publicações podem ser caracterizadas quanto à unidade operacional, à destinação e à origem de produção.

Unidade Operacional - ou seja, local para onde a publicação se dirige e no qual deve exercer um papel definido previamente: sala de aula, centro controlador, postos culturais, mobralteca, podendo estender-se a qualquer outro local da comunidade.

Destinação - ou seja, público para o qual a publicação é dirigida: aluno, ex-aluno, professor/monitor, ou seja, todos os participantes dos programas e à comunidade em geral.

Origem de Produção:

endógenas - elaboradas e planejadas pedagógica e graficamente no MOBRAL;

exógenas - elaboradas por diferentes editoras/ autores.

As publicações didáticas podem, ainda, ser caracterizadas de acordo com o seu tipo: livro, fascículo, revista, jornal, cartaz, folder ou folheto.

Para essa caracterização dos materiais, são considerados os seguintes aspectos:

- existência ou não de periodicidade;
- utilização individual ou coletiva;

- previsão de unidade ou variedade de tema/assunto;
- acabamento: dobrado, grampeado, colado e/ou costurado;
- planejamento temático.

Considerando o baixo poder aquisitivo da clientela **MOBRAL** e a necessidade de se garantir a consecução dos objetivos propostos e, ainda, atendendo aos aspectos de democratização de ensino e justiça escolar e social, o **MOBRAL** optou por oferecer gratuitamente, todo o seu material didático aos participantes de seus Programas.

O especial empenho do **MOBRAL** com seu material didático garante que, embora produzido em alta escala, seja mantido um bom padrão gráfico e pedagógico.

Para resguardar a filosofia educacional e a unidade metodológica de suas publicações didáticas e, conseqüentemente, manter o alto padrão de qualidade que sempre as caracterizam, o **MOBRAL** vem mantendo, desde 1972, um grupo responsável pela avaliação constante de tais publicações - uma equipe multidisciplinar que inclui lingüistas, pedagogos, técnicos em programação visual e que, hoje, está alocada à Gerência Pedagógica.

No que concerne à produção de publicações didáticas para atendimento aos Programas de Alfabetização Funcional e Educação Integrada, o **MOBRAL** seguiu uma linha inteiramente original. Em setembro de 1970, convocaram-se todas as editoras a apresentar material, que seria testado nos primeiros cursos de alfabetização ministrados pela Instituição.

Existem atualmente, em uso, quatro conjuntos básicos de Alfabetização Funcional, produzidos por quatro editoras, e três conjuntos de Educação Integrada, produzidos por três editoras. A diferença entre os conjuntos didáticos des

tinados quer ao Programa de Alfabetização Funcional quer ao Programa de Educação Integrada reside apenas na escolha de palavras geradoras, textos geradores, imagens e outros elementos, mantendo-se a metodologia adotada pelo **MOBRAL**.

Essa diversidade editorial torna-se vantajosa, pois evita o monopólio da própria Organização ou de uma só editora, ao mesmo tempo que garante a unidade dos diferentes materiais pelo controle qualitativo exercido pelo **MOBRAL**.

É bom salientar que esta relativa diversidade editorial que existe, justifica-se, uma vez que a diversidade excessiva reduziria a escala de produção, majorando sensivelmente o custo dos materiais.

Frise-se, entretanto, que qualquer editora ou autor interessados em operar com o **MOBRAL** têm liberdade de apresentar seus projetos, desde que se ajustem aos quesitos preestabelecidos pela Instituição, dentre os quais destacamos:

— necessidade de apresentar material próprio que atenda aos requisitos técnicos e didáticos prefixados pelo **MOBRAL**;

— necessidade de submeter o material à análise e, caso preciso, à reformulação de acordo com as indicações do **MOBRAL**;

— necessidade de se sujeitar ao preço estabelecido pelo **MOBRAL**.

No que se refere à aquisição desse material didático, o **MOBRAL** tem adotado como norma empresarial os contatos diretos entre Presidente do **MOBRAL** (com assentimento do Conselho Administrativo da Organização) e as empresas.

As editoras, na apresentação de propostas, são levadas a discriminar pormenorizadamente os custos unitários. Tal procedimento permite que o MOBRAL, através de estudos comparativos de preço realizados por setor especializado, verifique divergências e deficiências nas diversas propostas encaminhadas.

O material didático utilizado nos demais Programas são, de uma maneira geral, elaborados pela própria Instituição.

Publicações Exógenas

A avaliação das publicações exógenas se processa em 3 etapas, conforme o momento de sua realização: pré-avaliação, avaliação no processo e pós-avaliação.

A pré-avaliação funciona como um filtro e orienta a decisão quanto a possível inclusão do material nos Programas de Alfabetização Funcional e Educação Integrada. Ela é efetivada mediante a aplicação de critérios, tais como: atendimento a objetivos considerados prioritários, compatibilidade com a metodologia do MOBRAL, seleção e tratamento temático compatível com a clientela dos programas.

A avaliação no processo ocorre por ocasião de nova edição dos materiais já em uso pelo MOBRAL e envolve todo material novo, aprovado na pré-avaliação. Esta avaliação, de caráter orientador, objetiva fornecer às editoras informações para o aperfeiçoamento do material. Nesta etapa é feita uma análise minuciosa do material, julgando-se suas características gráficas e pedagógicas pela aplicação de critérios pré-estabelecidos pela Insti-

tuição. Os critérios de avaliação fundamentam-se: na filosofia do **MOBRAL**, na metodologia dos programas, nas características sócio-econômico - culturais dos alunos e na formação de alfabetizadores e professores.

Ressalte-se que a avaliação das publicações exógenas em uso no **MOBRAL**, além de critérios pedagógicos e gráficos, se baseia em critérios de economicidade. Tal estratégia tem gerado supressão de materiais, sem prejudicar a qualidade dos programas.

A pós-avaliação tem como finalidade a realimentação do processo de avaliação, orientando o estabelecimento de novos critérios de julgamento, subsidiando assim o trabalho de reformulação do material em uso pelo **MOBRAL**. É realizada através de instrumentais específicos que permitem ao grupo de avaliação verificar a real eficácia do material didático na consecução dos objetivos dos programas pedagógicos da Instituição. A existência dessa etapa demonstra, por parte do **MOBRAL**, uma dinâmica de constante renovação frente à realidade, buscando-se sempre uma adaptação aos resultados trazidos pelo uso, experiências e pesquisas.

Publicações Endógenas

A responsabilidade da produção de publicações didáticas endógenas é dividida entre os diferentes setores do **MOBRAL**.

Em geral, prevê-se as seguintes atividades:

— Concepção da idéia e elaboração de texto pela

equipe responsável pelo Programa a que se destina a publicação. Nesse momento, são levados em consideração os seguintes aspectos:

- filosofia do MOBRAL;
- características da clientela;
- características do Programa.

— Avaliação do texto pela equipe da Gerência Pedagógica, responsável pelas publicações didáticas. Esta etapa foi estabelecida considerando a importância de zelar pela qualidade das publicações do MOBRAL, a necessidade de uma tramitação única para publicações de natureza semelhante e, ainda, por ser imprescindível evitar superposição de temas nas publicações da Instituição.

A avaliação é feita baseada em critérios preestabelecidos, tais como adequação e correção de linguagem, precisão, dosagem de conteúdos, exequibilidade das atividades previstas etc.

— Elaboração do planejamento gráfico por equipe especializada, alocada à Gerência de Comunicação.

— Aprovação da publicação pelo PRESI/SEXEC.

— Impressão da publicação na gráfica do MOBRAL ou, antecedida por licitação, fora do MOBRAL.

Ressalte-se, aqui, que todas as etapas de produção são acompanhadas pelo setor de origem de publicação.

PARTICIPAÇÃO DA CLIENTELA NAS DIVERSAS FASES DO PROCESSO EDUCATIVO E NA ELABORAÇÃO E USO DE MATERIAIS

A grande busca do MOBREAL se faz no sentido de que o conteúdo de cada um de seus programas passe cada vez mais a ser gerado na própria comunidade, esta entendida como o grande espaço educativo.

O corolário dessa concepção é que a ação educativa não pode ser orientada por nenhum princípio rígido. Ao contrário, a flexibilidade deve ser o grande princípio norteador da ação, sem a qual toda a ação educativa estará fadada ao insucesso. Por outro lado, se os conteúdos educativos são aqueles gerados nas próprias comunidades, segue-se que os Programas do MOBREAL correspondem às necessidades e expectativas dessas comunidades ou, em outras palavras, representam possibilidades de o homem realizar-se como pessoa.

Neste enfoque, a Educação de Adultos tem como campo de ação o espaço de vida de sua clientela e, em todos os momentos, deve colaborar para que o homem possa ampliar este espaço, determinar seus objetivos e aspirações tanto pessoais como comunitários, e criar as suas estratégias de sobrevivência. E, já que é a clientela que põe em prática e concretiza os objetivos dos programas da educação de adultos, ela deve também colocar conteúdos próprios naqueles programas.

Afora essas concepções, o MOBREAL tem se preocupado em submeter à apreciação da clientela os conteúdos e mate

riais de apoio de cada programa. Utiliza-se de instrumentais simples e acessíveis, mas que permitem avaliar o alcance e adequação de suas publicações.

A sua rede de supervisão, comissões municipais, professores e monitores também colaboram nessa tarefa, fornecendo subsídios colhidos junto aos participantes dos diferentes programas.

(Extraído e adaptado de: O MOBRAL e a elaboração e utilização de materiais e protótipos educativos de pós-alfabetização;

Material didático dos programas pedagógicos;

Publicações do MOBRAL.

ANEXOS 1 a 5

ORIENTAÇÕES AO ALFABETIZADOR transcritas do Roteiro
de Orientações ao Alfabetizador

EXPLORANDO O CARTAZ GERADOR

Todos têm necessidade de contar aos outros histórias com pessoas da sua família e do seu trabalho.

Isso acontece, também, com os alunos do MOBRAL. A sala de aula é o lugar de encontro onde eles podem falar sobre coisas da sua vida, e ouvir outras pessoas que moram, quase sempre, perto. Muitas vezes, o problema de um é também problema de outros.

Conversando em classe, os alunos podem aprender muito uns com os outros, e assim resolver melhor as próprias dificuldades.

Você deve aproveitar todas as ocasiões para conversar com seus alunos, animando-os a falar. Essa conversa ajuda muito o seu trabalho, pois cria um ambiente de camaradagem. Os alunos vão, aos poucos, acostumando-se a dizer o que sentem, pensam e fazem.

Trocando idéias, eles se ajudam, e formam um *grupo*.

É o que acontece durante a exploração do *Cartaz Gerador*.

COMO EXPLORAR UM CARTAZ GERADOR

Primeiro...

PLANEJAR O TRABALHO COM O CARTAZ

Separar o cartaz que vai ser explorado, consultando o Livro do Alfabetizador. Lá você encontra sugestões de assuntos que poderão ser discutidos em cada cartaz.

Depois...

MOSTRAR O CARTAZ AOS ALUNOS

Neste momento, você pede aos alunos que digam o que pensam ao olharem para o cartaz.



Por exemplo, os alunos ao olharem esse cartaz, poderão dizer que pensam:

- nos filhos, quando eram pequenos;
- nos cuidados que se deve ter com uma criança;
- em tudo pelo que a mãe passa, para ter uma criança;
- nos cuidados que a mãe deve ter, antes de nascer o filho.

À medida que os alunos forem falando sobre o que pensam do cartaz, você vai fazendo perguntas, para eles falarem mais ainda sobre o que os fez lembrar disto ou daquilo.

Você passa, então, a...

DEBATER, CONVERSAR COM OS ALUNOS SOBRE O QUE VÃO DIZENDO

Por exemplo: quando um aluno falar que se lembra dos filhos quando eram pequenos, ou do cuidado que se deve ter com uma criança, você pode animar a conversa, perguntando à classe:

- quais os cuidados que se deve ter com uma criança?
- como cuidar da alimentação e da saúde de uma criança pequena?
- o que se pode fazer, para saber mais sobre como cuidar de uma criança?

Os alunos vão ter muito o que falar e você também deve contar o que sabe. Podem até combinar de trazer uma pessoa da comunidade, para falar sobre o assunto.

Como você viu, tudo o que os alunos lembram pode levar ao debate de assuntos que são importantes para eles, como:

- cuidados que a mãe deve ter, quando está esperando um filho;
- cuidados na hora do parto;
- como deve ser a educação de uma criança etc.

Cabe a você estar sempre prestando atenção ao que os alunos falam, para fazer as perguntas necessárias.

Agindo assim, você estará dando oportunidade aos alunos de falarem o que sabem, e de trocarem idéias.

O mais importante é que todos estarão aumentando seus conhecimentos.

No caso de alguns alunos ficarem calados, você pode fazer perguntas, para eles se animarem a falar.

Naturalmente vão surgir vários assuntos relacionados a saúde, alimentação, trabalho, habitação, diversão etc. É o momento de discutirem e aprenderem coisas úteis.

Quando você percebe que os alunos já deram suas opiniões, já conversaram sobre o que você achou que era importante, é o momento de arrumar tudo o que foi dito.

Você deve, então.

FAZER A SISTEMATIZAÇÃO, ISTO É, ORGANIZAR, COM O GRUPO, AS IDÉIAS, OS ASSUNTOS PRINCIPAIS QUE FORAM DISCUTIDOS NO DEBATE.

Esse passo é necessário na exploração do cartaz gerador, porque os alunos vão sentir que:

- muitos assuntos foram úteis aos colegas;
- conversando, sempre se aprende;
- há assuntos que são mais importantes do que outros.

Você pode fazer a sistematização dos assuntos, pedindo aos alunos que:

- digam o que aprenderam no debate;
- organizem frases orais ou escritas sobre o que acharam importante para eles;
- dêem um título ou um nome ao cartaz etc.

O cartaz gerador pode levar ao estudo de uma palavra geradora.

Se você usá-lo com esse objetivo, deve continuar a conversa, enquanto sentir que os alunos estão interessados nos assuntos que surgiram.

Depois, então, você apresenta a palavra que vai ser estudada, escrevendo-a no quadro ou mostrando-a no cartão do material didático.

Pode acontecer, porém, que durante o debate os alunos não tenham falado em nenhum assunto ligado diretamente à palavra . Você deve, nesse caso, antes de apresentar a palavra, lembrar algum assunto discutido, até que possa chegar à palavra que deseja.

Vamos voltar ao exemplo do cartaz *mãe e filho*.

A palavra geradora que deve ser trabalhada, após a exploração desse cartaz é

vida

Nos assuntos surgidos no debate sobre o cartaz, não se falou, nenhuma vez, na palavra *vida*.

O que fazer, então?

Você pode conversar um pouco mais com os seus alunos, perguntando:

- O que acontece na família, quando nasce um filho?
- Por que ser mãe é importante?

Uma das respostas poderá ser — Porque a mãe dá vida a uma criança.

É o momento em que você pode dizer aos alunos que a palavra que vão estudar é

vida

Você apresenta, então, a palavra geradora.

EXPLORANDO A PALAVRA GERADORA

Como vimos anteriormente, uma das maneiras de apresentar a palavra geradora é após a exploração do cartaz gerador.

Mas você pode apresentá-la independente do cartaz, assim:

— trazendo para a classe o objeto que representa o nome da palavra geradora.

Ex.: um relógio, um tijolo, dinheiro em moedas e notas, uma jarra.

Os alunos poderão discutir sobre:

- a utilidade do objeto;
- de que é feito;
- quando e como utilizá-lo;
- a importância dele para a nossa vida;
- e outros assuntos.

— aproveitando um acontecimento na classe ou na comunidade, uma notícia do jornal ou do rádio, que se relacione com a palavra a ser estudada.

Ex.: um jogo de futebol, uma senhora grávida, uma campanha de vacinação, ou uma epidemia na cidade.

Você e os alunos conversarão sobre o assunto e depois você apresentará a palavra.

— fazendo perguntas que levem à palavra geradora, e depois discutindo sobre assuntos relacionados a ela.

Ex.: De que precisamos para viver bem?

Os alunos poderão chegar às palavras — saúde, trabalho, dinheiro, amor etc.

— ou, apenas, mostrando a palavra geradora, e discutindo sobre o seu significado.

Por exemplo:

Após mostrar a palavra *vida*, você pode discutir com os alunos sobre:

- o que é vida para cada um deles;
- o que acham mais importante na vida;

- como viver bem com os outros;
- como deve ser a vida em família, na vizinhança e na comunidade;
- a necessidade de união, amizade e colaboração entre todos e
- outros assuntos que podem surgir, conforme o interesse do grupo.

Você pode, ainda, planejar, com os alunos, atividades a serem realizadas nos dias seguintes. Elas servirão para ajudar os colegas, vizinhos e outras pessoas da comunidade a resolver problemas que estejam atrapalhando a vida de alguns ou de todos.

Como na exploração do cartaz, você deve fazer perguntas para animar o debate, prestando muita atenção nas respostas de cada um, e pedindo que falem porque pensam desta ou daquela maneira.

Você pode, também, dar a sua opinião.

Assim fazendo, a palavra apresentada vai significar muito para os alunos. Eles vão estudá-la com mais facilidade, lembrando dos assuntos que conversaram sobre essa palavra.

— ATENÇÃO

Na exploração do cartaz gerador é importante:

- consultar o Livro do Alfabetizador para você ver quais as sugestões de assuntos apresentados para cada cartaz, que podem ser aproveitados para a palavra geradora;

- selecionar os assuntos que estiverem mais de acordo com o interesse e as necessidades do grupo;

- pensar, com os alunos, em outras atividades que poderão ser realizadas após o debate, em torno do cartaz ou da palavra. Enquanto os alunos estudam a palavra geradora, são realizadas em classe outras atividades ligadas aos assuntos discutidos no debate, como:

- leitura em jornais, revistas, livros de Leitura Continuada e outros livros;
- palestras, entrevistas com alguém da cidade;
- organização de murais, festas, visitas;
- elaboração, em grupo ou em trabalho individual, de pequenos textos sobre o que discutiram, o que aprenderam nas atividades etc.

Há outras maneiras de explorar um cartaz ou um palavra geradora. Por exemplo: quando os alunos já estiverem acostumados a fazer debates, a sistematizar os assuntos discutidos, você pode, em grupo, explorar um cartaz ou uma palavra geradora, da seguinte maneira:

- os alunos olham bem o cartaz ou a palavra, e pensam no que cada um representa para eles;

- depois, se dividem em grupos para falarem sobre o que pensaram a respeito da palavra ou do cartaz. Deve ser escolhido um aluno de cada grupo para ser o animador do debate. Eles devem, também, organizar as principais idéias discutidas no grupo;

- você, então, organiza com os alunos as idéias gerais que cada grupo apresentou.

Como você pôde ver, a exploração do cartaz ou da palavra é muito importante para o Programa de Alfabetização Funcional alcançar o que pretende. É uma oportunidade que o aluno tem de:

- Discutir os seus problemas e planejar, em grupo, maneiras de resolvê-los.
- Falar do que já sabe e do que gostaria ainda de aprender.
- Aumentar os conhecimentos que já tem, para usá-los no dia-a-dia.
- Sentir como é importante a vida em grupo, pois:
 - fica sabendo que todos têm problemas mais ou menos iguais;
 - conhece os problemas dos outros e, juntos, podem procurar a solução;
 - observa que sempre uns podem ajudar os outros etc.

TRABALHANDO COM A PALAVRA GERADORA

O trabalho com a palavra geradora é de grande importância para o bom desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional. É através do estudo de cada palavra geradora que os alunos vão, aos poucos, aprendendo a *ler* e a *escrever*, que é o que eles tanto desejam.

Você deve, pois, dar muita atenção a esse trabalho, para que, no final de cinco meses, o aluno possa receber o certificado de *alfabetizado*.

Para trabalhar com a palavra geradora, você deve observar os seguintes passos:

- Leitura e escrita da palavra como um todo;
- Leitura pausada, destacando as sílabas;
- Formação das famílias silábicas;
- Formação de novas palavras;
- Fixação das palavras formuladas em leitura e escrita;
- Formação de frases;

Veja como desenvolver cada um desses passos.

LEITURA E ESCRITA DA PALAVRA, COMO UM TODO

A palavra que você vai trabalhar é nova para o aluno. Por isso, ela deve ser mostrada de várias maneiras, para que todo o grupo possa aprender sua leitura e escrita.

Você deverá ler a palavra para os alunos, mostrando-a de alguns modos diferentes:

- no cartão do material didático;
- escrita no quadro-de-giz, numa ficha ou tira de papel;
- e de outras formas que você pode imaginar.

Ao mesmo tempo que você mostra e lê a palavra, deve pedir aos alunos que façam também a leitura dela:

- em conjunto;
- em pequenos grupos;
- individualmente.

É importante que o livro de leitura do aluno seja usado desde esse momento. É uma oportunidade de fixar a palavra.

Após a leitura, você deverá pedir aos alunos que escrevam a palavra, pois estarão treinando a escrita. Para isso, eles têm o Livro de Exercícios de Linguagem. Devem, também, ter um caderno para os exercícios organizados por você.

Como você vê, eles vão aprendendo a ler e escrever ao mesmo tempo.

LEITURA PAUSADA, DESTACANDO A SÍLABA

A seguir, os alunos devem ler devagar a palavra, destacando as sílabas. Escreva, então, a palavra com as sílabas bem separadas. Por exemplo: se a palavra for *futebol*, separe:

fu _ te _ bol

Peça aos alunos que olhem bem cada sílaba e escrevam a palavra dividida em sílabas nos seus cadernos ou no livro de exercícios.

Depois disso, você deverá dar um passo à frente, que é...

FORMAÇÃO DAS FAMÍLIAS SILÁBICAS

No início, você mostra como formar cada família silábica. Depois da segunda ou terceira palavra, eles já poderão formá-las com a sua ajuda.

Sem

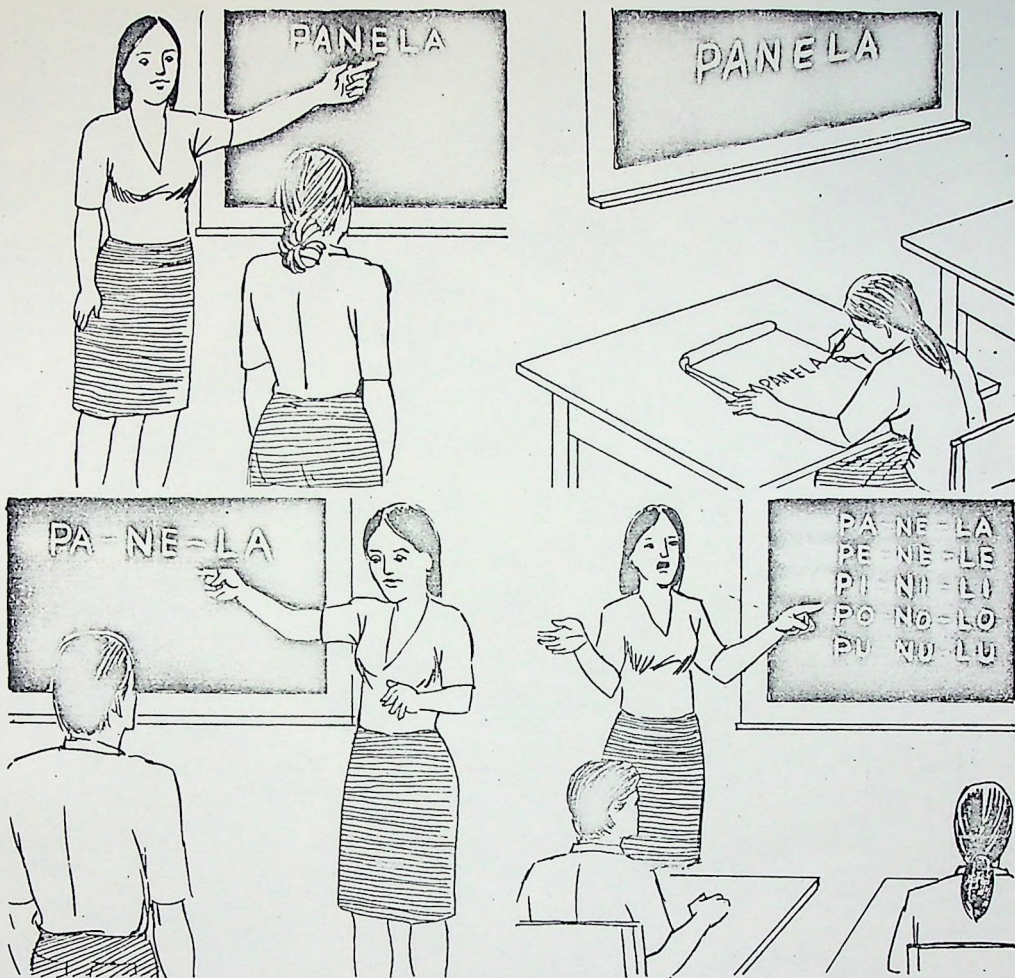
Vamos continuar trabalhando com a palavra *futebol*.

Você vai completando o quadro, conforme os alunos forem falando, escrevendo uma família de cada vez.

fu	te	bol		
fa	ta	ba		al
fe	te	be		el
fi	ti	bi		il
fo	to	bo		ol
fu	tu	bu		ul

ou

fa	fe	fi	fo	fu
ta	te	ti	to	tu
ba	be	bi	bo	bu
<hr/>				
al	el	il	ol	ul



Como você pode ver, estamos trabalhando com as famílias silábicas da própria palavra. Uma sílaba sozinha, sem estar ligada a nenhuma palavra vista, não tem sentido e é mais difícil de aprender.

Você deverá ter o cuidado de trabalhar com as famílias silábicas, uma de cada vez, para melhor fixação.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS NOVAS

É um passo muito importante no trabalho com a palavra.

Os alunos vão descobrir que, juntando as sílabas estudadas, poderão formar palavras novas.

Você pode formar as primeiras palavras para os alunos verem como se faz. Depois, deixe que eles formem outras.

Não se esqueça de ficar atento às dificuldades que um ou outro aluno tenha, a fim de poder ajudá-lo.

Muitas palavras podem ser formadas com as famílias silábicas da palavra *futebol*, por exemplo:

tifo *alto* *fato* *fita*

Se juntarmos as famílias silábicas da palavra *futebol* com as famílias silábicas das palavras já estudadas anteriormente, vai aumentar o número de palavras novas.

Por exemplo:

balde *bolsa* *filme* *folga* *adulto* *alma*

Peça aos alunos que digam o que pensam sobre aquelas palavras. Você poderá também dizer o que sabe, enriquecendo as idéias dos alunos.

FIXAÇÃO DAS PALAVRAS FORMADAS EM LEITURA E ESCRITA

Faça muitos exercícios de leitura e escrita, para eles fixarem essas sílabas.

Por exemplo, peça aos alunos que:

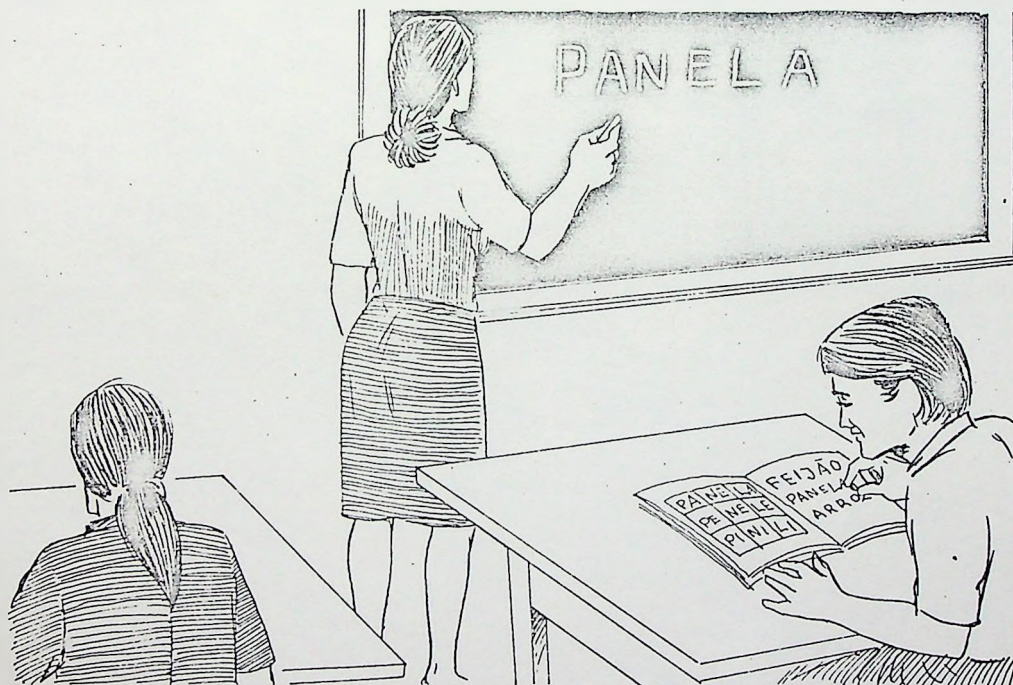
- leiam as palavras formadas;
- copiem as palavras no caderno;
- façam os exercícios no Livro de Exercícios de Linguagem;
- leiam as palavras no Livro de Leitura;
- escrevam, com as sílabas conhecidas, nomes de pessoas, de coisas que fazem, de objetos;
- procurem, nos livros de Leitura Continuada (Quem lê... vai longe e Leia e faça você mesmo'), palavras que tenham essas sílabas;
- leiam as palavras apresentadas em fichas feitas por você;
- façam outros exercícios que você mesmo pode criar.

Organize ainda alguns jogos para fixar as palavras e animar os alunos. Exemplos:

BINGO DE PALAVRAS OU SÍLABAS

- Peça aos alunos que abram o Livro de Leitura em uma lição já estudada.
- Fale você uma palavra, sem seguir a ordem apresentada naquela página.
- Diga aos alunos para procurá-la no Livro e marcá-la com feijão, milho, arroz, pedra etc.
- Escreva no quadro as palavras que você falou e veja quem acertou.

No final, os alunos podem escrever cada palavra falada por você, em seus cadernos.



JOGO DE SÍLABAS

Escreva no quadro uma sílaba já estudada. Peça aos alunos que abram o Livro de Leitura, numa página que você escolheu anteriormente.

- Diga aos alunos que marquem, no livro, todas as palavras com aquelas sílabas. Poderão usar, para isso, os mesmos objetos do bingo. Será vencedor o aluno que marcar maior quantidade de palavras.

Você pode variar esse jogo, fazendo um trabalho com as sílabas, da seguinte forma:

- Escreva várias sílabas no quadro (podem ser umas 20).
- Diga uma palavra.
- Peça a um aluno que marque, no quadro, todas as sílabas daquela palavra.
- Diga outras palavras, chamando um aluno para cada uma delas.

Os alunos vencedores serão aqueles que acertarem todas as sílabas de uma palavra.

JOGO DE PALAVRAS

- Divida a turma em grupos de 4 pessoas cada um.
- Peça que cada grupo forme com as sílabas estudadas, palavras que indicam nome de objetos. Marque um tempo para os grupos realizarem o trabalho.
- No final, cada grupo apresenta as palavras formadas, dizendo antes o que elas significam, para que os colegas adivinhem.
- Escreva no quadro as palavras descobertas, ou então escolha um aluno de cada vez para escrevê-las. Depois, peça a todos os alunos que as escrevam nos cadernos.

Veja um outro jogo com palavras que você poderá realizar com seus alunos:

- Divida os alunos em grupos.
- Escreva uma sílaba já estudada, no quadro.
- Peça que cada grupo escreva o maior número de palavras com aquela sílaba.

O grupo que escrever a maior quantidade de palavras será o vencedor.

Se você quiser fazer um jogo individual de palavras, observe esta sugestão:

- Escreva uma palavra no quadro.
- Peça aos alunos que olhem bem.
- Apague a palavra.

- Diga aos alunos que a escrevam em seus cadernos.
- Quando a maioria da turma já tiver escrito, escreva você, novamente, a mesma palavra no quadro. Cada aluno vai conferir se acertou ou não.

Apresente, de cada vez, umas 4 palavras. O ganhador do jogo será o que acertar o maior número de palavras.

Depois do estudo das palavras novas, vem a

FORMAÇÃO DE FRASES

O aluno está aprendendo a ler e escrever palavras isoladas. Agora, ele precisa usá-las em frases.

Você deve, por isso, realizar com os alunos várias atividades, como as sugeridas a seguir.

- Pedir que formem frases, usando palavras estudadas naquele dia ou nos dias anteriores.

- Pedir a um aluno que diga o que pensou; os outros vão aumentando a frase.

Exemplo: •

Um aluno diz: Eu gosto de jogar futebol.

Outro diz: Eu gosto de jogar futebol com os meus amigos.

Outro diz ainda: Eu gosto de jogar futebol com meus amigos, nos dias de folga.

- Pedir que formem frases com uma palavra que tenha vários significados.

Ex.: A palavra *banco* pode significar mais de uma coisa:

Fui ao *banco* retirar dinheiro.

Sentei-me no *banco* da praça para descansar.

- Formar frases com palavras conhecidas, dando continuidade, para, no final, ter uma pequena história.

Um aluno diz uma frase e os outros vão completando com novas frases relacionadas à primeira.

Um aluno diz: Luís joga bola com seus amigos.

Os outros continuam: Eles são todos adultos.

Luís comprou uma bola de futebol.

Eles vão jogar bola nos dias de folga.

Eles gostam mais de jogar bola do que ver filme.

Como é uma atividade mais difícil, você pode, nas primeiras vezes, contar uma história com as palavras que estiverem no quadro.

- Pedir a cada aluno que forme frases com as palavras estudadas, formando uma pequena história. Cada aluno vai contando a história que fez, escrevendo no quadro as palavras conhecidas.
- Fazer leitura interpretativa de frases escritas no quadro, organizadas por você ou pelos alunos.
- Organizar murais com frases formadas e escritas pelos alunos.
- Realizar jogos de palavras.

Exemplo: Escolha algumas palavras que tenham sílabas já estudadas pelos alunos.

Peça a cada aluno que faça uma frase com aquelas palavras.

Depois que eles escreverem, cada aluno deverá ler em voz alta a frase que escreveu.

A turma escolhe a frase mais bonita. O aluno que a escreveu será o vencedor do jogo de frases.

LEMBRE-SE:

A formação de frases é importante. Enquanto os alunos estão fixando as palavras estudadas, eles aprendem a expressar as idéias, oralmente e por escrito.

No começo, todas essas atividades podem ser feitas oralmente. Você escreverá no quadro, algumas vezes, chamando a atenção para a pontuação e letras maiúsculas.

À medida que os alunos vão aprendendo a escrever mais palavras, eles realizam atividades por escrito, no quadro ou no caderno.

No estudo da palavra geradora, é de grande importância o uso do *Livro de Leitura* e do *Livro de Exercícios de Linguagem*.

Esses livros devem ser usados desde o primeiro passo, isto é, desde a leitura da palavra geradora, até a formação de frases e textos.

No princípio, você deverá ler os exercícios para os alunos. Depois, quando eles já souberem ler, poderão fazer sozinhos os exercícios do livro.

Procure usar bem as leituras, pedindo sempre que contem sobre o que leram.

Assim, os alunos se preparam para ler os livros de Leitura Continuada, outros textos de jornais, revistas etc.

TRABALHANDO COM OS LIVROS DE LEITURA CONTINUADA

A leitura é tão importante para a vida do aluno que você tem de dar essa atividade em sala de aula, todos os dias.

Os alunos já possuem alguns livros.

No começo do Programa, eles recebem o Livro de Leitura, mas ele só não basta.

O MOBRAL preparou outros, para os alunos lerem em classe e em casa: os livros de Leitura Continuada, que são:

QUEM LÊ... VAI LONGE LEIA E FAÇA VOCÊ MESMO

Cada aluno recebe esses dois livros.

Esses livros têm textos interessantes, com assuntos muito úteis para os alunos.

Procure conhecê-los. Quanto mais uma pessoa lê, mais facilmente domina a leitura e a escrita. Os livros do MOBRAL podem ser usados logo que o aluno souber ler alguma coisa.

Trabalhando com esses livros em classe, os alunos vão sentindo que podem sempre aprender mais, e também se acostumam a ler com os filhos e amigos.

O importante é que os assuntos dos livros sejam discutidos por você e pelos alunos. Eles devem acostumar-se a encontrar nos livros a ajuda para resolver suas dificuldades.

Por exemplo:

No Livro *Leia e Faça Você Mesmo*, existem explicações de como fazer uma estante. Os alunos, vendo como é fácil, podem fabricar uma para a sua classe.

Outro exemplo:

O irmão de um dos alunos, lendo o livro *Quem Lê... Vai Longe*, viu o que precisa fazer para tirar a sua Carteira de Trabalho.

Assim, esse livro deu informações a uma pessoa que nem estudava no MOBRAL.

COMO E QUANDO USAR OS LIVROS DE LEITURA CONTINUADA

Os alunos podem utilizá-los desde o início do curso, mesmo que não tenham trabalhado com muitas palavras geradoras e não saibam ler perfeitamente. Eles aprendem observando as figuras e lendo algumas palavras que já conhecem, acompanhando a leitura que você fará com eles.

Você pode realizar atividades de Leitura Continuada em vários momentos, como poderemos observar a seguir.

QUANDO ESTIVEREM EXPLORANDO O CARTAZ GERADOR

Procure observar os textos desses livros, que podem ser relacionados aos assuntos discutidos nos Cartazes Geradores.

Por exemplo:

• Na exploração do Cartaz Gerador ligado à palavra *sapato*, poderá surgir a oportunidade de usar o livro *Leia e Faça Você Mesmo*. Lendo com você as páginas que ensinam a fazer sandálias e tamancos, os alunos poderão aprender a fazê-los. Observe que as figuras dessas páginas facilitam a compreensão dos textos.

• Ao explorar o Cartaz Gerador ligado à palavra *comida*, você também pode ler com os alunos as páginas do livro *Leia e Faça Você Mesmo* que falam sobre os cuidados de higiene com os alimentos.

São leituras que levam você e seus alunos a um debate muito rico e proveitoso.

QUANDO ESTIVEREM LENDO OS PEQUENOS TEXTOS DO LIVRO DE LEITURA

Em uma das páginas do livro de leitura — Roteiro de Alfabetização da Editora Bloch, você encontra o seguinte texto:

O jornal informa.
Ele informa fatos do mundo.
Devemos ler jornal.

Depois que os alunos lerem e interpretarem o texto, você pode discutir com eles sobre a importância do jornal. E, pode, ainda, ler com eles, no livro *QUEM LÊ... VAI LONGE*, o texto que trata desse assunto.

Isso deverá ser feito com muitos outros textos, ou até com as frases iniciais do Livro de Leitura.

QUANDO ESTIVER LENDO TEXTOS ORGANIZADOS POR VOCÊ

Você deve organizar esses pequenos textos para:

- fixar as palavras estudadas;
- dar oportunidade aos alunos de lerem essas palavras em outras situações de leitura.

Como exemplo, vejamos um texto organizado por um alfabetizador, com as famílias silábicas conhecidas até a palavra *fossa*, considerando o material da Editora Abril.

Amélia cuida da saúde. Ela é asseada. Ela vai ao médico. O médico é seu amigo. E você, cuida da sua saúde?
--

Além de fazer perguntas, após a leitura do texto você pode debater com os alunos sobre o que é importante para a saúde, e fazer alguma leitura sobre o assunto.

No livro **QUEM LÊ... VAI LONGE** você encontrará textos que falam sobre como utilizar o posto de saúde, os benefícios da Previdência Social etc.

QUANDO PROCURAREM LER EM CASA, COM ALGUÉM DE SUA FAMÍLIA, OS TEXTOS QUE INTERESSAREM A ELES

Nos livros de Leitura Continuada, há textos que orientam o aluno para:

- fazer tapetes, colchas, xales etc.;
- se apresentar em um novo emprego;
- escrever cartas e passar telegramas;
- e muitas outras coisas importantes para todos.

O aluno, levando para casa esses livros, poderá ler com os filhos, a esposa e até com os vizinhos, as informações que eles contêm.

Assim, muitas pessoas terão oportunidade de continuar aprendendo com os livros.

ENSINANDO A MATEMÁTICA

Seus alunos são pessoas adultas que usam, no dia-a-dia, uma série de noções matemáticas: conferem troco, separam a quantia suficiente para um pagamento etc. São pessoas que esperam usar tudo o que aprenderam de novidade em classe.

Assim, ao ensinar Matemática, é importante que você procure:

- dar noções que os ajudem a resolver os mais variados problemas de sua vida diária;
- organizar e aumentar os conhecimentos dos alunos;
- desenvolver o raciocínio deles.

Para poder trabalhar melhor no ensino de cada assunto de Matemática, é necessário:

CONHECER O QUE OS SEUS ALUNOS JÁ SABEM

Assim, você terá ocasião de verificar o que vai ser novidade para eles.

Faça isso por meio de conversas com os alunos, exercícios orais, atividades individuais ou em grupos.

LEVAR EM CONTA AS EXPERIÊNCIAS QUE OS ALUNOS POSSUEM

Deste modo, você terá a vantagem de poder ligar os assuntos novos aos que já são do conhecimento dos alunos. Assim, o tempo de trabalho diminui e vai ser mais fácil para eles aprenderem.

Quando você for ensinar uma coisa nova, procure dar primeiro coisas mais simples e, depois, chegue às mais difíceis. Antes de passar um exercício, você deve resolvê-lo para saber se o que ele pede é do conhecimento dos alunos.

DAR VALOR AO MODO DE PENSAR DOS ALUNOS

Seus alunos já tiveram muitas oportunidades de utilizar cálculos matemáticos, nas mais diferentes ocasiões.

Por isso, pergunte sempre a eles como resolveram um problema, como chegaram ao resultado de um exercício, por que fizeram daquela maneira etc.

Assim, você estará conhecendo os caminhos que eles seguem, para resolver uma situação.

Durante essa atividade, você poderá mostrar que algumas pessoas pensam de modo diferente, para chegar a uma solução.

Essa troca de experiências enriquecerá você e seus alunos.

PEDIR QUE OS ALUNOS ESCREVAM O RACIOCÍNIO CERTO

Sabemos que eles têm dificuldade de colocar no papel aquilo que sabem fazer de cabeça. Mas é muito importante que eles escrevam como resolveram uma conta ou um problema qualquer.

Ao escreverem a conta feita de cabeça, eles aprendem mais facilmente o caminho certo para resolverem qualquer outra conta.

UTILIZAR AS SITUAÇÕES DA VIDA DOS ALUNOS, NOS EXERCÍCIOS E ATIVIDADES

Tudo o que eles já utilizaram naturalmente em sua vida, é muito mais fácil de compreender.

Por exemplo:

Se a maioria dos seus alunos cultiva a terra ou cuida de gado, apresente a eles exercícios sobre:

- plantação e colheita de produtos;
- comércio de gado;
- tamanho das terras de plantação ou de criação de gado etc.

DAR AOS ALUNOS EXERCÍCIOS E ATIVIDADES, PARA QUE ELES APLIQUEM O QUE FOI ENSINADO

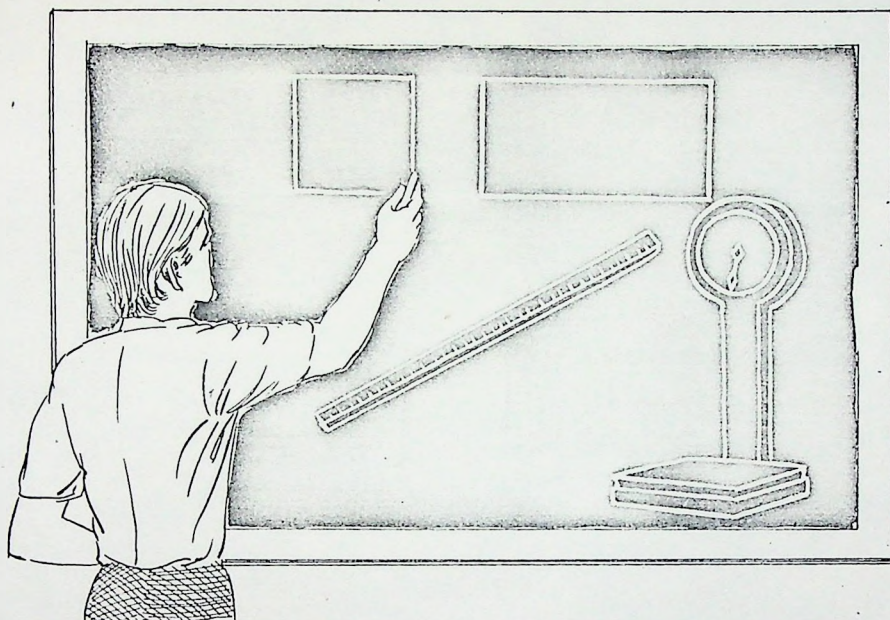
Seus alunos devem sentir que aquilo que estão aprendendo é útil em sua vida prática. Além disso, tais atividades servem para fixar o que você ensinou.

Lembre-se de que você pode contar com auxílio do Livro do Alfabetizador e Livro de Exercícios de Matemática.

Mas não use apenas esses dois.

Procure enriquecer suas aulas de Matemática.

Faça outros materiais: figuras geométricas (retângulos, quadrados etc.), instrumentos de medir (relógio, fita métrica etc.), quadro de valor de lugar etc. Isso pode ser feito com material simples. Os próprios alunos poderão ajudar.



Ainda mais...

Desenvolva em classe atividades criativas: dramatização de compra e venda, realização de jogos para fixar as operações, noções de medidas etc.

Cabe a você tornar sua aula prática e agradável.

ANEXO 6

Capítulo de apresentação do CONJUNTO DIDÁTICO BÁSICO DO
PAF, contido no Roteiro de Orientações ao Alfabetizador

CONHECENDO O CONJUNTO DIDÁTICO BÁSICO

O conjunto didático básico do Programa de Alfabetização Funcional foi organizado para ajudar você e seus alunos.

O conjunto didático básico consta de: Livro do Alfabetizador, cartazes e cartões, Livro de Leitura, Livro de Exercícios de Linguagem e Livro de Exercícios de Matemática.

Observe o quadro:

CONJUNTO DIDÁTICO BÁSICO

MATERIAIS	DO QUE CONSTAM	PARA QUE SERVEM
Livro do Alfabetizador	— orientações, sugestões e informações para o trabalho de classe.	— orientar para: ◦ planejamento das aulas; ◦ utilização do material didático.
Cartazes	— fotografias com situações Reais da vida do aluno.	— provocar debates sobre assuntos do interesse do aluno; — dar oportunidade ao aluno de adquirir novos conhecimentos; — motivar o estudo da palavra geradora.
Cartões	— palavras geradoras.	— fixar a imagem das palavras geradoras; — avaliar a leitura das palavras geradoras estudadas.

MATERIAIS	DO QUE CONSTAM	PARA QUE SERVEM
Livro de Leitura do Aluno	<ul style="list-style-type: none"> — palavras geradoras; — famílias silábicas das palavras geradoras; — outras palavras formadas com as famílias silábicas das palavras geradoras; — frases e pequenos textos; — lições para revisão das palavras estudadas. 	<ul style="list-style-type: none"> — dar oportunidade ao aluno de fixar a imagem das palavras estudadas; — aumentar o vocabulário; — desenvolver a leitura de palavras, frases e textos; — verificar o que o aluno aprendeu na leitura.
Livro de Exercícios de Linguagem	<ul style="list-style-type: none"> — exercícios de escrita com: <ul style="list-style-type: none"> • palavras geradoras; • outras palavras formadas com as sílabas das palavras geradoras; • frases e pequenos textos. 	<ul style="list-style-type: none"> — aumentar o vocabulário do aluno; — verificar a leitura e a escrita do aluno; — dar oportunidade ao aluno de desenvolver a escrita de palavras, frases etc.
Livro de Exercícios de Matemática	<ul style="list-style-type: none"> — exercícios sobre os diferentes conteúdos de Matemática. 	<ul style="list-style-type: none"> — sondar o conhecimento do aluno; — ampliar seus conhecimentos; — verificar o que o aluno aprende em Matemática; — fixar os assuntos dados.

Observe que há uma ligação entre os materiais do Conjunto Didático Básico.

Por exemplo:

- cada *cartaz* tem um *cartão* com uma palavra geradora relacionada a ele.
- No *Livro de Leitura* e no *Livro de Exercícios de Linguagem*, há também essa mesma palavra, para o aluno fazer o seu estudo.
- No *Livro do Alfabetizador* você encontra orientações sobre o trabalho com a palavra, utilizando cada material.

Toda vez que você discutir em classe sobre uma palavra geradora, deverá logo em seguida pedir aos alunos que a leiam no Livro de Leitura e façam os exercícios do Livro de Exercícios de Linguagem.

O Livro de Leitura e o Livro de Exercícios de Linguagem e de Matemática podem ser usados em:

- trabalhos individuais;
- trabalhos de grupo, principalmente em trabalho diversificado.

Para sentir maior segurança quando usar os livros de Leitura e os dois livros de Exercícios, é bom que você:

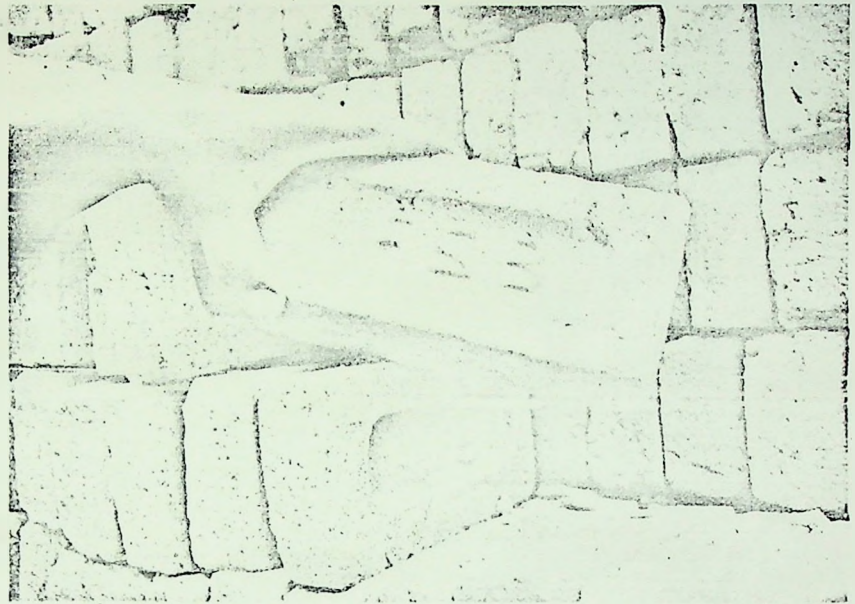
- analise com cuidado todos os exercícios, para conhecer o que cada um pede;
- resolva os exercícios, antes de pedir aos alunos que os façam;
- escolha bem os exercícios de acordo com o assunto dado e com o que os alunos já podem fazer;
- organize outros exercícios para atender aos interesses e necessidades dos alunos, procurando sugestões em outros materiais.

Não se esqueça, também, de que a correção dos exercícios é um bom momento para você enriquecer os conhecimentos da classe. Corrija-os no quadro, em colaboração com os alunos, aproveitando para tirar todas as dúvidas.

OS LIVROS AJUDAM VOCÊ A AJUDAR O ALUNO!

ANEXO 7

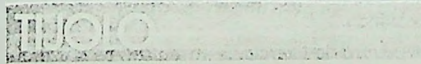
Sugestões de exploração da palavra geradora apresentadas
no Manual do Alfabetizador das diferentes cartilhas



tijolo

ti jo lo

4



DEBATE

a) Fabricação

- De que é feito o tijolo?
- Como ele é feito?

b) Outras utilidades do barro

- Além do tijolo, que outras coisas podem ser feitas de barro?
- Quais dessas coisas vocês usam nas suas casas?

c) Utilidade do tijolo

- Para que serve o tijolo?
- De que são feitas as casas no lugar onde vocês moram?

d) Saúde

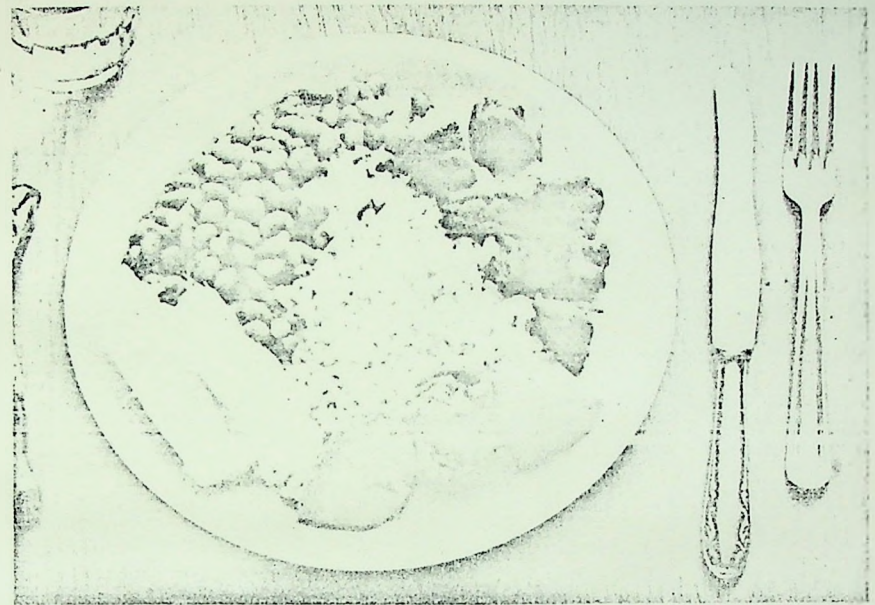
- Quais as vantagens e desvantagens de uma casa de tijolos?
- Como deve ser uma casa para ser boa para a saúde?

e) Profissão

- Como é o trabalho do pedreiro?
- O que é preciso para ser pedreiro?
- Como as pessoas aprendem um ofício?

f) Construção de casas

- Que material é necessário para se construir uma casa?
- Vocês moram em casa própria ou alugada?
- Que meios vocês conhecem para construir uma casa?
- Que meios vocês conhecem para comprar uma casa?



comida

co mi da

6

DEBATE

a) Tipos de alimentos

- Qual a importância da alimentação para o nosso corpo?
- Por que é importante comer carne, ovos, verduras e frutas?
- Vocês acham que comer muito é comer bem? Por quê?
- Quais os alimentos mais usados entre as pessoas que vocês conhecem?

b) Aproveitamento de alimentos

- Que alimentos vocês costumam comer crus? E cozidos?
- Vocês sabem que a água usada para cozinhar legumes, verduras e carne pode ser aproveitada? Como?
- Como vocês fazem para conservar os alimentos?

c) Higiene na alimentação

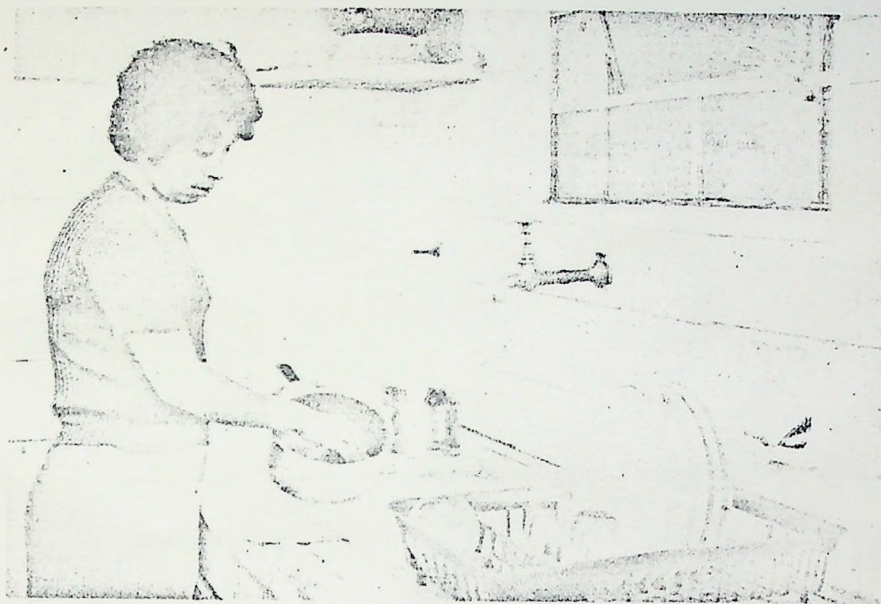
- Quais os cuidados que se deve ter com a alimentação?
- Que cuidados devemos ter com a água de beber? E com o leite?

d) Saúde

- A alimentação de crianças e velhos deve receber cuidados especiais? Por quê?
- Por que as pessoas devem ter horários regulares para comer?

e) Produção e consumo

- Que alimentos são produzidos na sua região?
- Vocês costumam comer frutas e verduras na época em que são colhidas? Quais as vantagens disso?
- Vocês têm horta?
- O que vocês plantam?
- Vocês plantam para comer ou para vender?



limpeza

lim pe za

42

DEBATE

- a) **Limpeza e alimentação**
 - Por que é necessário lavar a louça todo dia?
 - Quais os cuidados de limpeza que devemos ter com a comida?
- b) **Higiene da casa e do corpo**
 - Que tipos de cuidados devemos ter com a casa?
 - Por que devemos ter cuidados de limpeza com nosso corpo?
 - Quais são esses cuidados?
- c) **Higiene e Saúde**
 - Que doenças podemos evitar por meio da limpeza?
 - A criança pequena precisa de cuidados especiais de limpeza? Por quê? Quais são esses cuidados?
- d) **Trabalho doméstico**
 - Na casa de vocês os trabalhos costumam ser divididos? Quem faz o quê?



enxada

en xa da

34

● Sugestões para debate

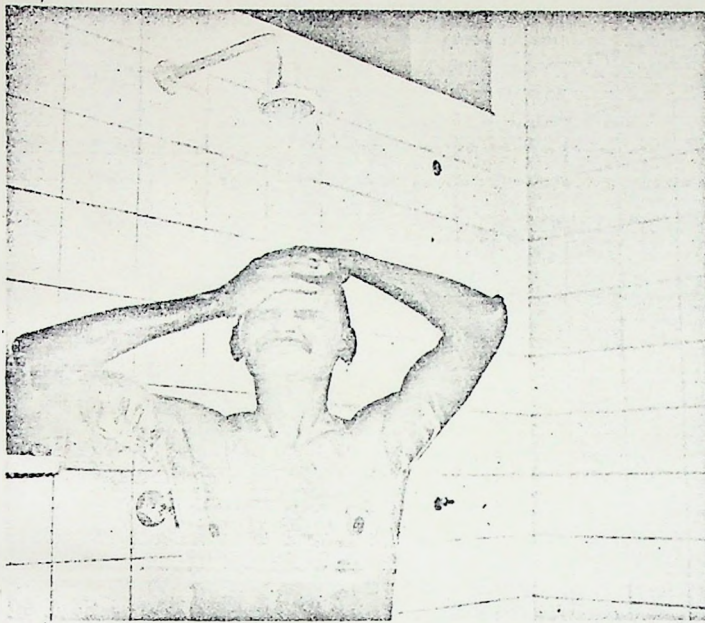
— Fazer com que os alunos discutam sobre o trabalho no campo, suas vantagens, as dificuldades que apresenta e a ajuda prestada ao trabalhador rural. Se alguém trabalhar nesse tipo de atividade, deverá fazer um relato para a classe.

Chamar a atenção para a ferramenta usada no trabalho do campo — a enxada.

Debater sobre o problema da tecnologia no trabalho agrícola — a vantagem do arado etc.

Editora Vecchi

13



banho

ba nho

ba	be	bi	bo	bu
nha	nhe	nhi	nho	nhu

26

I — Sugestões para o debate

Discuta sobre:

- importância do banho para a higiene do corpo;
- o uso do sabão ou sabonete;
- como fazer sabão em casa;
- como fazer um chuveiro de lata; .
- perigos do banho em rios e lagoas (doenças, acidentes);



saúde

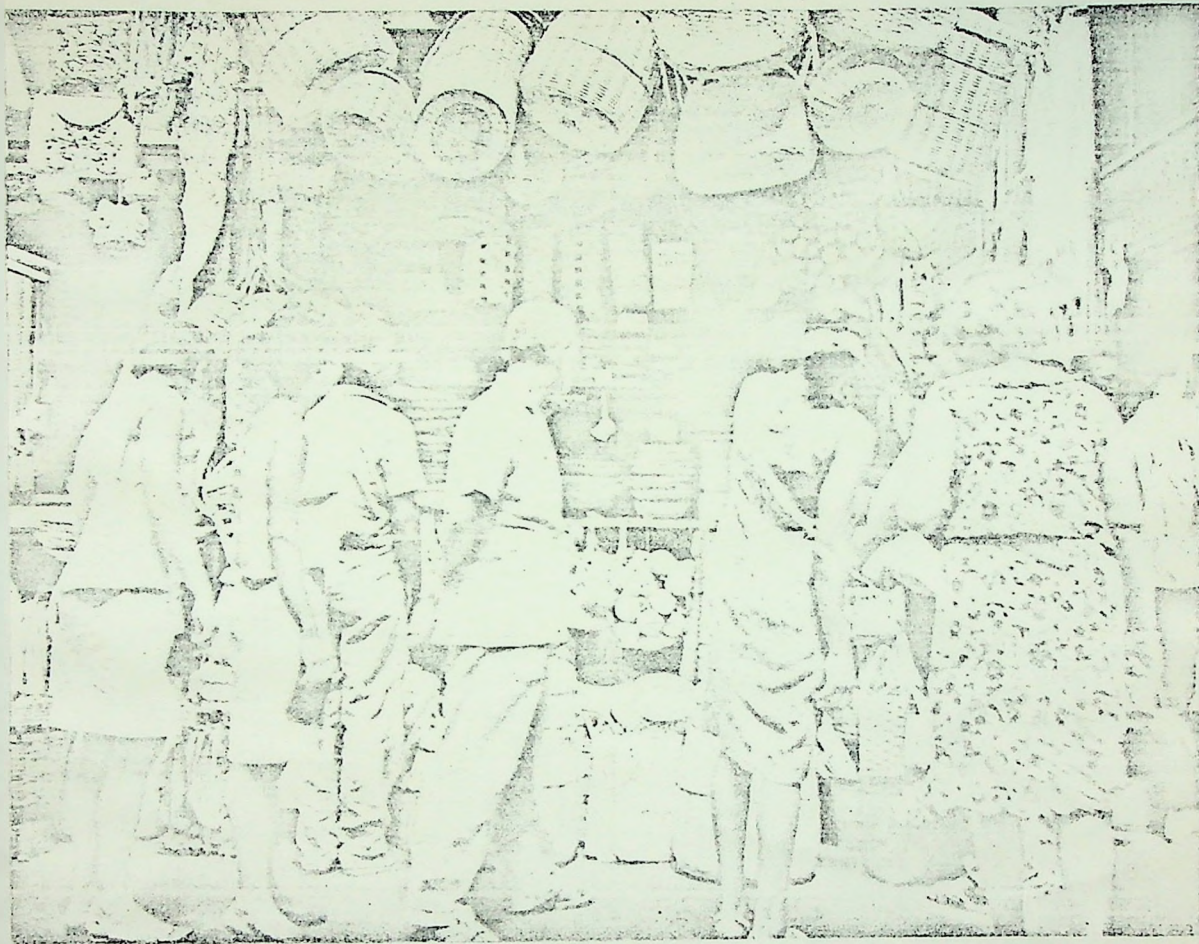
12

saúde

SUGESTÕES PARA O DEBATE

- realizar uma pesquisa sobre a alimentação dos alunos, verificando de que é composta, discutir quais os elementos que faltam e por quê; de que modo pode ser modificada adequadamente;
- organizar cooperativamente uma horta, se houver local disponível, para obter verduras, que são alimentos que devem sempre estar presentes;
- discutir com o grupo as frases populares: "Quem tem saúde tem tudo". — "A saúde é o nosso maior bem".
- discutir com o grupo os cuidados que devemos ter para manter a nossa saúde: higiene e alimentação adequadas;
- concluir que, tendo saúde, trabalha-se melhor e se produz mais.

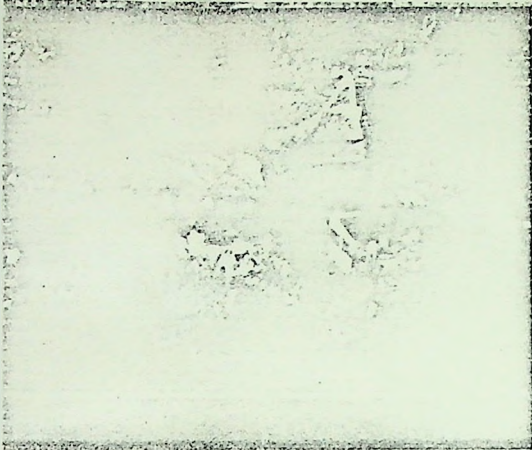
feira



feira

SUGESTÕES PARA O DEBATE

- ⊗ perguntar pelas coisas que costumam ser vendidas numa feira;
- ⊗ discutir as vantagens ou desvantagens das feiras;
- ⊗ discutir sobre feiras de diversos locais e suas diferenças: exemplo — as feiras do norte e as feiras livres do s.l.;
- ⊗ a existência de feiras até em outros países — o que significam como a forma mais simples do comércio;
- ⊗ discutir sobre as manifestações de arte popular — a música de violeiros e cantadores, os livros de cordel, o artesanato, sobretudo do Nordeste.



lâmpada

lâ m pa da

am em im om um

tempo

bomba

samba

nuvem

limpo

pombo

lâmpada

ontem

tambor

pudim

jardim

campeão

O tempo está bom.

Maria dá uma festa.

Todos sambam no terreiro iluminado.

lâmpada

SUGESTÕES PARA O DEBATE

⊗ discutir como as localidades que não possuem energia elétrica resolvem seus problemas de iluminação;

⊗ trocar idéias sobre os benefícios que traz a energia elétrica, não só em relação à iluminação, mas também em relação à força para movimentar as máquinas;

⊗ indicar de onde vem a energia elétrica de sua comunidade, se houver. Onde se localiza a usina hidrelétrica que gera a força e a luz para a sua comunidade.

ANEXO 8

SUGESTÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE CONTEÚDOS DE
SAÚDE NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL

SUGESTÃO 4

Trabalho com a matemática, relacionado a conteúdos de saúde.

Já vimos que logo após a discussão de um assunto de saúde, os seus alunos podem realizar várias atividades de escrita e leitura de palavras, frases, texto etc.

Da mesma forma, eles poderão também realizar atividades de matemática.

Veja alguns exemplos:

19) Vocês discutiram sobre fossa e também foi falado em construção de fossa.

Após isso, eles poderão realizar atividades como:

- escrever as medidas que deve ter uma fossa: a sua profundidade, a largura da boca e a altura da casinha;
- calcular quanto eles vão gastar para fazer uma fossa, considerando o material com que vai ser feita, o preço desse material etc... Poderão calcular o seu preço se tiverem que comprar tijolos, telhas e a laje e se eles mesmos fizerem todo ou parte do material, aproveitando os recursos da localidade.

Com esses exercícios, eles estarão trabalhando com medidas de comprimento, com dinheiro, com medidas de tempo, com operações, isto é, contas etc.

29) Os alunos discutiram sobre criação de animais em casa, como por exemplo: galinha, coelho, porco. Foi falado também sobre a alimentação desses animais e as formas de aproveitá-los para a nossa própria alimentação.

Como esse é também um assunto que desperta muito interesse eles poderão:

- calcular quanto gastarão para alimentar uma, ou 10 ou 20 galinhas por dia, ou por semana ou por mês;
- verificar quanto é possível economizar por mês, para a alimentação da família, considerando uma criação de 20 galinhas, por exemplo;
- calcular o tamanho ideal de um galinheiro para 10 galinhas, ou 15 ou 20 etc. de acordo com a realidade de cada um;
- calcular quanto gastarão para construir o galinheiro.

Assim como estas, você pode criar muitas outras atividades de matemática, de acordo com o que está sendo discutido e também de acordo com a realidade de seus alunos. Dessa forma, você está tornando o estudo da matemática bem prático e também mais agradável.

SUGESTÃO 5

Formação de pequenos grupos de ação, dentro da própria sala de aula

Nas reuniões dos grupos participantes do PES, do qual muitos dos seus alunos fazem parte, serão discutidos assuntos como, por exemplo:

- a importância de se ter uma fossa, como construí-la, a limpeza da fossa etc.;
- porque devemos tomar vacina, quais as vacinas que devemos tomar, o período de vacinação das crianças etc.;
- os alimentos que são importantes para a nossa saúde, o que podemos

fazer para consegui-los: fazer hortas, plantar fruteiras, criar animais etc.;

- outros problemas de saúde que nossa família vem enfrentando, os vizinhos e amigos e o que podemos fazer para solucioná-los.

A discussão desses assuntos deve continuar na sala de aula para que todos os seus alunos possam realizar atividades que venham melhorar as suas condições de saúde e de sua localidade.

Aproveitando então o que foi discutido nas reuniões dos grupos participantes leve os seus alunos a falar:

- das suas idéias sobre aquele assunto;
- como vêm enfrentando as situações de sua vida, ligadas aquele assunto;
- sobre o que estão fazendo para melhorar e o que ainda pode ser feito.

Depois disso, elabore com o grupo um pequeno plano de atividades que eles mesmos poderão realizar, para solucionar os problemas que suas famílias vem encontrando, ou seus vizinhos, amigos etc.

Pense sempre na realidade do seu grupo de alunos. Exercícios relacionados com essa realidade são sempre motivadores.

Após a elaboração desse plano e de acordo com os conhecimentos que os alunos já possuem, eles poderão:

- escrever frases sobre o que vocês acabaram de discutir;
- elaborar cartazes para por em prática o seu plano de ação;
- ler um texto do livro de leitura continuada sobre aquele assunto ou outro texto que você mesmo poderá elaborar;
- escrever palavras ditas por você e relacionadas ao que foi discutido como, por exemplo: o nome de uma doença perigosa da região e que devemos evitar, o nome de um inseto ou outro animal da região que transmite doença, um animal que pode ser criado para melhorar a alimentação etc.

Orientação aos alunos para que ouçam o "PES - via Rádio"

Em muitos municípios do Brasil, ouve-se o Programa de Educação Comunitária para a Saúde pelo rádio (PES - via Rádio).

Ele apresenta, com artistas famosos do rádio, mensagens de saúde que poderão ser muito úteis para o aluno e para toda a comunidade.

Esse programa é transmitido por muitas rádios diferentes e também em horários diferentes.

Procure saber na COMUM se ele chega até seu município, por qual emissora de rádio e em que horário.

Oriente para que cada um ouça em sua casa, com seus familiares, com seus vizinhos.

Depois, quando todos vocês se reunirem para a aula de alfabetização, discuta com os alunos os assuntos falados no programa daquele dia.

Faça perguntas aos alunos, para iniciar o debate, tais como:

- sobre o que foi falado no programa de hoje?
- o que vocês acharam mais importante?

E vá fazendo outras perguntas, de acordo com o assunto, levando o grupo a falar, trocar idéias etc.

Após esse debate, muitas atividades podem ser feitas, relacionadas ao assunto:

- elaboração de um plano de ação pelos alunos;
- elaboração de cartazes convidando outras pessoas a ouvirem o programa, contendo informações sobre o horário, a emissora de rádio etc.;

- formação oral de palavras, frases e textos;
- escrita e leitura de palavras, frases e textos;
- elaboração de murais e cartazes sobre os assuntos discutidos naquele dia etc.

Para essas atividades, oriente-se pelas sugestões anteriores, fazendo as adaptações necessárias.

Qualquer que seja o trabalho que você e seu grupo vão desenvolver em torno do PES - via Rádio, procure sempre:

- falar da importância desses programas de rádio;
- lembrar de ouvi-los e também lembrar aos alunos;
- falar com outras pessoas para também ouvirem o programa.

ESPERAMOS QUE COM ESSAS SUGESTÕES VOCÊ REALIZE UM TRABALHO BEM RICO EM CLASSE.

E não esqueça:

Anime constantemente seus alunos para irem às reuniões e às atividades dos grupos-participantes do PES.

- Peça aos seus alunos para convidarem outras pessoas a fazerem parte do PES. Nas reuniões do PES as pessoas passam a conhecer melhor os seus problemas e os problemas de sua comunidade e também descobrirão como solucioná-los.

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL

1 - Objetivos

O Programa de Alfabetização Funcional visa conduzir a pessoa humana a adquirir as técnicas de leitura, escrita e cálculo, como meio para integrá-la à sua comunidade, permitindo a obtenção de melhores condições de vida.

Esse Programa tem os seguintes objetivos específicos:

- 1) desenvolver nos alunos as habilidades de leitura, escrita e contagem;
- 2) desenvolver um vocabulário que permita o enriquecimento de seus alunos;
- 3) desenvolver o raciocínio, visando facilitar a resolução de seus problemas e os de sua comunidade;
- 4) formar hábitos e atitudes positivas, em relação ao trabalho;
- 5) desenvolver a criatividade, a fim de melhorar as condições de vida, aproveitando os recursos disponíveis;
- 6) levar os alunos:
 - . a conhecerem seus direitos e deveres e as melhores formas de participação comunitária;
 - . a se empenharem na conservação da saúde e melhoria das condições de higiene pessoal, familiar e da comunidade;
 - . a se certificarem da responsabilidade de cada um, na manutenção e melhoria dos serviços públicos de sua comunidade e na conservação dos bens e instituições;
 - . a participarem do desenvolvimento da comunidade, tendo em vista o bem-estar das pessoas.

Espera-se, assim, oferecer, através de uma metodologia específica, oportunidades de desenvolvimento não só da escrita, da leitura e do cálculo, mas também da formação para a responsabilidade, para a liberdade, capacitando o homem para sua inserção e ação na sociedade a que pertence, respondendo às necessidades da comunidade.

2 - Metodologia

Todo o trabalho metodológico do Programa de Alfabetização Funcional está baseado em técnicas de trabalho em grupo, em ajuda mútua e inserção comunitária. Desenvolvimento pessoal e desenvolvimento comunitário estão intimamente relacionados, um não se fazendo sem o outro.

Pode-se dizer, ainda, que o conteúdo da atividade educativa tem origem na experiência de vida do homem. Este conteúdo, que é parte da vivência do educando, é enriquecido durante o processo educativo e vivenciado mais uma vez pelo sujeito do processo.

O método utilizado se fundamenta no aproveitamento das experiências significativas da clientela. Usa palavras geradoras que se apóiam nas necessidades básicas do homem, o que garante o interesse e envolvimento dos alunos. Essas palavras têm uso universal nas várias regiões brasileiras.

No ensino de cada uma das palavras geradoras, se recomenda obedecer a uma série de procedimentos, a seguir enumerados, que conduzirão ao desenvolvimento adequado do processo de alfabetização funcional:

- 1) apresentação e exploração do cartaz gerador;
- 2) estudo da palavra geradora, depreendida do cartaz;
- 3) decomposição silábica da palavra geradora;
- 4) estudo das famílias silábicas, com base nas palavras geradoras;
- 5) formação e estudo de palavras novas;
- 6) formação e estudo de frases e textos.

Veremos, agora, de modo mais pormenorizado, as fases ou passos do processo de ensino-aprendizagem.

- 1) Apresentação e exploração do cartaz gerador

De início, o aluno não lê ou sequer vê escrita a palavra que já está presente, em imagem, no cartaz apresentado pelo professor.

Desinibindo os alunos nas primeiras aulas de cada palavra geradora e estimulando-lhes motivações internas, o debate sobre o cartaz gerador desperta-lhes o interesse, levando-os a descobrir, concluir e fixar. Enfim, a participar integralmente do processo.

O papel do alfabetizador, nesta fase, é o de estimular, através de perguntas e depoimentos - surgidos de técnicas adequadas de grupo -, a reflexão, auxiliando os alunos na comunicação e expressão com clareza de seus pensamentos, experiências e conclusões.

A sistematização e síntese das conclusões e idéias principais apresentadas, durante o debate, constituem a etapa de fixação dos conhecimentos obtidos.

- 2) Estudo da palavra geradora

As palavras geradoras, como se citou anteriormente, são selecionadas a partir das necessidades humanas básicas, tendo, assim, pertinência semântica em relação ao mundo físico ou psíquico do aluno, ao seu contexto social e profissional.

Aproveitando as palavras geradoras, dos diversos conjuntos didáticos, em uso no Programa de Alfabetização Funcional, assim exemplificaríamos.

NECESSIDADES BÁSICAS (campos semânticos: exploração do cartaz e do significado da palavra)	PALAVRAS GERADORAS (forma significante: aprendizagem da leitura e escrita)
EDUCAÇÃO SAÚDE ALIMENTAÇÃO HABITAÇÃO LAZER TRABALHO PREVIDÊNCIA SOCIAL VESTUÁRIO LIBERDADES HUMANAS	ESCOLA/PROFESSORA REMÉDIO/VACINA COMIDA/PANELA/COZINHA TIJOLO/CASA RÁDIO/FUTEBOL/VIAGEM TRABALHO/MÁQUINA HOSPITAL/TRABALHO/UNIÃO SAPATO/PLÁSTICO VIDA/FAMÍLIA/FÉ/AMOR

À medida que o aluno vai desenvolvendo sua capacidade de leitura, as séries de palavras com denominador semântico comum vão sendo melhor aproveitadas, através de leituras contextuais.

3) Decomposição silábica da palavra geradora

Do todo expressional (a palavra como forma sonora) se chega às partes componentes (sílabas).

Além disso, a decomposição silábica, com valorização fonêmica, permite que o aluno fixe, de imediato, as estruturas silábicas, partindo de esquemas simples e possibilitando chegar a esquemas complexos.

4) Estudo das famílias silábicas

Decomposta a palavra geradora em sílabas, leva-se o aluno a conhecer as famílias silábicas correspondentes. Várias atividades de fixação devem ser realizadas nessa etapa.

5) Formação e estudo de novas palavras

Conhecidas as famílias silábicas, torna-se necessário fazer o aluno perceber a função dessas sílabas, senti-las vivas e atuantes na língua, formando novas palavras. Assim, a sílaba (por ex.: ba) será não só reconhecida como manipulada pelo aluno, na formação da unidade lingüística superior: a palavra (batuque, banana, trabalho, goiaba). Prevê-se, também, a discussão sobre o significado de cada palavra descoberta.

6) Formação e estudo de frases e textos

A partir do estudo de palavras, o aluno forma frases e textos. Essa etapa é importante. Enquanto os alunos estão fixando as palavras estudadas, também aprendem a expressar as idéias, oralmente e por escrito.

O progresso do aluno é gradual, aos poucos vão surgindo frases e pequenos textos suplementares. Durante o curso o aluno recebe livros de leitura continuada para exercitar e ganhar velocidade na leitura.

O ensino da escrita é paralelo ao da leitura. Quando na palavra geradora aparece um fonema que pode ser registrado de formas diferentes, todas essas formas são ensinadas, evitando-se, assim, a redundância fonêmica de uma nova palavra geradora e enfatizando-se um fonema já estudado.

A ortografia é objeto de cuidados, sem que lhe seja dada uma ênfase capaz de transformá-la em obstáculo ao processo de alfabetização.

O ensino da matemática é paralelo ao da leitura e escrita. O alfabetizador parte da verificação dos conhecimentos que os alunos já possuem, sistematizando-os e ampliando-os. O processo se completa com a aplicação dos conhecimentos adquiridos em situações práticas.

A metodologia adotada pelo MOBRAF representa, dessa forma, um esforço no sentido de atender as características individuais do alfabetizando, cuidando não apenas das suas necessidades, limitações e possibilidades, mas também dos interesses da comunidade.

A seguir será enfocado o desenvolvimento de alguns aspectos que, ao nosso ver, fazem parte da metodologia do Programa de Alfabetização Funcional, e cuja análise é imprescindível quando se busca traçar sua evolução.

Método

Na fase de implantação do Programa de Alfabetização Funcional foram adotados métodos conhecidos para, em função dos resultados iniciais obtidos, selecionar-se o que melhor pudesse atender as necessidades de um programa de massa, sendo flexível o suficiente para atender as particularidades de cada região e de cada grupo populacional envolvido.

Citaremos algumas dessas modificações, pois, por seu caráter específico e particular, não dão lugar a uma análise mais profunda. São elas:

- 1) menor ou maior ênfase ao uso do cartaz gerador, no momento da exploração da palavra;
- 2) uso de outros materiais ou recursos para decodificação da palavra, usando o cartaz gerador, para enriquecimento de aspectos gerais;

3) ênfase maior às técnicas de ler, escrever e contar, nos três primeiros meses. Nos dois meses restantes é dada continuidade à aprendizagem da leitura, escrita e cálculo, abordando-se também assuntos gerais, ligados às demais necessidades do aluno, que vêm garantir a funcionalidade global. Nesse momento, mais que no primeiro, é enfatizada a realização de atividades extraclasse, tais como a participação dos alunos em outros programas do MOBRAL.

É importante frisar que essas mudanças nas orientações partiram do MOBRAL Central, numa linha não diretiva, ou seja, as Coordenações têm autonomia para optarem pela forma que lhes parece mais adequada, para o desenvolvimento do processo de alfabetização.

3 - Recursos - material didático

Desde o momento de implantação que, para o desenvolvimento do Programa, é distribuído, tanto para os alfabetizadores quanto para os alunos, o material didático necessário.

O conjunto didático básico do PAF é constituído de livro de leitura, livro de exercícios de linguagem e livro de matemática para o aluno, do livro do alfabetizador e, ainda, de um conjunto de cartazes geradores:

Quais são	Do que constam	Para que servem
Livro do Alfabetizador	- orientações, sugestões e informações para o trabalho de classe.	- Orientar para: <ul style="list-style-type: none"> . planejamento das aulas; . utilização do material didático.
Cartazes	- fotografias com situações reais da vida do aluno.	- provocar debates sobre assuntos do interesse do aluno; <ul style="list-style-type: none"> - dar oportunidade ao aluno de adquirir novos conhecimentos; - motivar o estudo da palavra geradora.
Cartões	- palavras geradoras	- fixar a imagem das palavras geradoras; <ul style="list-style-type: none"> - avaliar a leitura das palavras geradoras estudadas.

(continua)

Quais são	Do que constam	Para que servem
Livro de Leitura do Aluno	<ul style="list-style-type: none"> - palavras geradoras; - famílias silábicas da palavra geradora; - outras palavras formadas com as famílias silábicas das palavras geradoras; - frases e pequenos textos; - lições para revisão das palavras estudadas. 	<ul style="list-style-type: none"> - dar oportunidade ao aluno de fixar a imagem das palavras estudadas; - aumentar o vocabulário; - desenvolver a leitura de palavras, frases e textos; - verificar o que o aluno aprendeu na leitura.
Livro de Exercícios de Linguagem	<ul style="list-style-type: none"> - exercícios de escrita com: <ul style="list-style-type: none"> . palavras geradoras; . outras palavras formadas com as sílabas das palavras geradoras; . frases e pequenos textos. 	<ul style="list-style-type: none"> - aumentar o vocabulário do aluno; - verificar a leitura e escrita do aluno; - dar oportunidade ao aluno de desenvolver a escrita de palavras, frases etc.
Livro de Exercício de Matemática	<ul style="list-style-type: none"> - exercícios das diferentes áreas da matemática. 	<ul style="list-style-type: none"> - sondar o conhecimento do aluno; - ampliar seus conhecimentos; - verificar o que o aluno aprende em matemática; - fixar um assunto dado.

O Alfabetizador também recebe o Roteiro de Orientações ao Alfabetizador, elaborado pelo MOBREAL, no qual são abordados os diversos aspectos metodológicos do PAF.

Além desse material, os alunos e alfabetizadores recebem material didático complementar constituído de livros de leitura continuada e jornais que servem de apoio ao processo de alfabetização.

4 - Avaliação do aluno

Outro aspecto importante do contexto metodológico é o de avaliação.

O MOBREAL elaborou uma série de itens para orientar e auxiliar o alfabetizador, na tarefa de identificar se o aluno pode ou não ser considerado como alfabetizado e, mais ainda, se está ou não pronto para prosseguir em estudo mais avançado.

Para tanto, foram estabelecidos objetivos terminais que devem ser atingidos pelos alunos para que possam ser considerados alfabetizados.

Os objetivos terminais são alcançados na medida em que o aluno vá atingindo os objetivos intermediários durante o processo de alfabetização.

Objetivos terminais

O aluno deve ser capaz de:

- 1) identificar o conteúdo dos textos e das frases que lê;
- 2) escrever textos e frases com sentido completo;
- 3) resolver situações-problema, envolvendo as quatro operações com números de 1 a 2 algarismos, com e sem agrupamento;
- 4) resolver situações-problema, que envolvam medidas de comprimento (m, cm, km), cálculo de perímetro, medida de capacidade (l), medidas de massa (g e kg), medidas de valor (cruzeiro e centavos), medidas de tempo (dia, mês, hora etc.), utilizando quantidades inteiras e frações.

Objetivos intermediários

Durante o processo o aluno vai:

- 1) dar, oralmente, o significado da palavra geradora;
- 2) identificar a palavra geradora;
- 3) relacionar a palavra geradora escrita com o seu significado;
- 4) escrever a palavra geradora;
- 5) separar as sílabas da palavra geradora;
- 6) discriminar as sílabas da palavra geradora;
- 7) distinguir as famílias silábicas da palavra geradora;
- 8) formar, oralmente, novas palavras com as famílias silábicas da palavra geradora;
- 9) dar, oralmente, o significado da nova palavra formada;

- 10) ler as palavras formadas com as famílias silábicas estudadas;
- 11) escrever novas palavras com as famílias silábicas estudadas;
- 12) ler qualquer palavra;
- 13) escrever qualquer palavra;
- 14) formar frases oralmente;
- 15) ler frases;
- 16) escrever frases;
- 17) ler textos;
- 18) reproduzir, oralmente, um texto lido, usando as próprias palavras;
- 19) escrever textos.

Em matemática, são os seguintes os objetivos intermediários:

- 1) ler e escrever números de um algarismo;
- 2) adicionar e subtrair números de um algarismo;
- 3) multiplicar e dividir com números de um algarismo;
- 4) ler e escrever números de dois algarismos;
- 5) adicionar e subtrair, sem agrupamento, usando números de dois algarismos;
- 6) multiplicar e dividir números de dois algarismos por números de um algarismo, sem agrupamento;
- 7) somar e subtrair com agrupamento, usando números de dois algarismos;
- 8) identificar as unidades de medida de comprimento (m, cm, km);
- 9) ler e escrever medidas de comprimento (m, cm, km), envolvendo somente números inteiros;
- 10) ler e escrever medidas de comprimento (m, cm, km), envolvendo os números fracionários $\frac{1}{2}$ e $\frac{1}{4}$;
- 11) operar com medida de comprimento (m, cm, km);
- 12) identificar as medidas de valor (cruzeiro e centavo);
- 13) ler e escrever medidas de valor, envolvendo só cruzeiros;
- 14) ler e escrever medidas de valor, envolvendo cruzeiros e centavos;
- 15) operar com medidas de valor, envolvendo cruzeiros e centavos;

- 16) identificar unidades de medida de tempo (hora, dia, semana, mês etc.);
- 17) ler e escrever medidas de tempo, envolvendo números inteiros;
- 18) ler e escrever medidas de tempo, envolvendo números fracionários;
- 19) operar com medidas de tempo;
- 20) identificar as figuras geométricas planas - quadrado, retângulo, triângulo;
- 21) calcular o perímetro de figuras planas.

O alfabetizador, devidamente orientado, tem toda a autonomia para considerar seu aluno como alfabetizado ou não. A avaliação é realizada durante o próprio processo de alfabetização, permitindo, através do conhecimento do ritmo de aprendizagem de cada um dos alunos, um trabalho que leve em consideração as diferenças individuais.

Além desses objetivos, que dizem respeito especificamente à área cognitiva, devem também ser levados em conta os objetivos geral e específico do Programa de Alfabetização Funcional, explicitados no início desse estudo.

5 - Duração do Programa

De modo geral, o programa tem uma duração de 5 meses, com duas horas diárias de aula.

É importante dizer que o aluno não é obrigado a permanecer durante os cinco meses em classe: tendo ele um ritmo de aprendizagem mais rápido, permanece, apenas, o tempo que lhe é necessário para se alfabetizar; tendo ritmo mais lento, inscrever-se-á no curso seguinte.

6 - Organização das Classes

O número de alunos em classe é variável. Recomenda-se um mínimo de 15 - 20 alunos por classe e um máximo de 35, sem entretanto haver uma rigidez no que diz respeito a essas normas.

7 - Alfabetizadores

No MOBRAL qualquer pessoa da comunidade pode ser alfabetizador, não havendo necessidade de que ela tenha uma formação para o magistério e para o trabalho com adultos. Basta que ela domine as técnicas de leitura, escrita e cálculo que deverão ser transmitidas aos alunos.

Torna-se então necessário que essas pessoas sejam treinadas e constantemente supervisionadas, tanto no que concerne à metodologia do programa quanto no que concerne aos conteúdos gerais do mesmo.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que a capacitação dos alfabetizadores, pelo MOBRAL, se desenvolve através de:

Formação Inicial - ao ingressar no Sistema MOBRAL, um candidato a alfabetizador recebe um treinamento básico, com uma duração média de 24 horas, versando sobre os seguintes grandes temas:

- 1) a alfabetização de adultos numa perspectiva de educação permanente;
- 2) as características do aluno adolescente e adulto;
- 3) a relação professor/aluno;
- 4) os princípios de aceleração e de funcionalidade que estão subjacentes à metodologia do programa;
- 5) a metodologia do Programa de Alfabetização Funcional: cartaz gerador, palavra geradora, técnicas de trabalho em grupo e de trabalho diversificado, a utilização do material didático;
- 6) conteúdos gerais necessários ao desenvolvimento da metodologia; alimentação, trabalho, comunicação, cultura, higiene e saúde, transporte, habitação etc., ao lado de informações sobre o conteúdo dos demais programas do MOBRAL;
- 7) avaliação do aluno, auto-avaliação do alfabetizador.

Treinamento em Serviço - além da formação inicial, especial ênfase é dada à capacitação do alfabetizador ao longo de cada convênio do Programa de Alfabetização Funcional. Essa capacitação em serviço é proporcionada através de visitas às classes, entrevistas/orientações com os supervisores, elementos da Comissão Municipal e elementos do corpo técnico das próprias Coordenações Estaduais/territoriais do MOBRAL.

Ao lado das visitas e entrevistas, estágios de reciclagem são organizados todos os meses, com duração média de 8 horas, com o objetivo de dar condições aos alfabetizadores de aprofundar seus conhecimentos e de aperfeiçoar seu trabalho de educadores de adultos. Nessa reciclagem periódica os temas a abordar são definidos em função das necessidades dos alfabetizadores.

O Material Didático - é outra fonte formadora e informadora dos alfabetizadores do MOBRAL. De fato, do conjunto de material didático do Programa de Alfabetização Funcional, faz parte o "Roteiro de Orientação do Alfabetizador". Esse Roteiro representa mais um meio de capacitação do alfabetizador, na medida em que apresenta, numa linguagem simples e acessível, toda uma teorização sobre educação de adultos, ao lado dos objetivos do Programa. O Roteiro fornece ainda orientações sobre o modo pelo qual o material didático deve ser utilizado nas classes.

É importante salientar ainda que o alfabetizador é sempre estimulado a participar, para o seu próprio enriquecimento pessoal, de outros programas do MOBREAL, em particular do Programa de Autodidatismo, cujo conteúdo lhe permite aumentar seus conhecimentos.

/vrba.
31.07.79.

Joysauly
01/12

A Alfabetização Funcional

Adélia Maria Nehme Simão e Koff
Ana Margarida de Mello Barreto Campello

A análise da evolução do Programa de Alfabetização Funcional basear-se-á na identificação das características tomadas por este Programa, em função de aspectos ou dados da própria realidade e dos objetivos a atingir, buscando-se sempre, nesta análise, ter uma visão global desse desenvolvimento em termos de Brasil.

A evolução do Programa de Alfabetização Funcional não pode ser isolada da evolução do MOBRAF como um todo. Muitas das características tomadas por esse Programa, em determinados momentos, nada mais são do que o reflexo de mudanças na estrutura e funcionamento dessa Fundação. O universo de estudo e análise neste caso, no entanto, limitar-se-á apenas ao Programa de Alfabetização Funcional.

Numa visão retrospectiva, pode-se identificar nessa evolução três períodos perfeitamente distintos e que têm características próprias. Esses períodos, entretanto, não são considerados estanques. Pelo contrário, o embrião das mudanças, que se concretizarão na etapa seguinte, quase sempre poderá ser encontrado no período anterior.

O Programa de Alfabetização Funcional apresenta-se, em 1970, como uma resposta às necessidades de uma população marginalizada, até então, pelo sistema regular de ensino. E esta resposta é dada de forma mais acessível do que aquelas oportunidades de escolarização existentes.

A linha de trabalho adotada foi, estrategicamente, mais informal do que aquela utilizada pelo sistema de ensino da época. Isto pode ser sentido em aspectos tais como:

1) formação de classes próximas às residências dos alunos e funcionando em qualquer local disponível da comunidade;

2) utilização de alfabetizadores recrutados entre os elementos dessa comunidade e sem ser, necessariamente, pessoas com formação específica para o magistério.

A mobilização, nesse período, foi orientada prioritariamente para os adultos analfabetos, residentes na zona urbana e pertencentes à faixa etária de 15 a 35 anos. Acreditou-se, naquele momento, que a população urbana analfabeta poderia ser recrutada num período de tempo mais curto, sendo também mais fácil a instalação de classes e a mobilização de professores. Estas pessoas estariam mais motivadas para a alfabetização pelas próprias condições de vida, numa sociedade urbana. Por outro lado, a faixa etária de 15 a 35 anos seria aquela em que haveria maiores probabilidades de retorno, no que concerne à sua produtividade, em relação ao investimento realizado.

A prioridade preestabelecida só foi confirmada no que se refere à faixa etária, uma vez que a zona rural, talvez pela sua carência em termos de educação elementar, mostrou ser muito receptiva ao Programa. A zona urbana mais desenvolvida apresentava algumas dificuldades, como:

- 1) resistência a mudanças, inclusive metodológicas;
- 2) resistência a trabalho voluntário;
- 3) falta de disponibilidade da clientela, submetida a horários, extremamente rígidos, de trabalho.

Assim, em 1973, o estudo da distribuição por zonas das classes de alfabetização funcional demonstrava que 67,6% dessas classes já estavam localizadas na zona rural.

O segundo período, que se estende de 1973 a 1976, pode ser caracterizado como uma fase de consolidação e sustentação do Programa.

Nessa fase, todos os municípios brasileiros são atingidos, como decorrência de uma expansão planejada. Já então o trabalho anual é definido em função de metas, marcando assim o período em termos de uma ação mais direcionada para o atingimento do objetivo quantitativo, ou seja, a erradicação do analfabetismo em 1980.

À medida em que o índice de analfabetismo no Brasil foi se reduzindo, verificou-se maior dificuldade de atingimento dessas metas, pois a parcela da população adulta analfabeta, que deveria ainda ser atendi-

da, apresentava cada vez mais peculiaridades negativas tais como: deficiências visuais, subnutrição, falta de motivação e características sócio-econômicas que prejudicavam seu atendimento.

Em outras palavras, à medida que parte da população adulta vai sendo alfabetizada, o resíduo resultante apresenta dificuldades crescentes.

Grupos populacionais com características específicas, pescadores, operários da construção civil, por exemplo, para cujo atendimento é necessária uma forma especial de atuação, passam a ter maior significância em função da meta a ser atingida. Dessa forma, o final do período, que ora analisamos, caracteriza-se por uma pressão das Coordenações Estaduais, para que estratégias especiais de implantação e desenvolvimento do Programa sejam elaboradas, visando o atingimento da clientela que passa a se mostrar refratária à forma de desenvolvimento do Programa, até então utilizada.

Essa diversificação do PAF é a característica principal do período que se inicia em 1977, diversificação realizada em função da clientela a ser atendida. Começa-se, assim, a dar ênfase à utilização de recursos tecnológicos, como o rádio e a televisão, e à necessidade de um diagnóstico mais profundo da situação, para embasar a elaboração das diferentes estratégias de desenvolvimento do Programa.

Também em 1977, é definida pelo MOBRAF Central uma estratégia de ação diversificada, em função de blocos de estados, organizados de acordo com a concentração de adultos analfabetos, o que define um atendimento específico, uma concentração de recursos ou uma ênfase maior ao Programa de Alfabetização Funcional naquelas unidades da Federação onde a situação assim o exige.

Tendo em vista a caracterização dos períodos acima evidenciada, serão enfocados a seguir alguns aspectos que devem nortear a análise do desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional.

A abordagem desses aspectos tomará como base os períodos acima caracterizados, buscando-se mostrar a evolução do Programa de Alfabetização Funcional de forma dinâmica e não simplesmente cronológica.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O Programa de Alfabetização Funcional visa conduzir a pessoa humana a adquirir as técnicas de leitura, escrita e cálculo, como meio

para integrá-la à sua comunidade, permitindo a obtenção de melhores condições de vida.

Esse Programa tem os seguintes objetivos específicos:

- 1) desenvolver nos alunos as habilidades de leitura, escrita e contagem;
- 2) desenvolver um vocabulário que permita o enriquecimento de seus alunos;
- 3) desenvolver o raciocínio, visando facilitar a resolução de seus problemas e os de sua comunidade;
- 4) formar hábitos e atitudes positivas, em relação ao trabalho;
- 5) desenvolver a criatividade, a fim de melhorar as condições de vida, aproveitando os recursos disponíveis;
- 6) levar os alunos:
 - a conhecerem seus direitos e deveres e as melhores formas de participação comunitária;
 - a se empenharem na conservação da saúde e melhoria das condições de higiene pessoal, familiar e da comunidade;
 - a se certificarem da responsabilidade de cada um, na manutenção e melhoria dos serviços públicos de sua comunidade e na conservação dos bens e instituições;
 - a participarem do desenvolvimento da comunidade, tendo em vista o bem-estar das pessoas.

Espera-se, assim, oferecer, através de uma metodologia específica, oportunidades de desenvolvimento não só da escrita, da leitura e do cálculo, mas também da formação para a responsabilidade, para a liberdade, capacitando o homem para sua inserção e ação na sociedade a que pertence, respondendo às necessidades da comunidade.

Todo o trabalho metodológico do Programa de Alfabetização Funcional está baseado em técnicas de trabalho em grupo, em ajuda mútua e inserção comunitária. Desenvolvimento pessoal e desenvolvimento comunitário estão intimamente relacionados, um não se fazendo sem o outro.

Pode-se dizer, ainda, que o conteúdo da atividade educativa tem origem na experiência de vida do homem. Este conteúdo, que é parte da vivência do educando, é enriquecido durante o processo educativo e vivenciado mais uma vez pelo sujeito do processo.

O método utilizado se fundamenta no aproveitamento das experiências significativas da clientela. Usa palavras geradoras que se

apóiam nas necessidades básicas do homem, o que garante o interesse e envolvimento dos alunos. Essas palavras têm uso universal nas várias regiões brasileiras.

No ensino de cada uma das palavras geradoras, se recomenda obedecer a uma série de procedimentos, a seguir enumerados, que conduzirão ao desenvolvimento adequado do processo de alfabetização funcional:

- 1) apresentação e exploração do cartaz gerador;
- 2) estudo da palavra geradora, depreendida do cartaz;
- 3) decomposição silábica da palavra geradora;
- 4) estudo das famílias silábicas, com base nas palavras geradoras;
- 5) formação e estudo de palavras novas;
- 6) formação e estudo de frases e textos.

Veremos, agora, de modo mais pormenorizado, as fases ou passos do processo de ensino-aprendizagem.

1) Apresentação e exploração do cartaz gerador

De início, o aluno não lê ou sequer vê escrita a palavra que já está presente, em imagem, no cartaz apresentado pelo professor.

Desinibindo os alunos nas primeiras aulas de cada palavra geradora e estimulando-lhes motivações internas, o debate sobre o cartaz gerador desperta-lhes o interesse, levando-os a descobrir, concluir e fixar. Enfim, a participar integralmente do processo.

O papel do alfabetizador, nesta fase, é o de estimular, através de perguntas e depoimentos — surgidos de técnicas adequadas de grupo —, a reflexão, auxiliando os alunos na comunicação e expressão com clareza de seus pensamentos, experiências e conclusões.

A sistematização e síntese das conclusões e idéias principais apresentadas, durante o debate, constituem a etapa de fixação dos conhecimentos obtidos.

2) Estudo da palavra geradora

As palavras geradoras, como se citou anteriormente, são selecionadas a partir das necessidades humanas básicas, tendo, assim, pertinência semântica em relação ao mundo físico ou psíquico do aluno, ao seu contexto social e profissional.

Aproveitando as palavras geradoras, dos diversos conjuntos didáticos, em uso no Programa de Alfabetização Funcional, assim exemplificaríamos.

NECESSIDADES BÁSICAS (campos semânticos: exploração do cartaz e do significado da palavra)	PALAVRAS GERADORAS (forma significante: aprendizagem da leitura e escrita)
EDUCAÇÃO SAÚDE ALIMENTAÇÃO HABITAÇÃO LAZER TRABALHO PREVIDÊNCIA SOCIAL VESTUÁRIO LIBERDADES HUMANAS	ESCOLA/PROFESSORA REMÉDIO/VACINA COMIDA/PANELA/COZINHA TIJOLO/CASA RÁDIO/FUTEBOL/VIAGEM TRABALHO/MÁQUINA HOSPITAL/TRABALHO/UNIÃO SAPATO/PLÁSTICO VIDA/FAMÍLIA/FÊ/AMOR

À medida que o aluno vai desenvolvendo sua capacidade de leitura, as séries de palavras com denominador semântico comum vão sendo melhor aproveitadas, através de leituras contextuais.

3) Decomposição silábica da palavra geradora

Do todo expressional (a palavra como forma sonora) se chega às partes componentes (silabas).

Além disso, a decomposição silábica, com valorização fonêmica, permite que o aluno fixe, de imediato, as estruturas silábicas, partindo de esquemas simples e possibilitando chegar a esquemas complexos.

4) Estudo das famílias silábicas

Decomposta a palavra geradora em silabas, leva-se o aluno a conhecer as famílias silábicas correspondentes. Várias atividades de fixação devem ser realizadas nessa etapa.

5) Formação e estudo de novas palavras

Conhecidas as famílias silábicas, torna-se necessário fazer o aluno perceber a função dessas silabas, senti-las vivas e atuantes na língua, formando novas palavras. Assim, a sílaba (por ex.: *ba*) será não só reconhecida como manipulada pelo aluno, na formação da unidade lingüística superior: a palavra (*batuque, banana, trabalho, goiaba*). Prevê-se, também, a discussão sobre o significado de cada palavra descoberta.

6) Formação e estudo de frases e textos

A partir do estudo de palavras, o aluno forma frases e textos. Essa etapa é importante. Enquanto os alunos estão fixando as palavras estudadas, também aprendem a expressar as idéias, oralmente e por escrito.

O progresso do aluno é gradual, aos poucos vão surgindo frases e pequenos textos suplementares. Durante o curso o aluno recebe livros de leitura continuada para exercitar e ganhar velocidade na leitura.

O ensino da escrita é paralelo ao da leitura. Quando na palavra geradora aparece um fonema que pode ser registrado de formas diferentes, todas essas formas são ensinadas, evitando-se, assim, a redundância fonêmica de uma nova palavra geradora e enfatizando-se um fonema já estudado.

A ortografia é objeto de cuidados, sem que lhe seja dada uma ênfase capaz de transformá-la em obstáculo ao processo de alfabetização.

O ensino da matemática é paralelo ao da leitura e escrita. O alfabetizador parte da verificação dos conhecimentos que os alunos já possuem, sistematizando-os e ampliando-os. O processo se completa com a aplicação dos conhecimentos adquiridos em situações práticas.

A metodologia adotada pelo MOBRAL representa, dessa forma, um esforço no sentido de atender as características individuais do alfabetizando, cuidando não apenas das suas necessidades, limitações e possibilidades, mas também dos interesses da comunidade.

A seguir será enfocado o desenvolvimento de alguns aspectos que, ao nosso ver, fazem parte da metodologia do Programa de Alfabetização Funcional, e cuja análise é imprescindível quando se busca traçar sua evolução.

Método

Na fase de implantação do Programa de Alfabetização Funcional foram adotados métodos conhecidos para, em função dos resultados iniciais obtidos, selecionar-se o que melhor pudesse atender as necessidades de um programa de massa, sendo flexível o suficiente para atender as particularidades de cada região e de cada grupo populacional envolvido.

Pode-se afirmar que, após a fase de implantação, o método permaneceu constante. Na realidade, a variação que ocorreu diz respeito, apenas, às orientações para sua aplicação. Por outro lado, tais alterações ocorreram com maior ênfase a partir de 1977, ou seja, durante a fase de diversificação do programa.

Citaremos algumas dessas modificações, pois, por seu caráter específico e particular, não dão lugar a uma análise mais profunda. São elas:

- 1) menor ou maior ênfase ao uso do cartaz gerador, no momento da exploração da palavra;
- 2) uso de outros materiais ou recursos para decodificação da palavra, usando o cartaz gerador, para enriquecimento de aspectos gerais;
- 3) ênfase maior às técnicas de ler, escrever e contar, nos três primeiros meses. Nos dois meses restantes é dada continuidade à aprendizagem da leitura, escrita e cálculo, abordando-se também assuntos gerais, ligados às demais necessidades do aluno, que vêm garantir a funcionalidade global. Nesse momento, mais que no primeiro, é enfatizada a realização de atividades extraclasse, tais como a participação dos alunos em outros programas do MOBRAL.

É importante frisar que essas mudanças nas orientações partiram do MOBRAL Central, numa linha não diretiva, ou seja, as Coordenações têm autonomia para optarem pela forma que lhes parece mais adequada, para o desenvolvimento do processo de alfabetização.

Recursos

Desde o momento de implantação que, para o desenvolvimento do Programa, é distribuído, tanto para os alfabetizadores quanto para os alunos, o material didático necessário.

O conjunto didático básico do PAF é constituído de livro de leitura, livro de exercícios de linguagem e livro de matemática para o aluno, do livro do alfabetizador e, ainda, de um conjunto de cartazes geradores.

É importante mencionar que o material didático básico em uso foi elaborado por diferentes editoras. A unidade dos diferentes materiais é garantida pela metodologia adotada e pelo controle qualitativo realizado pelo MOBRAL. Em termos globais, a concepção desse material permaneceu constante, durante o desenvolvimento do Programa e desde sua implantação.

No final de 1977, o conjunto didático do alfabetizador sofreu uma reformulação bastante importante, pois passou a fazer parte do mesmo o "Roteiro de Orientações ao Alfabetizador", elaborado pelo MOBRAL, no qual são abordados os diversos aspectos metodológicos

do Programa de Alfabetização Funcional. Pretendeu-se, assim, aprimorar a capacitação dos alfabetizadores e dos diversos elementos envolvidos no desenvolvimento desse Programa. Por outro lado, o "Manual do Alfabetizador" — específico de cada editora — passou a dar apenas orientações, tendo em vista as características do material elaborado pelas mesmas.

Além desse material, os alunos e alfabetizadores recebem o material didático complementar constituído de livros de leitura continuada e jornais que servem de apoio e enriquecimento ao processo de alfabetização.

Em relação aos jornais, ressaltamos que cada período é marcado pelo lançamento de um novo título. "Jornal do MOBRAL", no primeiro período; no segundo, o "Jornal Mural do MOBRAL" e, no terceiro, o "Jornal Rural", editado sob o patrocínio do Banco do Brasil.

Quanto ao uso de outros recursos, o terceiro período distingue-se dos demais pela utilização de meios tecnológicos — rádio e televisão — para a veiculação do Programa de Alfabetização Funcional. Em 1977, foi implantado o PAF-via Rádio, em recepção organizada.

Avaliação do aluno

Outro aspecto importante do contexto metodológico é o de avaliação.

O MOBRAL elaborou uma série de itens para orientar e auxiliar o alfabetizador, na tarefa de identificar se o aluno pode ou não ser considerado como alfabetizado e, mais ainda, se está ou não pronto para prosseguir em estudo mais avançado.

Durante os dois primeiros períodos, esses itens eram apresentados em forma de lista, chamada decálogo, e no qual se fixava que, para ser considerado alfabetizado, o aluno adulto devia:

- 1) saber ler e escrever seu próprio nome, endereço e de toda a sua família;
- 2) saber ler e escrever ordens escritas;
- 3) ser capaz de escrever pequenos bilhetes, passar telegramas e recibos, bem como redigir requerimentos, se for orientado para isso;
- 4) saber resolver pequenos problemas, simples, sobre os acontecimentos do dia-a-dia;
- 5) saber somar e conferir notas de compra;

6) saber calcular os gêneros alimentícios que precisa comprar para a família;

7) saber fazer troco com o dinheiro em circulação (notas e moedas);

8) fazer o cálculo do tempo necessário, para viagens e deslocamento em condução;

9) saber expressar-se oralmente e por escrito de maneira simples e compreensível;

10) saber ler e interpretar pequenos trechos (jornais, revistas, cartas etc.).

No decorrer desses dois primeiros períodos, no entanto, sentiu-se a necessidade de operacionalizar esse decálogo, para que se tornasse de mais fácil utilização pelo alfabetizador.

Foram, então, repensados esses requisitos, para que se pudesse considerar o aluno como alfabetizado, sendo os mesmos reformulados em termos de objetivos terminais e intermediários.

Dessa forma, foi estabelecido que, para ser considerado alfabetizado, o aluno deve ser capaz de:

1) identificar o conteúdo dos textos e das frases que lê;

2) escrever textos e frases com sentido completo;

3) resolver situações-problema, envolvendo as quatro operações com números de 1 a 2 algarismos, com e sem agrupamento;

4) resolver situações-problema, que envolvam medidas de comprimento (m, cm, km), cálculo de perímetro, medida de capacidade (l), medidas de massa (g e kg), medidas de valor (cruzeiro e centavos), medidas de tempo (dia, mês, hora etc.), utilizando quantidades inteiras e frações.

Esses objetivos, acima expostos, são considerados terminais e, para serem alcançados, é necessário que o aluno atinja objetivos intermediários, que são:

1) dar, oralmente, o significado da palavra geradora;

2) identificar a palavra geradora;

3) relacionar a palavra geradora escrita com o seu significado;

4) escrever a palavra geradora;

5) separar as sílabas da palavra geradora;

6) discriminar as sílabas da palavra geradora;

7) distinguir as famílias silábicas da palavra geradora;

8) formar, oralmente, novas palavras com as famílias silábicas da palavra geradora;

9) dar, oralmente, o significado da nova palavra formada;

10) ler as palavras formadas com as famílias silábicas estudadas;

11) escrever novas palavras com as famílias silábicas estudadas;

12) ler qualquer palavra;

13) escrever qualquer palavra;

14) formar frases oralmente;

15) ler frases;

16) escrever frases;

17) ler textos;

18) reproduzir, oralmente, um texto lido, usando as próprias palavras;

19) escrever textos.

Em matemática, são os seguintes os objetivos intermediários:

1) ler e escrever números de um algarismo;

2) adicionar e subtrair números de um algarismo;

3) multiplicar e dividir com números de um algarismo;

4) ler e escrever números de dois algarismos;

5) adicionar e subtrair, sem agrupamento, usando números de dois algarismos;

6) multiplicar e dividir números de dois algarismos por números de um algarismo, sem agrupamento;

7) somar e subtrair com agrupamento, usando números de dois algarismos;

8) identificar as unidades de medida de comprimento (m, cm, km);

9) ler e escrever medidas de comprimento (m, cm, km), envolvendo somente números inteiros;

- 10) ler e escrever medidas de comprimento (m, cm, km), envolvendo os números fracionários $1/2$ e $1/4$;
- 11) operar com medida de comprimento (m, cm, km);
- 12) identificar as medidas de valor (cruzeiro e centavo);
- 13) ler e escrever medidas de valor, envolvendo só cruzeiros;
- 14) ler e escrever medidas de valor, envolvendo cruzeiros e centavos;
- 15) operar com medidas de valor, envolvendo cruzeiros e centavos;
- 16) identificar unidades de medida de tempo (hora, dia, semana, mês etc.);
- 17) ler e escrever medidas de tempo, envolvendo números inteiros;
- 18) ler e escrever medidas de tempo, envolvendo números fracionários;
- 19) operar com medidas de tempo;
- 20) identificar as figuras geométricas planas — quadrado, retângulo, triângulo;
- 21) calcular o perímetro de figuras planas.

O alfabetizador, devidamente orientado, tem toda a autonomia para considerar seu aluno como alfabetizado ou não. A avaliação é realizada durante o próprio processo de alfabetização, permitindo, através do conhecimento do ritmo de aprendizagem de cada um dos alunos, um trabalho que leve em consideração as diferenças individuais.

Além desses objetivos, que dizem respeito especificamente à área cognitiva, devem também ser levados em conta os objetivos geral e específicos do Programa de Alfabetização Funcional, explicitados no início desse estudo.

Em síntese, pode-se dizer que, no tocante à metodologia do Programa de Alfabetização Funcional, as modificações que ocorreram durante esses sete anos traduzem uma busca de aprimoramento de seus diversos aspectos, e, também, uma necessidade de flexibilidade das orientações dadas. Por outro lado, buscou-se, ainda, dar ao alfabetizador mais e melhores recursos que possibilitassem uma aplicação mais produtiva da metodologia.

ESTRATÉGIA

Por estratégia de desenvolvimento do Programa entendem-se as características de seu funcionamento, a sua estrutura.

Para a implantação do Programa em cada município, uma série de etapas de trabalho devem ser realizadas. Nesse estudo não temos condições de descrever, exatamente, como essa implantação acontece, pois as variáveis que interferem são múltiplas. Será feito, apenas, um resumo do que, em linhas gerais, deve ocorrer.

A primeira etapa desse trabalho pressupõe um diagnóstico do desenvolvimento do Programa, no ano anterior, assim como um diagnóstico da situação do município. De posse desses dados realiza-se, então, a etapa seguinte que consiste na mobilização de alunos, alfabetizadores e recursos físicos, materiais e financeiros para o PAF. O êxito do trabalho desenvolvido está ligado, portanto, a um envolvimento imprescindível da comunidade. Após a mobilização de alunos e alfabetizadores, assim como dos recursos necessários, é assinado um convênio com a Comissão Municipal, para o desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional. Em seguida à assinatura do convênio, os alfabetizadores participam do treinamento básico, cujo principal objetivo é garantir a utilização da metodologia do Programa e o alcance de uma boa produtividade no decorrer do mesmo.

Eis alguns aspectos da estratégia de desenvolvimento do Programa que devem ser analisados.

Duração

Na fase de implantação, foi fixada uma duração de cinco meses com duas horas diárias de aula, considerando-se de forma empírica que esse tempo era suficiente para que a maioria dos alunos se alfabetizasse. Os resultados obtidos, nos primeiros momentos da implantação, foram considerados satisfatórios, confirmando, portanto, a hipótese e validando a duração. De modo geral, essa duração manteve-se constante até hoje.

É importante dizer que o aluno não é obrigado a permanecer durante os cinco meses em classe: tendo ele um ritmo de aprendizagem

mais rápido, permanece, apenas, o tempo que lhe é necessário para se alfabetizar; tendo ritmo mais lento, inscrever-se-á no convênio seguinte.

No início da fase de sustentação do PAF (1973), foi realizada uma experiência para ampliar em mais um mês a duração do Programa, mediante a assinatura de um termo aditivo ao convênio normal. A produtividade apresentada pelo Programa, ao final do 5º mês de aula, era considerada satisfatória; no entanto, pensou-se que agrupando os alunos de várias classes, que não tinham sido alfabetizados no final do convênio, e havendo um reforço da aprendizagem durante mais um mês, se poderia alcançar índices de produtividade ainda mais elevados. Vários fatores contribuíram para que essa experiência não obtivesse os resultados esperados e, portanto, não fosse mantida — por exemplo, o fato de que os alfabetizadores deixavam de considerar os alunos como alfabetizados ao final do 5º mês, fazendo com que os mesmos frequentassem mais um mês de aula, e ainda a dificuldade de acesso às novas classes organizadas.

No final do 2º período (1976), começa a duração do Programa a ser diversificada, em função de características específicas da população a ser atendida. Têm, então, início as chamadas "iniciativas locais", ou seja, projetos especiais elaborados pelas Coordenações Estaduais/Territoriais e que visam o atendimento de clientela especiais. É o caso, por exemplo, dos pescadores no Rio Grande do Norte ou dos operários na construção civil em Brasília. No primeiro caso, o programa tem uma duração de oito meses e as classes funcionam no período em que os pescadores estão em terra firme. No segundo caso, o programa tem a duração de 10 meses e é assegurada ao aluno a possibilidade de mudança de classe, sempre que, por motivos de trabalho, ele seja transferido de uma localidade para outra, nas proximidades de Brasília.

No terceiro período, a maioria dos adultos continua a frequentar classes de duas horas diárias, durante cinco meses; no entanto, há uma grande ênfase na diversificação, em função das características da clientela e/ou programas. Pode-se citar, como exemplo, o Projeto de Atendimento Diferenciado de Belo Horizonte, com uma duração de 10 meses; a Campanha "Leitor Faz Leitor", cujo tempo de duração não é prefixado, dependendo apenas do ritmo de aprendizagem do aluno; os projetos para atendimento a pescadores em Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba etc., com uma duração de 8 meses; o Programa de Alfabetização Funcional e Educação para o Trabalho (PAFET) que, em sua fase experimental, apresentava uma duração de 6 meses, uma vez que esse projeto tem também como objetivo despertar os alunos para a necessidade de maior qualificação profissional.

Em linhas gerais, portanto, foi possível uma flexibilidade na duração do Programa de Alfabetização Funcional, desde o momento de sua implantação até o final de 1977.

Grupamento de classes

Quanto ao grupamento de classes, no início a orientação dada foi de que as classes fossem formadas com um mínimo de 20 alunos e um máximo de 35, sem entretanto haver uma rigidez no que diz respeito a essas normas.

Durante a fase de sustentação, permanece a orientação dada no período anterior. Sente-se, no entanto, no final dessa fase uma certa dificuldade na operacionalização dessa diretriz. Começam a surgir projetos especiais, também no que diz respeito à formação de classes. É o que acontece, por exemplo, em Roraima, para atendimento a pessoas residentes em áreas de população rarefeita; nesse caso, o mínimo foi fixado em cinco alunos.

No terceiro período, a dificuldade de formação de classes, com um mínimo de 20 alunos, passa a ser sentida por um número bem maior de Coordenações, e por isso vários outros projetos especiais começam a surgir. É o caso, por exemplo, do Rio Grande do Sul, que implantou o Projeto de Alfabetização a Domicílio e, também, projetos especiais propostos pelo MOBRAF Central como a Campanha "Leitor Faz Leitor", onde a estratégia de atendimento é individual, ou o PAFET, que supõe um mínimo de 15 alunos em classe.

Também em relação ao grupamento dos alunos, portanto, a estratégia de desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional variou ao longo desses sete anos, em função das características locais que, de certa forma, impuseram ao Programa condições de funcionamento. Assim, a partir de 1977, convivem formas totalmente diversas de grupamento dos alunos, que vão desde o atendimento individual até a formação de classes com 25 alunos em média.

Gratificação do alfabetizador

Desde o início da implantação do Programa de Alfabetização Funcional, a gratificação do alfabetizador foi estabelecida tomando-se como base o valor aluno-programa, valor esse reajustado ano a ano.

Entende-se por aluno-programa o aluno freqüente até o 4º mês de aula, inclusive.

Assim como houve variações na forma de grupamento dos alunos e na duração do Programa, a gratificação do alfabetizador dos projetos especiais também sofreu algumas modificações. No segundo período, foi estabelecida gratificação fixa, tanto em função de variações na duração do Programa como em função de mudanças na forma de grupamento de classes.

Na 3ª fase, podemos citar a gratificação fixa do alfabetizador do PAFET, por exemplo, ou o Projeto de Recuperação dos Alunos ao Longo do Processo, cuja gratificação por aluno-programa é acrescida de um adicional fixo, em função do fato de que esse alfabetizador trabalha mais duas horas semanais, dando um atendimento especial àqueles alunos que sentem alguma dificuldade.

Dessa maneira, formas diferentes de gratificação do alfabetizador passaram a existir lado a lado.

O pagamento aluno-programa é uma forma de tornar mais vivo o interesse do alfabetizador, para que o aluno freqüente as aulas até quase o final do Programa, pois dessa freqüência dependerá também a sua gratificação. Quando o recrutamento de alunos torna-se difícil pela rarefação da clientela ou por sua resistência em freqüentar as classes de alfabetização, há, forçosamente, uma baixa gratificação do alfabetizador, o que pode refletir numa diminuição do interesse em realizar o trabalho. Daí a opção feita em termos de projetos especiais, que supõem uma gratificação fixa aos alfabetizadores. Vale ressaltar que essa gratificação fixa nunca é superior ao pagamento aluno-programa do alfabetizador que conta com mais de 25 alunos no final do convênio.

Integração com outros programas

Durante o que para o Programa de Alfabetização Funcional caracteriza-se como uma segunda etapa de desenvolvimento, ou seja, o período que se estende de 1973 a 1976, são implantados pelo MOBREAL diversos outros programas que, na área de profissionalização, cultural, de saúde e ação comunitária, farão parte de um todo — o Sistema de Educação Permanente —, numa visão mais ampla do processo educativo.

Na análise da integração do PAF com os demais programas do MOBREAL pode-se utilizar dois enfoques distintos. No primeiro deles,

parte-se do ponto de vista da comunidade, cada um dos programas tendo seu próprio objetivo e atuando, especificamente, na dinamização de aspectos determinados da vida comunitária, havendo, no entanto, uma convergência tanto de seus objetivos como de suas atividades para a estruturação do Sistema de Educação Permanente. No segundo enfoque, ao qual limitaremos o presente estudo, a análise toma como ponto de partida o próprio Programa de Alfabetização Funcional, tendo em vista sua prioridade, no tempo, em relação aos demais programas do MOBREAL. Ainda dentro deste último enfoque pode-se distinguir a integração em termos de estratégias de desenvolvimento dos programas, direcionando-os para maior dinamização do PAF, e a integração em termos de conteúdos e atividades a serem desenvolvidos dentro da própria sala de alfabetização.

Conteúdos das diversas áreas do conhecimento estão presentes no Programa de Alfabetização Funcional, uma vez que o mesmo toma como base palavras geradoras ligadas às necessidades básicas do homem e preconiza, em sua metodologia, o aproveitamento em classe das experiências vividas pelos alunos.

Dessa forma, desde o princípio, conteúdos de outros programas sempre estiveram presentes no PAF, ainda que de forma embrionária. Durante os dois primeiros períodos da evolução desse programa esses conteúdos foram desenvolvidos, sempre que a metodologia, adequadamente aplicada, aproveitava-se do momento da exploração do cartaz gerador, por exemplo, para enriquecer os conhecimentos dos alunos sobre determinados assuntos.

A pouca qualificação dos alfabetizadores — um dado quase sempre constante — levou, no entanto, à criação de mecanismos que facilitassem a operacionalização de uma das características básicas da metodologia do PAF, que é a funcionalidade.

Isto ocorre, quase que exclusivamente, no último período da evolução do Programa. Surgem, assim, os projetos especiais de desenvolvimento do PAF acoplados a conteúdos específicos, os quais vão ser procurados em outros programas do MOBREAL. É o caso, por exemplo, do PAFET, já anteriormente citado, e que consiste no desenvolvimento de conteúdos de educação para o trabalho, ao longo do processo de alfabetização. Outro exemplo é o Projeto de Integração PAF/PES, que consiste no desenvolvimento integrado do Programa de Alfabetização Funcional e do Programa de Educação Comunitária para a Saúde.

Esses projetos de integração são propostos pelo MOBREAL Central às Coordenações Estaduais/Territoriais que, para sua adoção, devem considerar os alunos, seus interesses e necessidades.

Na verdade, as mudanças ocorridas, no que diz respeito a esse aspecto, são relativas ao fato de que ao alfabetizador são dadas condições de melhor desenvolvimento do PAF, na medida em que são colocados à sua disposição recursos que possibilitam maior funcionalidade, no desenvolvimento do processo de alfabetização.

Nota-se que, em todos os aspectos da estratégia do Programa de Alfabetização Funcional, acima analisados, ocorreram mudanças com vistas a tornar esse Programa mais adequado às características locais de sua implantação e desenvolvimento.

Qualificação de alfabetizadores

A capacitação dos alfabetizadores visando o desenvolvimento adequado do PAF foi considerada necessária e imprescindível desde os primeiros momentos da implantação do Programa. Vale dizer que, para serem alfabetizadores, são mobilizadas pessoas da comunidade que, em sua maioria, não têm uma formação para o magistério, principalmente no trabalho com adultos. Por outro lado, para a correta aplicação da metodologia adotada, era necessário dar orientações específicas.

A análise dos dados sobre o treinamento de alfabetizadores tem como base aspectos tais como: conteúdo desses treinamentos, recursos utilizados, época e responsáveis pela realização dessa atividade e, também, a forma como são ou foram realizados esses treinamentos.

Ao contrário do item sobre a estratégia do Programa de Alfabetização, onde são analisados um a um cada aspecto dessa estratégia, para assim se formar uma idéia do todo, nesse caso, proceder-se-á a uma análise global do treinamento de alfabetizadores, caracterizando-se as mudanças ocorridas em cada etapa.

O primeiro período, ou seja, aquele de lançamento do Programa de Alfabetização Funcional a nível nacional, caracteriza-se pela uniformidade com que esse treinamento era realizado. As diretrizes eram dadas a nível nacional e a uniformidade era garantida pelo fato de que os responsáveis por esse treinamento foram técnicos do MOBRAF Central que contavam com o apoio do agente pedagógico dos estados/territórios e de elementos da comunidade.

Em maio de 1972, tendo em vista as metas globais fixadas para o PAF e o ponto de estrangulamento representado pela carência de alfabetizadores qualificados, optou-se por usar o rádio como meio para o treinamento de alfabetizadores. Dentro do período proposto pelo proje-

to foram treinados 74.602 alfabetizadores dos cem mil inicialmente previstos.

Um dos objetivos do treinamento, por via radiofônica, foi o de preservar o conteúdo a ser transmitido, conteúdo esse que seria de mais difícil conservação, através do efeito multiplicador, caso fosse adotado, naquele momento, o treinamento por via direta. Esse objetivo evidencia o que foi acima exposto, quando se afirmou que, nos primeiros anos de implantação do Programa, havia uma certa preocupação em que os alfabetizadores fossem treinados do mesmo modo e sobre os mesmos conteúdos metodológicos, uma vez que não se dispunha, então, de um número suficiente de recursos humanos qualificados para a educação de adultos.

Ainda em relação à fase de implantação do Programa, pode-se afirmar que, à exceção do treinamento via rádio, não existiam épocas de treinamento bastante definidas, e que isso ocorria em função do fato de que tampouco existiam épocas predeterminadas de mobilização e início das aulas. Por outro lado, ênfase era dada à capacitação do alfabetizador, antes do início das aulas.

As informações sobre o acompanhamento dado ao alfabetizador, no decorrer dos cinco meses de duração do Programa, são bastante escassas, não sendo possível afirmar que esse acompanhamento existia e de que forma o mesmo se processava, uma vez que não tinha sido, ainda, implantado o Subsistema de Supervisão Global.

Em relação ao segundo período, caracterizado como a fase de sustentação e consolidação do Programa de Alfabetização Funcional e que, temporalmente, está situado entre 1973 e 1976, não ocorreram mudanças significativas, quanto ao conteúdo ministrado, nesses treinamentos. As orientações, dadas pelo MOBRAF Central, continuam a enfatizar a necessidade de que os alfabetizadores sejam treinados na metodologia do Programa.

Se por um lado, de 1973 a 1975 foram distribuídos diferentes materiais de apoio ao treinamento, elaborados pelo MOBRAF Central, inclusive recursos audiovisuais, por outro lado, em 1976, tenta-se uma nova forma de trabalho caracterizada pela não utilização de material predeterminado. A qualificação se fazia a partir da vivência dos passos metodológicos.

Ainda nesse período, as Coordenações Estaduais/Territoriais passaram a ter duas épocas bastante definidas, uma no primeiro e outra no segundo semestre de cada ano, para conveniamento e, portanto, para treinamento e início das aulas.

Nesse período, com a implantação do Subsistema de Supervisão Global (SUSUG), cujo objetivo prioritário é o acompanhamento do Programa de Alfabetização Funcional, o treinamento de alfabetizadores passa a ser assumido, principalmente, pelos supervisores.

As orientações para o treinamento chegam a esses supervisores, através do agente pedagógico, o qual por sua vez recebe orientações da Gerência Pedagógica do MOBREAL Central.

Como já foi dito anteriormente, é apenas durante esse segundo período que começam a ser implantados novos programas pelo MOBREAL. Esse fato faz com que os supervisores passem a ter diversas outras atividades, surgindo, então, a necessidade de dinamização da comunidade, para que a mesma assuma, de certa forma, o treinamento de alfabetizadores e acompanhamento das classes de alfabetização, através da formação dos chamados "grupos de apoio". As atividades, que são necessárias à dinamização de uma comunidade, e a importância de capacitar os elementos que deveriam se tornar responsáveis pelo acompanhamento das classes, fez com que não fosse possível o atingimento, a curto prazo, dos objetivos propostos como era a finalidade do Projeto de Maximização dos Recursos Humanos. O treinamento dos recursos humanos e a necessidade de acompanhamento do trabalho realizado por esses grupos exige um grande envolvimento, excedendo, naquele momento, as possibilidades das Coordenações.

Nesse segundo período, a necessidade de que, durante o desenvolvimento das aulas, o alfabetizador também fosse treinado, já começa a ser sentida e passam a existir duas estratégias de qualificação, assim definidas: treinamento básico, antes do início das aulas, e realimentações periódicas, algumas vezes mensais, durante o desenvolvimento das aulas. Nesse momento, procurou-se resolver dificuldades apresentadas pelo alfabetizador e detectadas quando das visitas de supervisão às classes.

A baixa qualificação dos alfabetizadores, em termos de conteúdos gerais, representava, no entanto, um ponto de estrangulamento na aplicação da metodologia e, conseqüentemente, no desenvolvimento do processo de alfabetização.

No terceiro período, caracterizado como a fase de diversificação do Programa de Alfabetização Funcional, considerou-se que o treinamento poderia ser dado tanto em termos de conteúdos gerais como em termos de conteúdos metodológicos, de acordo com a necessidade dos alfabetizadores. O conhecimento das características e necessidades dos alfabetizadores indica o trabalho que deve ser desenvolvido, durante a

sua capacitação: ao mesmo tempo, os elementos que melhor conhecem os alfabetizadores são aqueles que estão em contato direto com eles.

Pelas razões acima expostas, uma opção foi feita em relação a capacitação dos alfabetizadores, em termos de definição de competências. Por um lado, coube à Gerência Pedagógica do MOBREAL Central fornecer estratégias, alternativas e meios para a capacitação: e, por outro lado, às Agências Pedagógicas e ao Subsistema de Supervisão Global coube a escolha dos meios, alternativas e estratégias que melhor se adaptassem à capacitação dos alfabetizadores de seus estados ou territórios.

Buscou-se assim, nessa etapa, a flexibilidade das orientações para que as adequações fossem realizadas a nível local, de modo que o treinamento, realmente, respondesse às expectativas ou necessidades do alfabetizador.

Tanto para o desenvolvimento da capacitação em metodologia, quanto em conteúdos gerais, vários recursos foram colocados à disposição das Coordenações, as quais escolheram aqueles que melhor se adaptavam ao desenvolvimento do trabalho nos moldes em que se propuseram realizá-lo, de acordo com sua própria realidade.

Entre os instrumentais para treinamento, colocados à disposição das Coordenações, podemos citar o "Roteiro de Orientações do Alfabetizador", os módulos de Treinamento GIS (Global, Integrado e Sucessivo), as fitas do Programa de Alfabetização-via Rádio, o material do Programa de Autodidatismo e, também, os diversos materiais de outros programas.

Tendo em vista as dificuldades crescentes de mobilização de alunos e alfabetizadores, aliadas à necessidade de atingimento das metas, durante o ano de 1977, deixam de existir épocas muito marcantes de treinamento de alfabetizadores.

Nessa fase, os responsáveis diretos pelo treinamento dos alfabetizadores são, principalmente, os Supervisores de Área que executam o planejamento realizado pelas Coordenações.

Nota-se, também, durante o ano de 1977, a tendência para um progressivo equilíbrio entre a realização dos treinamentos básicos e das realimentações periódicas.

Algumas Coordenações, como a do Rio Grande do Norte, por exemplo, optaram por fazer o treinamento parcelado: mensalmente, os alfabetizadores são reunidos, para o planejamento da etapa seguinte dos trabalhos. Dessa forma, as dúvidas ou dificuldades dos alfabetizadores são solucionadas, à medida em que surgem, garantindo-se a operacionalidade do treinamento realizado.

Por outro lado, diversificações ocorreram, também, em relação à carga horária dos treinamentos e à forma de agrupamento dos alfabetizadores, em função do local de sua residência ou do fato de que era a primeira vez ou não que essas pessoas assumiam uma classe de alfabetização funcional, podendo, assim, ser dado um reforço naqueles aspectos em que esses alfabetizadores fossem mais carentes.

Em resumo, a evolução da qualificação de alfabetizadores apresenta, praticamente, as mesmas características da evolução do Programa de Alfabetização Funcional como um todo: parte-se da proposição de um modelo único para que, pouco a pouco, na interação com diversos aspectos da realidade, tais como características locais e da clientela, adequações e reformulações sejam propostas e levadas a efeito.

ACOMPANHAMENTO E CONTROLE DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL

O acompanhamento e o controle de um programa com um universo de atuação bastante amplo, como o PAF, têm redobrada sua importância, uma vez que os dados obtidos a cada momento são imprescindíveis para que possíveis adequações ou reformulações possam ser realizadas.

Nesse item, no que diz respeito ao acompanhamento, enfocaremos aspectos tais como supervisão direta e indireta, para então analisar como se processa o controle, propriamente dito, do PAF.

Acompanhamento

No primeiro período de desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional, a supervisão às classes era realizada de forma assistemática por técnicos do MOBREAL Central, cabendo a maior parte da responsabilidade da realização dessa atividade a elementos da Comissão Municipal.

Já no período seguinte, com a implantação do SUSUG, essa responsabilidade passa a ser dos supervisores, continuando o envolvimento da Comissão Municipal, mas agora em escala bem menor.

Ao final do segundo período, o esforço para um acompanhamento ainda mais direto e sistemático às classes de alfabetização funcional

não é traduzido por um acréscimo significativo no número de visitas de supervisão pedagógicas realizadas. As atividades a serem desenvolvidas pelos supervisores são ampliadas pelo seu envolvimento em outros programas do MOBREAL, ao mesmo tempo em que dificuldades de transporte e acesso a zonas rurais distantes começam a tomar maior vulto.

Duas tentativas de solucionar esse problema são realizadas: a primeira ainda no decorrer do 2º período de evolução do PAF e que redundou na formação dos grupos de apoio, já anteriormente referidos, quando da análise da qualificação de alfabetizadores.

A segunda solução tentada para esse problema foi a implantação, em 1977 — terceiro período, portanto —, do Plano de Supervisão Pedagógica por Metas ao PAF, que é uma busca de utilização mais racional dos recursos humanos das Coordenações e que fixa metas de supervisão para todos os elementos das COEST/COTER e, inclusive, para os próprios supervisores. Nesta etapa, o Subsistema de Supervisão Global é ampliado em termos de recursos humanos e são realizadas experiências nas Coordenações — Minas Gerais/Norte e Rio Grande do Sul, por exemplo — de concentração dos Supervisores de Área nos municípios de maior meta para o PAF, ou seja, naqueles municípios em que o número de adultos analfabetos é mais elevado.

Nesse período, os técnicos do MOBREAL Central supervisionaram apenas as classes de projetos especiais, em fase de implantação, como foi o caso do PAFET e do PAF-via Rádio. A responsabilidade da supervisão em geral ficou a cargo dos supervisores, que são orientados pela Agência Pedagógica, cujos elementos também realizam essa atividade, numericamente em escala muito menor do que o Subsistema de Supervisão Global.

Também no que diz respeito à supervisão indireta, o acompanhamento do MOBREAL Central no primeiro período foi assistemático. Os agentes pedagógicos não enviavam relatórios e o conhecimento do desenvolvimento do Programa pela Gerência Pedagógica era obtido, principalmente, através das viagens de supervisão realizadas e, em menor escala, através de cartas e depoimentos.

Durante o segundo período, a partir de 1974, os agentes pedagógicos passam a enviar relatórios. No entanto, há grande dificuldade no tratamento de tais dados, em função da não padronização das informações coletadas.

Já em 1977, o relatório de atividades da Agência Pedagógica é padronizado, sendo fixada uma periodicidade bimestral para o mesmo. Esses relatórios, trabalhados exaustivamente pela Gerência Pedagógica, possibilitaram um acompanhamento sistemático do desenvolvimento

do Programa de Alfabetização Funcional. A análise desses relatórios permitiu, também, a realimentação dos elementos das Agências Pedagógicas naqueles aspectos julgados necessários, assim como que fosse traçado um perfil do desempenho dessas Agências.

Controle

No primeiro período, a Gerência Pedagógica teve, principalmente, um controle quantitativo do desenvolvimento do Programa. O controle qualitativo foi assistemático, sendo realizado através das visitas de supervisão e pela análise da correspondência recebida.

No segundo período, a Gerência Pedagógica realizou, apenas, o controle qualitativo do Programa, através da assistência técnica prestada às Coordenações; ao Subsistema Integrado de Informações coube o controle quantitativo.

Na 3ª etapa de desenvolvimento do PAF, os dados tanto quantitativos como qualitativos de desenvolvimento desse Programa passaram a ser trabalhados de forma global, quando se passou a analisar o desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional tanto em termos quantitativos como em termos qualitativos. Esse trabalho integrado passou a ser realizado a nível das Coordenações pelos agentes de informática e pedagógico e, a nível de MOBREAL Central, pela Gerência Pedagógica e pelo Grupo de Informática.

Quanto ao acompanhamento e controle, portanto, houve uma evolução em direção à maior sistematização no desenvolvimento dessa atividade, obedecendo a mesma a uma progressiva estruturação. O próprio desenvolvimento dessa atividade ganha maior importância na medida em que o diagnóstico do Programa é um dado essencial para que se façam opções que impliquem mudanças na estratégia de atuação.

CONCLUSÕES

Para essas conclusões se tomará como base, principalmente, o último período, no qual, de certa forma, pode-se encontrar as grandes linhas do que será, possivelmente, o desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional nos anos vindouros.

Em primeiro lugar, é importante enfatizar que a diversificação, principal característica do ano de 1977, é irreversível, ou seja, que cada vez mais serão necessários, para o desenvolvimento do PAF, projetos especiais, tendo-se em vista as características da clientela a ser atendida.

A diversificação pressupõe uma capacitação dos agentes pedagógicos, no que diz respeito ao conhecimento das necessidades locais e das características da região. É necessário que esse agente tenha uma visão global de seu estado, para que possa optar mais conscientemente.

A implantação de projetos especiais exigirá um acompanhamento sistemático, para que se alcancem os resultados desejados.

Por outro lado, os projetos especiais também significam um acréscimo em termos de custos financeiros. A opção por uma expansão quantitativa, realmente significativa desses projetos, certamente terá que levar em conta os resultados obtidos em função dos gastos necessários.

Recomenda-se o uso, cada vez maior, de meios tecnológicos para a veiculação do PAF.

O papel da Gerência Pedagógica, em termos de projetos especiais, tende a ser de elaboradora de projetos que supõem um custo elevado e um conhecimento específico — como é o caso, por exemplo, dos programas pelo rádio ou televisão — e de orientadora, no que diz respeito à elaboração e implantação dos demais projetos especiais pelas Coordenações.

A importância do diagnóstico deverá levar, progressivamente, a uma situação em que as Coordenações Estaduais/Territoriais serão responsáveis pela própria elaboração dos projetos especiais. Os técnicos dessas Coordenações têm um contato maior com a realidade de seus estados ou territórios, sendo, portanto, as pessoas mais indicadas para propor estratégias especiais que visem à resolução de problemas locais, para o desenvolvimento do Programa de Alfabetização Funcional.

A integração do PAF com outros programas do MOBREAL deve ser buscada, cada vez mais, quer a nível de conteúdos e atividades realizadas nas classes de alfabetização, quer a nível de estratégias de desenvolvimento dos programas.

Conclusivamente, a experiência do Programa de Alfabetização Funcional, nas suas diferentes dimensões e abrangências, nos conduz para a síntese da educação permanente. Esta requer uma integração dos diferentes níveis educacionais, uma articulação entre as modalidades de educação escolarizada e extra-escolar, como também uma política de incentivo à educação de adultos. É preciso que se reconheça a

permanência da educação, com os conhecimentos, atitudes e comportamentos condicionados por um grande número de agentes, inclusive os meios de comunicação social.

Programa de Educação Integrada